

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

ANA LAURA BENACHIO

**Os entrecruzamentos poéticos na série *Trans-figurações de Quintana* de
Zoravia Bettiol**

Porto Alegre – RS

2014

ANA LAURA BENACHIO

Os entrecruzamentos poéticos na série *Trans-figurações de Quintana de Zoravia Bettiol*

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em História da Arte, no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dr. Daniela Kern

Porto Alegre – RS

2014



“Um curinga é um pequeno bobo da corte; uma figura diferente de todas as outras. Não é nem de paus, nem de ouros, nem de copas e nem de espadas. Não é oito, nem nove, nem rei, nem valete. É um caso à parte; uma carta sem relação com as outras. Ele está no mesmo monte das outras cartas, mas aquele não é seu lugar. Por isso pode ser separado do monte sem que ninguém sinta falta dele.”

Jostein Gaarder

Dedico este trabalho, com
todo o meu amor, para
Curinguinha,
Ana,
Laura,
Ana Laura Benachio,
e demais personalidades.

RESUMO

Esta pesquisa lança um olhar sobre as *Trans-figurações de Quintana* (2006), que compõe a produção recente da artista Zoravia Bettiol, observando questões técnicas e temáticas das obras. Busca-se mapear os entrecruzamentos estabelecidos entre arte visual e literatura nesta série, demonstrando a importância da transdisciplinaridade na arte brasileira atual que, neste caso, alcança também o teatro, como cenário da peça *Sobre Anjos e Grilos* (2006).

Palavras-chave: Zoravia Bettiol. Mario Quintana. Transdisciplinaridade. Arte no Rio Grande do Sul. Arte no Brasil.

ABSTRACT

This research takes a look at the *Transfiguration of Quintana* (2006), which comprises the recent production of artist Zoravia Bettiol, observing techniques and thematic issues of the works. We seek to map the intersections established between visual art and literature in this series, demonstrating the importance of transdisciplinarity in the current Brazilian art that, in the case, also reaches the theater, as part scenario *About Angels and Crickets* (2006).

Key-words: Zoravia Bettiol. Mario Quintana. Transdisciplinarity. Art in Rio Grande do Sul. Art in Brazil.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Capa do Jornal Zero Hora e do encarte Donna, de 03 abril 2011..... | 9 |
| Figura 2 - Princesa moura e velha carquincha. <i>Série Salamanca do Jarau</i> . Xilogravura, 25,5 x 30 cm, 1959. | 14 |
| Figura 3 – Folder da exposição <i>Homenagem a Simões Lopes Neto</i> , Espaço das Artes da UFCSPA, Porto Alegre, 2012..... | 16 |
| Figura 4 – América, <i>Série Kafka</i> . Xilogravura, 80 x 49,5 cm, 1977..... | 17 |
| Figura 5 - Meias amarelas, <i>Série Romeu e Julieta</i> . Xilogravura, 63 x 50 cm, 1970. | 18 |
| Figura 6 - Alice in the wonderland. <i>Série Imaginary Portraits</i> . Pintura (acrílica sobre tela), 130 x 90 cm, 1993. | 19 |
| Figura 7 - Cow-lice in The Wonderland, <i>Cow Parade – Porto Alegre</i> . Pintura em fibra de vidro, 160 x 200 x 80 cm, 2010..... | 19 |
| Figura 8 - Homenagem a Vinicius de Moraes, <i>Série Homenagem a Poetas</i> . Madeira, sisal e rami, 230 x 140 cm, 1971..... | 20 |
| Figura 9 – Agosto de 64 – Ferreira Gullar, <i>Série Ilustração de Poesia</i> . Desenho (tinta acrílica), 64 x 46 cm, 1993. | 21 |
| Figura 10 - Homenagem a Mario Quintana. <i>Série Homenagem a Poetas</i> . Tapeçaria (sisal, rami e madeira), 237 x 148 cm, 1970. Coleção de Dilmer E. Bettiol, Porto Alegre, Brasil. ... | 28 |
| Figura 11 – O Anjo Malaquias. <i>Série Universo de Mario Quintana</i> . Desenho (nanquim), 96 x 66 cm, 1984. Estúdio da Artista, Porto Alegre, Brasil. | 30 |
| Figura 12 - Poema III - Rua dos Cataventos. <i>Série Universo de Mario Quintana</i> . Desenho (nanquim), 96 x 66 cm, 1984. Estúdio da Artista, Porto Alegre, Brasil..... | 31 |
| Figura 13 - Homenagem a Mario Quintana. Instalação (pintura sobre tecido), 325 x 420 x 225 cm, 1986. Estúdio da Artista, Porto Alegre, Brasil. | 32 |
| Figura 14 – Cartão postal realizado para a peça <i>Sobre Anjos e Grilos</i> (2006), a partir de um dos painéis da instalação <i>Homenagem a Mario Quintana</i> (1986)..... | 33 |
| Figura 15 - Soneto 77. <i>Série Universo de Mario Quintana</i> . Desenho (tinta acrílica), 96 x 66 cm, 1993. Coleção Particular..... | 34 |
| Figura 16 - Detalhes de fotos que registram o <i>Sarau Visual Quintanartes</i> (2005)..... | 35 |
| Figura 17 - Convite para a inauguração do estúdio..... | 36 |
| Figura 18 - Fotos da inauguração do estúdio..... | 36 |

- Figura 19** - A Canção da Aia para o filho do Rei, *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 58 cm, 2005. Coleção Particular. 38
- Figura 20** – Dragão, *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 33,5 x 49 cm, 1958. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 39
- Figura 21** - O Nascimento dos Poetas, *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 58 cm, 2005. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 40
- Figura 22** - Canção da Garoa (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 58 cm, 2006. Coleção Particular..... 41
- Figura 23** - Canção da Garoa (pequena), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 22 x 30 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 41
- Figura 24** - Velha História (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 70 x 78 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 43
- Figura 25** - Velha História (pequena), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 21 x 28,5 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 42
- Figura 26** - São Jorge e o Dragão (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 59 x 42 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 44
- Figura 27** - São Jorge e o Dragão (pequeno), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 30 x 20 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 44
- Figura 28** - Mario Anjo Disfarçado de Homem (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 45
- Figura 29** - Mario Anjo Disfarçado de Homem (esquerda), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Coleção Particular. 45
- Figura 30** - Mario Anjo Disfarçado de Homem (direita), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 46
- Figura 31** - Revoada (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 70 x 78 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 47
- Figura 32** - Revoada (pequena), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 22 x 30 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 47
- Figura 33** - Canção Vespertina (vertical), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 59 x 42 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 48
- Figura 34** - Canção Vespertina (horizontal), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 20 x 30 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 48
- Figura 35** - Sobre Anjos e Grilos (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. 49

| | |
|---|----|
| Figura 36 – Convite da peça realizado a partir da monotipia <i>Sobre Anjos e Grilos</i> (pequena), <i>Série Trans-figurações de Quintana</i> . Monotipia, 21 x 30 cm, 2006. | 49 |
| Figura 37 - Esperança (grande). <i>Série Trans-figurações de Quintana</i> . Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. | 50 |
| Figura 38 - Detalhe da monotipia <i>Esperança</i> (grande). | 51 |
| Figura 39 - Esperança (pequena). <i>Série Trans-figurações de Quintana</i> . Monotipia, 22 x 30 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. | 52 |
| Figura 40 - A gare de Astapovo, <i>Série Trans-figurações de Quintana</i> . Desenho (nanquim e lápis de cor), 42 x 60 cm, 2006. Coleção Particular. | 53 |
| Figura 41 - Quintana em quatro tempos (grande), <i>Série Universo de Mario Quintana</i> . Desenho (nanquim, lápis e colagem), 60 x 42 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. | 54 |
| Figura 42 - Quintana em quatro tempos (média), <i>Série Universo de Mario Quintana</i> . Desenho (nanquim, lápis e colagem), 42 x 33 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. | 55 |
| Figura 43 - Universo de Mario Quintana, <i>Série Universo de Mario Quintana</i> . Desenho (nanquim, lápis e colagem), 42 x 60 cm, 2006. Coleção de Ailda Muradas, Florianópolis, Brasil. | 55 |
| Figura 44 - Caminhos. <i>Série Trans-figurações de Quintana</i> . Desenho (nanquim e lápis de cor), 59 x 42 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. | 56 |
| Figura 45 - Universo de Mario Quintana. <i>Série Trans-figurações de Quintana</i> . Instalação (acrílico sobre tela, ferro e papelão), 190 x 177 x 60 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil. | 58 |
| Figura 46 - Foto de Ramani Silva, em apresentação de 2011, do espetáculo <i>Sobre Anjos e Grilos</i> | 62 |
| Figura 47 - Exemplo de sequência de imagem realizada para criar a animação que compõe o cenário do espetáculo <i>Sobre Anjos e Grilos</i> (2006) | 63 |
| Figura 48 - Capa do programa, marcador de página, ímã de geladeira e adesivo da peça <i>Sobre Anjos e Grilos</i> (2006). | 65 |
| Figura 49 - Exemplo de postal, frente e verso. | 65 |
| Figura 50 - Capa e imagens da vinheta animada para a série <i>Quintana Anjo Poeta</i> , 2006, realizada pela RBS. | 66 |
| Figura 51 - Detalhes de fotos da montagem da exposição para a inauguração do <i>Espaço das Artes Zoravia Bettiol</i> , 2007, no Teatro Novo DC, Porto Alegre. | 66 |

LISTA DE SIGLAS

AGAPAN - Associação Gaúcha de Proteção do Meio Ambiente Natural
AGM - Associação Gaúcha Municipalista
ANPAP - Associação Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas
APAP - Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo
CCEV - Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo
CCMQ – Casa de Cultura Mario Quintana
CGTC - Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea
CPT - Centro Paulista de Tapeçaria
DAV – Departamento de Artes Visuais
FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado
FATEC – Faculdades de Tecnologia
FLIP - Festa Literária Internacional de Parati
FUMPROARTE – Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural
IA – Instituto de Artes
IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil
IBA – Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul
MAC – Museu de Arte Contemporânea
MAM – Museu de Arte Moderna
MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli
MNBA – Museu Nacional de Belas Artes
PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre
PUC – Pontifícia Universidade Católica
SESC – Serviço Social do Comércio
SESI – Serviço Social da Indústria
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UFCSPA – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| PRIMEIROS PASSOS | 9 |
| 1 RUMO À LITERATURA | 14 |
| Nas esquinas da teoria | 22 |
| 2 NA RUA DOS CATAVENTOS | 26 |
| Trans-figurando Quintana..... | 35 |
| Monotipias | 38 |
| Desenhos..... | 53 |
| Instalação | 58 |
| Em outras ruas | 62 |
| DESFAZENDO AS MALAS | 68 |
| MAPAS | 72 |
| CADERNO DE VIAGEM..... | 77 |
| Breve cronologia de uma vida plena | 78 |
| Obras e Referências | 91 |
| Entrevistas com Zoravia Bettiol | 100 |
| Entrevista com Deborah Finocchiaro | 120 |

PRIMEIROS PASSOS

O prólogo para a escolha deste caminho foi inusitado, meu primeiro contato com a artista não foi na faculdade ou em uma exposição, mas nas férias de verão, através de uma reportagem no Caderno Donna, da Zero Hora. Estranhei o fato de não reconhecer o nome ou a foto, mas simpatizei imediatamente com o sorriso de Zoravia Bettiol e fiquei fascinada com a sua personalidade.



Figura 1 - Capa do Jornal Zero Hora e do encarte Donna, de 03 abril 2011.
Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Em 2013, conversando com minha orientadora sobre ideias para o TCC, o nome da artista surgiu novamente. Como eu conhecia as obras apenas por imagens que pesquisei na internet, a professora recomendou uma visita ao estúdio da artista. E foi assim que, em 08 de Outubro, tive o prazer de conhecer pessoalmente Zoravia Bettiol.

A artista foi muito receptiva e me mostrou uma das séries que estava produzindo naquele momento. Enquanto ela falava sobre seu trabalho e sua vida, percebi como ela é sincera e forte, sai de lá apaixonada! Nesse encontro informal, aproveitei para adquirir o livro publicado sobre sua carreira e outros que ela ilustrou, a fim de iniciar minhas pesquisas.

Zoravia Augusta Bettiol nasceu em Porto Alegre, no dia 17 de Dezembro de 1935. Frequentou o Instituto de Belas Artes (1952 – 1955), fez estágio com o escultor Vasco Prado (1914 – 1998) - que se tornou seu marido e pai dos seus três filhos -, dedicando-se ao desenho e à gravura nesse período. Ao longo da sua carreira explora as mais diversas técnicas, entre elas

tapeçaria, arte mural, design de joias, performances, instalações, entre outras.

Estudou e morou no exterior por muito tempo, fez incontáveis exposições (individuais e coletivas), recebeu prêmios/homenagens e suas obras figuram em renomados museus. Além disso, é ativista em várias causas, arte-educadora e fundadora de associações artísticas e socioculturais.

Retornou definitivamente a Porto Alegre em 2000, onde mora e trabalha até hoje, na zona sul da cidade. A artista acabou se tornando um exemplo de vida para mim, pois é uma mulher cheia de garra, que aos 78 anos está envolvida em muitos projetos e fazendo planos para o futuro, que incluem a construção de uma casa mais adequada à profissão e a viabilização do Museu das Águas na orla do rio Guaíba.

Observando a produção exposta em sua casa, tive a impressão de que boa parte das obras tinham um quê de literatura, minha primeira área de estudos (sou formada em Letras e especialista em Letras e Cultura Regional), o que me deixou intrigada. Então, li o livro e o site oficial, nos quais confirmei a forte presença da literatura em sua arte e percebi que essa seria uma oportunidade para aproveitar os conhecimentos da minha formação anterior.

Eu já começava a engatinhar nos caminhos poéticos de Zoravia Bettiol, mas para aprofundar a pesquisa, era necessário fazer um recorte entre tantas séries que me interessaram e questões suscitadas. Foi quando descobri que *Trans-figurações de Quintana* (2006), além de ser sobre o querido poeta, também está presente na peça teatral *Sobre Anjos e Grilos* (2006), de Deborah Finocchiaro, tendo uma gama transdisciplinar ainda maior e unindo as minhas três predileções.

No meu trabalho busco compreender os entrecruzamentos poéticos entre arte visual e literatura na série *Trans-figurações de Quintana* (2006), através da análise de aspectos técnicos e temáticos das obras, ressaltando sua estreita relação com a poesia de Mário Quintana (1906 – 1994) e mencionando a participação no espetáculo teatral *Sobre Anjos e Grilos* (2006), apresentando a abordagem transdisciplinar e a contribuição da artista para a arte brasileira.

Conversando com meus amigos sobre o TCC, tive a impressão de que todos em Porto Alegre a conheciam de longa data, menos eu! Uns tinham visto exposições, outros eram amigos dela, um vizinho tinha feito curso de desenho no seu estúdio, fiquei realizada em saber que tantos outros compartilhavam minha admiração por Bettiol.

Alguns perguntaram por que não escolhi uma das séries mais consolidadas, com diferenciais técnicos pelos quais ela já foi amplamente valorizada, que tivessem um aporte teórico mais consistente, mais críticas e exposições. A resposta é simples: percebi que embora ela tenha continuado a produzir ativamente, experimentando e se renovando, suas obras mais

recentes não receberam a devida atenção. Saliento que, embora ela seja reconhecida e seus trabalhos tenham uma ótima divulgação na mídia online e impressa (jornais, revistas, televisão, internet, etc.), são escassos os estudos acadêmicos a seu respeito.

Em todo processo de pesquisa é normal que tenhamos algumas dúvidas, mas quando iniciei as entrevistas específicas sobre a série escolhida tive certeza de estar no rumo certo. Ouvindo-a falar sobre sua ligação com a literatura desde a infância, a relação com Mario Quintana, a dedicação para a cenografia da peça, me identifiquei muito, pois vi na prática a possibilidade de trabalhar com diversas áreas, questão latente em minha vida.

Observo que na arte atual a produção das obras engloba várias linguagens poéticas, gerando a necessidade de analisar esse fenômeno em conjunto e não isoladamente. A série *Trans-figurações de Quintana* (2006) foi escolhida por trabalhar com poesia ao invés de narrativa e também por demonstrar o domínio de várias técnicas, visto que é constituída por desenhos, monotipias e uma instalação.

Vale lembrar que a relação entre as artes era intrínseca em seus primórdios: poesias eram cantadas, mitos eram encenados e narrativas eram pintadas. Nessa época, a transdisciplinaridade era algo natural e não havia segmentação de conhecimentos, as áreas se correlacionavam e essa prática não exigia muitas justificativas, ao contrário, era incentivada.

Durante muito tempo a pintura foi valorizada pela sua capacidade de narrar, quer fosse utilizada para doutrinar sobre ensinamentos religiosos, para representar mitos ou imortalizar feitos heroicos. A pintura histórica estava no topo da hierarquia da academia e do gosto do público, sendo valorizada pela sua proximidade com o texto literário, ou seja, pela capacidade de traduzi-lo em alegorias, símbolos e imagens de compreensão tácita.

Mesmo pintores já famosos aceitavam instruções de escritores ou estudiosos de determinada área para compor as suas obras, como é o caso de Botticelli (1445 – 1510) nas suas telas com temas pagãos. Aliás, sua relação com a literatura se dá também na ilustração de livros, como por exemplo, *A Divina Comédia* (1321), de Dante (1265 – 1321). Havia uma amizade entre escritores, pintores e poetas, permitindo as influências entre os campos, que ocorria muitas vezes pelo acúmulo de funções de um único artista, devido aos seus interesses ou à sua formação.

As obras de arte eram apreciadas, analisadas e criticadas com os mesmos requisitos da poesia, no entanto, a partir dos estudos de Gotthold Ephraim Lessing (1729 - 1781), publicados em 1766, há uma ruptura no conhecido *ut pictura poesis* (como a pintura, é a poesia). Ele buscava esclarecer interpretações errôneas desta máxima, feitas por “pseudocríticos” que “Ora forçaram a poesia dentro dos confins estreitos da pintura; ora deixaram a pintura preencher toda

a larga esfera da poesia.” (LESSING, 1998, p. 76)

Desta forma as artes visuais conquistaram sua autonomia, sendo estudadas com base em critérios específicos e não pelas teorias da literatura, seu foco passou a ser a obra em si e não as referências literárias/poéticas. Inclusive, durante um longo período, qualquer ligação com o texto se tornou um aspecto negativo nas obras.

Porém, desde o modernismo os limiares entre artes visuais, literatura, música e teatro começaram a ser novamente apagados. Mario Praz (1896 - 1982) considera isso como uma interpenetração espacial e temporal, geralmente dada pela cultura da época. Ele afirma que “Todavia, podem-se observar linhas paralelas de desenvolvimento nas diversas artes. [...] Dar expressão ao sentimento do nada, do vazio, foi empresa tentada – para citar apenas alguns nomes – por Rothko na pintura, Antonioni no cinema, Kafka no romance, Beckett no teatro.” (PRAZ, 1982, p. 199)

Ouso dizer que hoje em dia os artistas estão indo além, as linhas sugeridas por Praz não são apenas paralelas, elas se entrecruzam, se invertem e se tornam curvas. As confluências entre arte e literatura não têm uma perspectiva de retorno cíclico ou de cultura símile, pois alcançamos já uma certa globalização e fomos atingidos pela cibercultura (novas tecnologias). A relação entre os campos busca um novo patamar, pois não se tratam de releituras ou de transposição, mas de hibridismos, que proporcionam novos sentidos.

A relação da arte com a literatura (entre imagem e texto) se dá de múltiplas e íntimas formas, seja através do significado, do objeto, da linguagem ou de uma combinação deles. O fato é que as poéticas não são estáticas; elas se imiscuem, produzindo reflexões, buscando a ideia em si, provocando. O que gera a demanda de analisar as obras abarcando todas suas peculiaridades conceituais, um desafio para críticos, historiadores e apreciadores.

Não tenho a pretensão de propor aqui um novo método, utilizo teorias e ferramentas já existentes nas áreas envolvidas, desejando dar uma das muitas abordagens possíveis para a série. Sendo assim, essa pesquisa iniciou com a revisão bibliográfica, englobando todo tipo de material divulgado sobre Zoravia Bettiol. Visto que há apenas um livro específico sobre ela, considerei também entrevistas, críticas, sites, depoimentos, vídeos, etc.

Em seguida, realizei um mapeamento da produção artística, buscando obras que por algum viés se relacionavam com a literatura. Depois, analisei as *Trans-figurações de Quintana* (2006) para ter uma visão mais aprofundada do entrecruzamento entre arte visual e literatura na produção da artista, que nessa série se amplia até o teatro. Foram utilizados para a leitura das imagens critérios como: composição, cor, material, técnica, símbolos, escolhas, diferenças/aproximações do tratamento literário, entre outros.

Também entrevistei Zoravia Bettiol, com o intuito de utilizar suas falas como subsídio para a compreensão da série, do seu processo de criação e da sua relação com as demais artes. Cabe esclarecer que não é o foco deste trabalho apresentar uma biografia detalhada da artista ou registrar pormenores do seu processo criativo através das entrevistas. Embora seja do meu interesse e extremamente importante para compor a História da Arte no Brasil, isso terá que ficar para uma próxima empreitada, mais longa. Neste momento, essas informações serão breves, com o intuito de contextualizar e compreender melhor a série analisada. Para os que desejam aprofundar esses conhecimentos ou ver/ouvir a artista, sugiro o site oficial, as entrevistas e documentários disponíveis online, cujos links estão na seção *Mapas*.

Por fim, apresento a organização do texto, na esperança de proporcionar alguns novos conhecimentos e bons momentos ao caro leitor. O capítulo inicial *Primeiros passos* é essa introdução, no qual escrevo sobre a pesquisa e os temas que serão abordados. A relação da artista com a literatura, tanto no âmbito pessoal como no profissional, será demonstrada, tomando por base textos anteriores, entrevistas e exemplos de obras, no segundo capítulo, intitulado *Rumo à literatura*.

Na Rua dos Cataventos tratará sobre as obras relativas ao poeta Mario Quintana. Serão elencadas todas as obras, com breves comentários e a série *Trans-figurações de Quintana* (2006) terá uma análise mais aprofundada, buscando apontar as relações estabelecidas entre arte, literatura e teatro, tendo sido selecionadas para leitura de imagem as seguintes obras: *Esperança* (monotipia), *Caminhos* (desenho) e *Universo de Mario Quintana* (instalação).

O capítulo final *Desfazendo as malas* contará com algumas considerações sobre todo o trabalho de pesquisa, abordando a transdisciplinaridade nas obras de Zoravia Bettiol e a sua contribuição para a arte brasileira.

Mapas é a seção que traz todo o material consultado, incluindo livros, catálogos e folder de exposições, vídeos, sites da internet, entre outras fontes. A cronologia, o registro das entrevistas realizadas, com a artista Zoravia Bettiol e com a atriz Deborah Finocchiaro, bem como o material contendo as poesias e as obras estarão no anexo denominado *Caderno de Viagem*.

1 RUMO À LITERATURA

O contato da artista com a literatura iniciou antes mesmo da sua alfabetização, seu pai criava histórias para ela e seus irmãos, com personagens próprios, sendo o romântico “menino azul” o preferido de Zoravia. Ela se lembra com carinho de uma passagem ocorrida por volta dos seus três anos, quando entrou na biblioteca de seu pai e pegou um grande livro sobre mitologia grega, que ele leu para ela. Mesmo depois dos jovens já lerem e escreverem, sua tia Rina ainda lia para eles contos chineses, franceses e iugoslavos. Sua mãe participou do desenvolvimento desse imaginário contando situações da vida de forma bem expressiva. (Cfe. Entrevista 1)

Sua família precisou se mudar de cidade várias vezes quando ela ainda era pequena, passando por Bento Gonçalves, Erechim e São Paulo, entre 1941 e 1947, em função da perseguição sofrida pelo pai (advogado e professor) durante a ditadura militar. Em 1947, retornam a Porto Alegre, onde Zoravia estudou no Instituto de Educação General Flores da Cunha até concluir o ginásio.

Depois, ela ingressou no Instituto de Belas Artes, onde fez a graduação em pintura, de 1952 a 1955, no final do curso já participa do 6º Salão da instituição. Após a formatura, dividiu um ateliê com a amiga Ada Aquino Frota e fez aulas de desenho e gravura com Vasco Prado (1914 – 1998) durante dois anos, além de participar de exposições coletivas. As suas primeiras exposições individuais ocorreram em 1959, mesmo ano em que se casou com o escultor Vasco Prado, pai dos seus três filhos: Fernando (1960), Eleonora (1962) e Eduardo (1971).



Figura 2 - Princesa moura e velha carquincha. *Série Salamanca do Jarau*. Xilografia, 25,5 x 30 cm, 1959.
Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=21

Paula Ramos (2007, p. 14) evidencia o início da inclusão literária no seu trabalho: “Em 1959, temos as xilos da série *A Salamanca do Jarau*, baseadas na lenda gaúcha compilada por Simões Lopes Neto, e que trazem a literatura e a magia para o seu trabalho.” A figura acima é uma pequena amostra da maturidade da sua técnica, que marca uma nova etapa na carreira da artista, conforme indica Roberto Pontual, no catálogo da exposição retrospectiva *Zoravia Bettiol: 15 anos de gravura*:

[...] Zoravia encerrava a fase inicial de disciplina, descoberta de temas e fixação de técnicas, ao mesmo tempo em que ficavam ali indicados futuros desdobramentos de sua obra, sobretudo o caráter narrativo e a disposição lírico-romântica, duas constantes do que mais tarde e até hoje ela viria produzindo. (PONTUAL in PMPA, 1971)

Após explorar diversas técnicas de gravura, a artista opta por se dedicar um pouco mais à madeira, pois esse material participa ativamente do trabalho através de seus veios. Zoravia destaca-se sobretudo pelo uso diferenciado das cores, que exige paciência e dedicação, pois cada cor é impressa individualmente e deve ser encaixada na gravura.

Em *Ensaio sobre a obra gravada de Zoravia Bettiol*, Paulo Gomes analisa sua produção como gravurista, esclarecendo as habilidades desenvolvidas a partir dessa técnica em específico:

A xilogravura permite a Zoravia encaminhar sua arte para o asceticismo, para o rigor e para a essencialidade que são, junto com a capacidade de condensação, as suas maiores virtudes. Enquanto a pintura desenvolve e nuança - com os efeitos de toque e uma inteira liberdade no emprego da cor -, a gravura é obrigada a abreviar. (GOMES in RAMOS, 2007, p. 46)

A consolidação desse diferencial técnico é registrada no verbete sobre a artista no Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos: “De inspiração lírica e buscando temática popular, dedica-se de modo especial à xilogravura colorida, com a obtenção de efeitos que têm sido objeto de interesse e análise de críticos brasileiros.” (CAVALCANTI, 1973, p. 224)

Entre esses críticos está Angelo Guido (1959) que escreve: “Sentiu e, em sua pessoal expressão gráfica, soube traduzir o fundo de poesia primitiva que as lendárias visões sugeriram ao seu espírito. É mais uma demonstração de como num velho tema o artista pode encontrar sempre elementos novos de expressão estética.”

Salamanca do Jarau (1959) permaneceu significativa ao longo dos anos, tanto que a Confraria dos Bibliófilos do Brasil convidou a artista para ilustrar a edição exclusiva do livro *14 Contos e uma lenda de Simões Lopes Neto* (2011), onde ela inovou mais uma vez. Os desenhos desta obra geraram a exposição *Homenagem a Simões Lopes Neto* (2012), no Espaço das Artes da UFCSPA, em Porto Alegre, cujo folder apresenta as diferenças de tratamento como uma forma de instigar o espectador a percebê-las:

Há que contar uma história e, se prestarmos bem atenção, poderemos observar que Zoravia, caso queiramos ser precisos, não propriamente traduz em desenho a narrativa de Simões Lopes Neto, mas antes elabora imagens e metáforas muito próprias a partir do enredo apresentado pelo autor. **Imagens cuja lógica, algumas vezes, vai em direção muito diversa daquelas das metáforas criadas por ele.** (KERN, 2012, grifo nosso)



Figura 3 – Folder da exposição *Homenagem a Simões Lopes Neto*, Espaço das Artes da UFCSPA, Porto Alegre, 2012.

Carlos Scarinci, em seu livro *A gravura no Rio Grande do Sul: 1900 – 1980*, passa por toda a história da gravura no nosso estado e dedica um capítulo especial a três artistas que considera fundamentais: Zoravia Bettiol, Leo Henrique Fuhro (1938 - 2006) e Iberê Camargo (1914 - 1994), mas que ficaram para uma consideração final por não se filiarem a nenhum agrupamento ou instituição e porque suas poéticas eram diferenciadas. Ele assinala as características peculiares da obra de Bettiol, destacando as ilustrações:

Contudo, o que impressiona na obra de Zoravia é o caráter parafrásico, de ilustração, de todas as suas “séries” iniciadas em 1959, com “Salamanca do Jarau”, sobre o texto tradicionalista lendário de Simões Lopes Neto. Suas gravuras passam, a partir de então, a constituir verdadeiras citações visuais, onde o caráter gráfico geralmente dado pelo corte é substituído, às vezes com muita oportunidade, pelas impressões sobrepostas de cor, criando, nos melhores casos, um mundo não isento de poesia e encantamento. A inspiração ou criatividade da artista parece, entretanto, só expandir-se quando ela se autocondiciona à exploração de um texto, aliás existente ou não, que dá sentido à série. (SCARINCI, 1982, p. 173)

“Uma contadora de histórias: imagens de muito tempo” é o texto de Maria Amélia Bulhões que demonstra detalhadamente a relação de Zoravia com a narrativa. Atentando ao fato de que devemos ir além dos aspectos técnicos da obra e reconhecer neles o encadeamento das ideias propostas:

Olhar seus desenhos ou pinturas é escutar histórias; é percorrer um espaço plástico, explorar sua linguagem e também reconstruí-la. Não se trata tão somente de seguir a continuidade dos planos, linhas e cores, mas de reconhecer estágios de pensamento, projetar encadeamentos em um fio narrativo, cujo significado é a resultante final desse trajeto. (BULHÕES in RAMOS, 2007, p. 113)



Figura 4 – América, *Série Kafka*. Xilogravura, 80 x 49,5 cm, 1977.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=48

Um exemplo é a xilogravura *América* (1977), que apresenta o uso peculiar da espacialidade para criar a narrativa no mesmo plano, trazendo diferentes momentos-chave do romance na obra. Em outras séries a solução encontrada é diferente, cada obra revela um personagem ou situação que, combinados, apresentam o todo da narrativa.

Em 1978, o crítico Jacob Klintowitz comenta:

Zoravia Bettiol enfrentou o mais difícil tema da nossa época, o indivíduo e a sociedade. Partiu de nosso biógrafo maior, Kafka, e criou uma equivalência de profundo poder poético. E a sua poética se autotransformou para isso, do lirismo à uma canção desesperada. O som do seu desenho é grave e o espaço-tempo é fechado e estático. O homem num labirinto, mas ainda assim um homem capaz de buscar. (KLINTOWITZ in RAMOS, 2007, p. 116)

A necessidade que a artista tem de produzir séries é um fator que favorece o uso de temas da literatura e a permanência da narrativa em suas obras. O que para os fãs é um deleite, para ela é uma espécie de maldição: “Bom, tem uma historinha que sempre vai ser a mesma, não consigo fazer um trabalho só. Sim, trabalho com séries, até encomendas já aconteceu, mesmo tapeçaria, que são longas para fazer, fiz uma encomenda e faço séries, acaba não ficando um trabalho isolado nunca, é horrível!” (Cfe. Entrevista 1)

Essa característica é considerada por historiadores da arte como essencial ao seu trabalho:

[...] para chegar ao trabalho em si, ela terá de percorrer um longo trajeto, testando várias soluções. E, como já foi assinalado neste mesmo texto, quanto mais pesquisa ela tiver de fazer, melhor: o combustível de sua criatividade são os desafios. O exercício da série, portanto, é não apenas incontestável, como basilar de sua arte. (RAMOS, 2007, p. 18)



Figura 5 - Meias amarelas, *Série Romeu e Julieta*. Xilogravura, 63 x 50 cm, 1970.
Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=37

A artista trata sobre temas universais, seja através do regional/nacional ou mesmo internacional, sua erudição desafia-se ao trabalhar com autores complexos ou textos já bem conhecidos. É o caso da história de amor de Romeu e Julieta, um tema que quase se banalizou pelo uso excessivo, mesmo assim, a artista consegue nos dar uma visão íntima dos personagens, que é ao mesmo tempo delicada e erótica, com cenas de um cotidiano desejado pelos amantes.

Erotismo que a fez ir à justiça americana para lutar pela liberdade de expressão das artes. A artista foi morar em São Francisco no ano de 1992, no ano seguinte fez uma exposição individual na prefeitura de Menlo Park, que foi fechada poucas semanas após a abertura porque uma funcionária do local se sentiu incomodada com algumas obras. O caso foi comentado no livro “Defending Pornography: Free Speech, Sex, and the Fight for Women's Rights”:

Uma das vítimas desta ideia equivocada de assédio sexual foi a artista brasileira Zoravia Bettiol, uma defensora franca da liberdade artística naquele país que fora anteriormente uma ditadura militar. É triste que a liberdade artística dela tenha sido agora sufocada por funcionários do governo bem aqui nos Estados Unidos! Em 1993, em Menlo Park, na Califórnia, a prefeitura apresentou a exibição de xilogravuras que mostravam deuses e deusas gregas e cenas de Romeu e Julieta. Autoridades da cidade terminaram abruptamente a exposição algumas semanas depois de aberta em resposta às reclamações de uma trabalhadora de que o retrato de corpos nus em alguns casos a faziam sentir “violada”. (STROSSEN, 1995, p. 135, tradução nossa)

Aos que questionam a relevância de uma nova criação diante de algo já visto na literatura, Maria Amélia Bulhões afirma:

A artista realiza em sua obra uma operação de desmascaramento do mundo epidérmico, revelando o tempo e o espaço próprios da imaginação criativa. Zoravia Bettiol está entre aqueles narradores cuja obra presta um testemunho especialmente original de um texto que, **mesmo já conhecido, convida-nos a um novo olhar.** (BULHÕES in RAMOS, 2007, p. 116, grifo nosso)

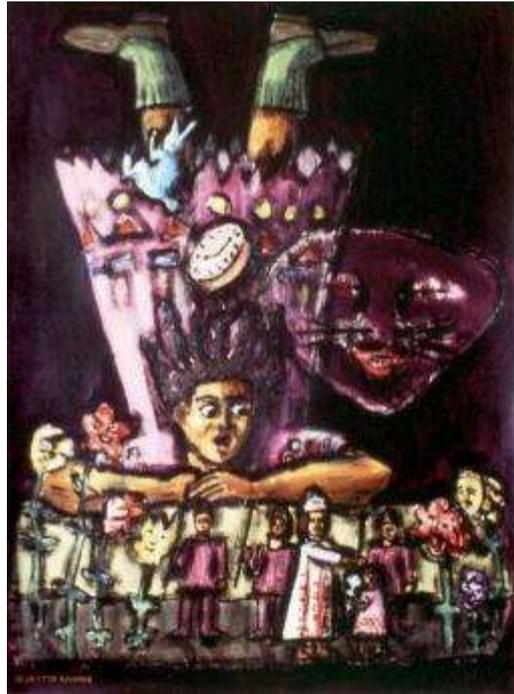


Figura 6 - Alice in the wonderland. *Série Imaginary Portraits*. Pintura (acrílica sobre tela), 130 x 90 cm, 1993.
Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/pinturas/listar_pinturas_gr.php?link_id=11



Figura 7 - Cow-lice in The Wonderland, *Cow Parade* – Porto Alegre. Pintura em fibra de vidro, 160 x 200 x 80 cm, 2010.
Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/objetos/listar_obras_objetos_gr.php?link_id=93

As obras acima são prova de que a recorrência de temas não é “mais do mesmo”. Além do diferencial técnico, uma pintura e um objeto, as escolhas na criação distam. Na primeira os elementos e personagens estão sobrepostos, representam o País das Maravilhas no todo, como uma memória ou visão de Alice. Para a *Cow Parade* o momento do chá é eleito, mais palpável para o leitor em geral, também enfatiza a questão do tempo com a presença de três relógios e o uso de cores vivas remete à infância.

Embora alguns dos temas trabalhados pela artista estejam mais relacionados a universos paralelos do que à realidade, seja pela proximidade da literatura ou por memórias, seu

engajamento social é muito ativo e sua produção também envolve questões ambientais, sociais e políticas:

A gravura de Zoravia Bettiol constitui um raro caso de linguagem parafrásica pura, uma poética centrada no exterior, na citação, numa visão idílica e acrítica, dir-se-ia ingênua não se tratasse de uma artista de nível internacional, e que expressa uma adesão satisfeita aos perenes valores da sociedade, da vida, do humano: uma mitificação (ideológica) do feliz e do simples. (SCARINCI, 1982, p. 173)

O escritor Jorge Amado (1912 – 2001) também aponta: “Mundo de ingenuidade, de magia, de contos de fada, e ao mesmo tempo, mundo sábio do conhecimento e da vida vivida, essa da arte de Zoravia, onde, se as crianças são heróis, sua lição de paz e amor é válida para toda a Humanidade, para cada um de nós.”

Essa questão é retomada por Bulhões, mas no que concerne à técnica:

A linha no seu desenho é solta, funciona na definição das imagens, na textura dos planos e como elemento decisivo de formulação do espaço. Um certo descompromisso formal emana dessa fluidez estruturada de maneira frágil. **Talvez essa aparência de ingenuidade seja buscada pela artista como marca de sua trajetória.** (BULHÕES in RAMOS, 2007, p. 117, grifo nosso)

Nada mais natural que esta marca seja impressa através de poemas, que muitas vezes têm suas palavras empregadas nas obras, trazendo à tona o papel gráfico da escrita, não apenas uma referência ao texto. É comum a valorização da forma das palavras em várias de suas gravuras, porém, saliento uma tapeçaria da série *Homenagem a Poetas* (1971), que surpreende ao dar três dimensões às poesias ao invés de usar o convencional plano. Além disso, inclui versos que simbolizam o poema/escritor.

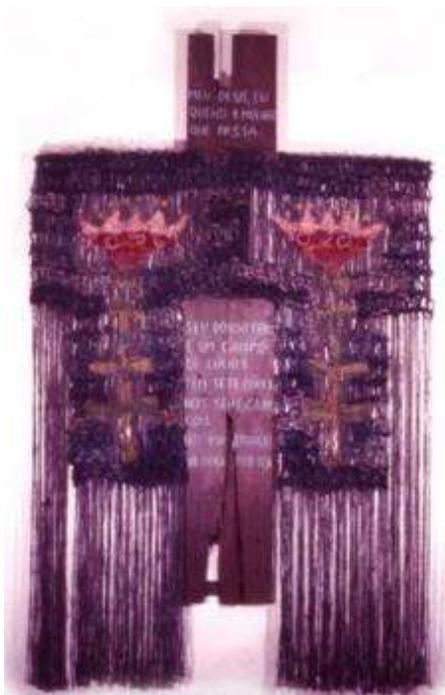


Figura 8 - Homenagem a Vinicius de Moraes, *Série Homenagem a Poetas*. Madeira, sisal e rami, 230 x 140 cm, 1971.
Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/arte_textil/listar_obras_textil_gr.php?link_id=8

Vinícius de Moraes (1913 – 1980) é enaltecido por um trecho de *Mulher que passa* (1938): “Meu Deus, eu quero a mulher que passa. | Seu dorso frio é um campo de lírios | Tem sete cores nos seus cabelos | Sete esperanças na boca fresca!” e a representação de lírios espelhados foi a decisão tomada para cobrir os braços de madeira da cruz que referencia Jesus e os martírios sofridos pelo enamorado.

A ligação de Zoravia Bettiol com a poesia é assinalada por Maria Amélia Bulhões, indicando duas possibilidades para uma criação diferenciada:

[...] Na construção de suas imagens, artista não raro realiza ilustrações de autores que lhe são queridos, inserindo textos no plano pictórico ou gráfico, a exemplo do instigante *Soneto 77*, da série o *Universo de Mario Quintana*. Tais textos ora poderão servir como complementares da ideia construída em imagem, ora servirão para representar uma chamada à origem da trama. (BULHÕES in RAMOS, 2007, p. 113)



Figura 9 – Agosto de 64 – Ferreira Gullar, *Série Ilustração de Poesia*. Desenho (tinta acrílica), 64 x 46 cm, 1993.
Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/desenhos/listar_obras_des_gr.php?link_id=42

Predominantemente sua ligação com a poesia se dá através do lirismo, entretanto, não se furta à crítica, nem mesmo nos temas mais delicados. No desenho acima a espacialidade central é construída de forma espiralada/sobreposta, demonstrando tudo que está sendo engolido pela realidade apresentada no topo, com a ousadia de incluir a morte de farda ao tratar sobre o período ditatorial.

Nas esquinas da teoria

A compreensão das obras aqui trabalhadas passa pelo conhecimento das teorias relacionadas às discussões sobre texto e imagem, literatura e artes visuais, e transdisciplinaridade. Elencarei alguns conceitos e esclarecimentos que foram úteis nessa jornada, retomando autores como Lessing e Praz já mencionados na introdução, em função da relevância teórica dos seus estudos.

É fato que a polêmica expressão *ut pictura poesis* foi mal interpretada, porém, até que os esclarecimentos viessem à tona, a crença vigente era pautada em comentários como: “a pintura é poesia muda e a poesia é pintura falante”. Lessing demonstra que essa igualdade não é possível através da análise da história de Laocoonte, cujo ápice é representado de modo divergente nos dois gêneros artísticos.

O autor colocou cada arte em seu lugar, delimitando a área de atuação delas, a fim de garantir a qualidade e independência: a pintura ficou com a representação de corpos e objetos (espaço), enquanto a poesia adequa-se mais às ações (tempo):

Eis o nó da questão. Por mais que os dois objetos enquanto visíveis sejam passíveis de ser propriamente pintados: ainda assim encontra-se uma diferença essencial entre eles, pois **aquela [poesia] é uma ação visível progressiva cujas diferentes partes acontecem uma após a outra na sequência temporal, esta [pintura], em contrapartida, é uma ação visível inerte cujas diferentes partes se desenvolvem uma ao lado da outra no espaço.** (LESSING, 1998, p. 190, grifo nosso)

Além disso, Lessing critica fortemente as abordagens teóricas do período que buscavam julgar as qualidades de uma ou outra arte através dos mesmos critérios:

[...] tomados por essa ideia, eles proferem no tom mais firme os **juízos mais rasos quando eles tomam por erros as divergências recíprocas entre as obras do poeta e do pintor sobre o mesmo objeto**, para em seguida, culpar uma arte ou outra, conforme eles tenham maior gosto pela arte poética ou pela pintura. (LESSING, 1998, p. 76, grifo nosso)

Infelizmente, esse tipo de juízo ainda é proferido, se não por estudiosos, ao menos por alguns espectadores. Por exemplo, no banheiro do cinema após ver um filme, que foi criado com base em romance homônimo, é possível ouvir a seguinte frase indignada: “Gostei muito do filme, mas a cena do beijo (do casamento, da morte, do encontro...) não está certa, no livro era diferente!”. Resta sempre uma sensação de estranhamento, de desconforto, como se algo estivesse errado, há um desejo de equivalência que deve ser evitado, conforme aponta Santos:

Com tal procedimento de entrada – interestética e invasiva -, poder-se-á, em algum momento do exame, acolher o fato de o-filme-não-ser-o-livro (não-querer-ser-o-livro, não-poder-ser-o-livro, definitivamente não poder) consistir na atitude formal adotada para tornar-se a película, assim, a realização de uma vontade não ainda, no campo da letra, expressa. (SANTOS in CASA NOVA, 2010, p. 258)

Embora tenha conquistado autonomia para campos de estudos específicos em artes visuais e literatura, creio que essa barreira imposta entre as artes por Lessing dificulta ao público não especializado a fruição de obras híbridas ou inspiradas uma na outra. Tornou-se difícil demover as principais ideias articuladas pelo autor, ainda que ele busque em seu texto aspectos positivos de uma e outra, ecoam termos como “imitação” e “traduzir”:

Minha hipótese segundo a qual os artistas imitaram o poeta não pretende diminuí-los. Antes, a sabedoria deles aparece na luz mais bela graças a essa imitação. Eles seguiram o poeta sem se deixar seduzir por ele nos menores detalhes. Eles possuíam um modelo, mas, uma vez que eles tiveram que traduzir esse modelo de uma arte numa outra, eles encontraram muitas ocasiões para pensar por si mesmos. E esses seus pensamentos próprios, que se manifestam nos desvios do seu modelo, comprovam que eles foram tão grandes na sua arte quanto ele na sua. (LESSING, 1998, p. 129)

As repercussões dos estudos de Lessing fizeram com que os campos artísticos tomassem rumos bem distintos, a diferenciação entre artes do tempo e do espaço foi tão marcante, que os movimentos que visavam uma ruptura com o passado buscam eliminar as fronteiras. A exemplo do cubismo, que reunia várias faces temporais em um único plano. Na literatura, esse movimento também foi almejado:

Não há um sucesso propriamente dito a governar os episódios de Ulisses mas, antes, a simultaneidade e a justaposição; como nas pinturas cubistas, a mesma forma reaparece misturando-se com outras, surgindo de súbito aqui e a li a mesma letra do alfabeto ou o mesmo perfil, numa rotação perpétua cujo resultado final é a imobilidade. Tudo isso ajuda a dar à estrutura do livro a aparência da interpenetração espacial e temporal almejada por futuristas e cubistas. (PRAZ, 1982, p. 202)

Mario Praz ao escrever sobre as relações entre literatura e arte, afirma a proximidade entre as áreas e menciona essa busca pela “interpenetração espacial e temporal” entre os modernos. Ou seja, principia o cruzamento das linhas estabelecidas, o pensar sobre a arte e sua função como um todo.

Os paralelos entre artes visuais e literatura, pelo contrário, parecem-me muito pertinentes; aqui, os campos estão mais pertos um do outro, e pode-se argumentar – como vimos – com base no caso de pintores que são também bons escritores e de escritores que sabem desenhar. Mas enquanto, conforme eu disse no começo, paralelos desse tipo parecem ser quase óbvios em épocas passadas, já não são tão óbvios na arte moderna [...]. (PRAZ, 1982, p. 226)

Muitos artistas vêm buscando, através de investigações e experimentações, superar as barreiras entre artes visuais e literatura, conforme afirma Veneroso (2010):

[...] a aproximação entre imagem e texto na arte do século XX pode ser vista como uma tentativa de reatar os antigos vínculos existentes entre ambos, tendo como precursores Mallarmé, com “Un coup de dés”, e Picasso e Braque, com os papier-collés. Ao mesmo tempo em que poetas como Mallarmé restauram a visualidade do poema, artistas plásticos vão buscar no texto a sua visualidade, a sua materialidade. (VENEROSO in CASA NOVA, 2010, p. 36)

Os textos sobre essa produção têm que considerar as peculiaridades, sejam escritos pelos próprios artistas ou por estudiosos. É possível encontrar uma grande quantidade de termos,

criados ou tomados de empréstimo em outras áreas, que visam dar conta dessa nova necessidade teórica. Neste trabalho opto pelo conceito de transdisciplinaridade, pois vai além de uma colaboração entre as áreas (interdisciplinaridade), prevê que o conhecimento produzido seja uno em seu sentido. De forma bem simples, podemos dizer que a transdisciplinaridade é o apagamento dos limites entre as disciplinas.

O termo foi utilizado primeiramente por Piaget, em 1970, no Seminário de Nice, a partir disso iniciaram-se os estudos, sobretudo na área da educação. Em 1994, é realizado o I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, em Portugal, no qual é criada a *Carta da Transdisciplinaridade*, que elenca alguns artigos esclarecedores, entre eles:

Artigo 3: A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. (FREITAS et al, 1999, p. 168)

O apagamento das fronteiras não significa a eliminação de nenhum campo, conforme esclarece o artista e pesquisador Ricardo Basbaum:

Lembrando que tanto um como o outro dos modos de produção de sentido configuram-se como entidades autônomas, dotados de estrutura e materialidade próprios, enquanto campos de ação constituídos por estratégias e práticas diferenciadas – será a maneira particular de produzir tal agenciamento, o atrito e fricção surgidos do contato entre os dois campos, que tornará possível afirmar a existência de um território próprio das artes plásticas. A arte moderna se identificará, então, com um território híbrido, no qual entrelaçam-se objetos e significados. (BASBAUM, 2007, p. 27)

A transdisciplinaridade é evidente na carreira de Zoravia Bettiol, sendo mais destacada a sua relação com a literatura, sobretudo a narrativa. No entanto, basta um olhar mais atento para perceber que ela mantém ligação estreita também com a poesia e atua em outras áreas como teatro, cinema e música. Esse entrecruzamento ocorreu naturalmente na sua vida, conforme afirma a própria artista, que mais uma vez homenageia a importante presença do pai:

Acho que também tem raiz na minha infância, na minha adolescência, na minha vida, porque meu pai era uma pessoa com muita cultura, cultura humanística, e... ele até foi um precursor da ecologia, isto dito pelo queridíssimo Carneiro, que faleceu há pouco tempo. Um dia, eu estava chegando cedo numa assembleia da AGAPAN, e perguntei para o Carneiro, mas como é que tu começaste a te interessar pela ecologia, ambientalismo? Ele disse, a culpa é do teu pai. Comentou que meu pai era professor de geografia dele, era professor de latim, história, português, geografia e era advogado também, e ele disse que o meu pai ensinava de uma maneira tão progressista, de uma forma mais global, que os princípios de ecologia que anos depois ele conheceu, o meu pai já intuía e passava para os alunos. (Cfe. Entrevista 1)

Um dos campos que trabalha intimamente as relações entre texto e imagem é a ilustração. Durante muito tempo o termo ficou marcado com um tom pejorativo, pois era

associado apenas à decoração da página ou restringia-se à função de auxiliar leitores iniciantes na compreensão do texto. Porém, Souriau (1990) nos esclarece o sentido original da palavra:

O emprego do termo 'ilustração' para designar as figuras decorando um texto, e as técnicas implementadas, ocorre apenas no primeiro terço do século XIX. Etimologicamente, a palavra está relacionada ao verbo 'ilustrar': tornar mais claro, mais inteligível, mas também dar brilho. (SOURIAU, 1990, p. 855)

A ilustração assumiu o papel preconizado em sua etimologia: o de complementar, confrontar ou ampliar as possibilidades semânticas do texto. Também não se limita mais ao suporte físico de livros, jornais e revistas, sendo utilizada na arte, no design e em sites da internet. As pesquisas sobre ilustração validam sua relevância artística e apontam os caminhos percorridos, a exemplo da autora Sophie Van der Linden (2011, p. 122-5), que estabelece funções para a relação entre texto e imagem:

- Repetição - ler a mesma mensagem de outra maneira;
- Seleção – apresentar apenas uma parte ou aspecto da mensagem;
- Revelação – revelar algo indispensável para a compreensão;
- Completiva – complementar o sentido ou ensejar um entendimento global;
- Contraponto – quebrar a expectativa através de mensagem oposta; e,
- Amplificação – suplementar o sentido ou sugerir uma interpretação.

Algumas das monotípias de *Trans-figurações de Quintana* (2006), são ilustrações de poemas de Mario Quintana, mas os entrecruzamentos não se dão apenas nessa forma, há também a criação com o uso da palavra no visual, com as falas do poeta e de outros sobre ele, com elementos identificadores da sua poética, entre outros; é por esse motivo que considero a série transdisciplinar, pois não se restringe a uma única linguagem ou técnica.

2 NA RUA DOS CATAVENTOS

Zoravia teve contato com a obra de Quintana quando ainda era menina: por volta dos 11 anos, a seção dele no Caderno H (jornal Correio do Povo) já chamava a sua atenção. Quando se casou com o escultor Vasco Prado, que era amigo dele, ela também acabou se aproximando pessoalmente do poeta. Ela afirma que a relação dos dois era muito divertida, desmistificando a imagem de ranzinza:

A gente contava muita piada e ele, aquele espírito brilhante e irônico! Porque tem gente que diz que o Mario era chato, que o Mario Quintana era rabugento, agora, cada pessoa inspira alguma coisa na outra, que dá uma inter-relação, não vou poder dizer nunca que ele foi rabugento comigo, porque seria mentira, mas posso acreditar que talvez com um colega de redação ou em outras circunstâncias isso possa ter acontecido, mas comigo ele era sempre divertido. (Cfe. Entrevista 1)

A artista redigiu um depoimento sobre sua relação com Quintana, ainda não publicado, mas que foi gentilmente cedido por ela e que, pela relevância e ineditismo, reproduzo aqui na íntegra:

DEPOIMENTO SOBRE MARIO QUINTANA – 2014

É com satisfação que se observa que a obra do nosso querido Mario Quintana a cada ano tem mais leitores não só com relação ao público adulto, mas principalmente com as escolas, as crianças e os jovens. Comecei a ler o Quintana quando era adolescente no Correio do Povo, no Caderno de Cultura, na sessão do seu Caderno H. Mais tarde o conheci pessoalmente e nossa relação era sempre muito divertida e agradável.

Realizei em 1970/71 a série de tapeçarias *Homenagem a Poetas* e me inspirei na *Canção de Um Dia de Vento*, de sua autoria, para criar a tapeçaria *Homenagem ao Mario Quintana*. Quando ele fez 80 anos fiz uma instalação tridimensional, em sua homenagem, baseada em algumas de suas poesias.

Quando realizei a mostra de Xilogravuras sobre Gênesis ele escreveu no catálogo da galeria Espaço o seguinte:

“As espantosas e singelas histórias do Genesis são dessas que continuam acontecendo na memória dos homens, vivas na sua dramaticidade. É o que nos mostra Zoravia em suas xilogravuras: as sucessivas cenas de cada história parecem apresentar-se simultaneamente, para formar a face única da beleza”. Mario Quintana, Porto Alegre, 1966.

Mais recentemente, em 2006 fiz a instalação *O Universo de Mário Quintana* e a série *Trans-figurações de Quintana* com obras em monotipia, desenho e colagem.

Realizei a serigrafia da peça teatral *Sobre Anjos e Grilos*, espetáculo solo da talentosa atriz Deborah Finocchiaro.

Também em 2006, a convite da RBS fiz os desenhos para uma vinheta animada para a série *Mario-Anjo Poeta*.

Os trabalhos apresentados aqui estão à venda no meu estúdio. Consulte pelo telefone (51) 3354- 2456.

Por Zoravia Bettiol
Porto Alegre, 2014.

A relação pessoal e o profundo conhecimento da obra de Mario são fatores indispensáveis para o cauteloso processo de transfiguração elaborado por Zoravia, no entanto, não podemos deixar de considerar o potencial visual das poesias de Quintana, que soube

sintetizar universos inteiros e sentimentos profundos com palavras simples. Ambos souberam criar universos oníricos que acabam por entrecruzar-se perfeitamente, plenos de idealizações e ingenuidades que somente as memórias de infância podem trazer.

Embora Mario Quintana utilize elementos modernos, como a linguagem coloquial, versos livres, humor, sarcasmo e ironia, sua temática é diversa e mantém a herança simbolista de seus ídolos. Zilberman (1992) disserta sobre esses pontos e reforça o caráter visual das poesias de Quintana:

É sob este enfoque que cabe verificar as imagens constantes em sua obra. São originárias do contexto urbano, salientando-se aquelas sugeridas pelas atividades de rua, o movimento das pessoas e de objetos, a presença de animais e vegetais que povoam o real. Trata-se de uma poesia predominantemente visual e ótica, mas não voltada à exterioridade, já que tudo que se torna alvo da observação do poeta transforma-se em símbolo de seu mundo interior. (ZILBERMAN, 1992, p. 70)

Por ter características peculiares, muitas vezes sua poética foi considerada simples, no entanto, ele usa palavras comuns para expressar sentimentos íntimos e temas complexos (medos, solidão, memórias, morte, identidade), dando ao leitor diferentes níveis de compreensão, conforme explana Tania Carvalhal:

[...] seu poema resulta de um empenho de composição que, ao instalar de imediato o clima lírico, possibilita a quem o lê o acesso rápido e envolvente. Portanto, a complexidade de sua poesia está no alcance de uma aparência despojada na qual **a palavra é imagem e som**. (CARVALHAL, 2005, p. 13, grifo nosso)

Essa proximidade entre Zoravia e Mario não se revela apenas em *Trans-figurações de Quintana* (2006), a produção ao longo dos anos reitera o respeito e afeto da artista, sempre prestigiando o poeta, desde o início da sua carreira. Uma das primeiras exposições individuais da artista ocorreu no exterior, quando ela participava do Grupo Quixote. No livro sobre a história do grupo consta a seguinte informação:

Na III Jornada, entretanto, há o registro da participação da artista plástica Zoravia Bettiol, que levou ao Uruguai uma série de painéis com poemas ilustrados. Entre os painéis, encontram-se ilustrações de poemas de Silvio Duncan, Pedro Geraldo Escosteguy, Fernando Castro e Manoel Walter, entre poemas de outros autores nacionais, como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Mário Chamie. (BIASOLI, 1994, p. 49)

Na entrevista, Zoravia esclarece o motivo de ir sozinha representando o grupo e o país:

Em 1958, eu participei de um concurso de poesia em Piriapolis, no Uruguai, pertencia ao Grupo Quixote, de poesia, foi até uma situação engraçada, acho que era em Janeiro, uma semana inteira Interamericana em Piriapolis, os poetas todos tiraram férias para ir, eu sempre trabalhei só por minha conta, mas mudaram para Março, se não me engano, então, só eu que fui! (Cfe. Entrevista 2)

Embora ela não tenha registros fotográficos desta exposição, lembra com carinho do evento e da presença de Quintana na série *Poesia Ilustrada Brasileira* (1959) que levou para lá:

Do Mario apresentei a canção do baú, as velhinhas mortas, não sei o quê, e fiz em aguada e aquarela a ilustração, usei tons de cinza, preto e um pouco de amarelo, que para mim significava um pouco melancolia, o clima da poesia, depois essa eu pus o dragão, da Canção da Aia, acho que eram só estas duas, depois dos outros eu fiz pintura, monotípia, aguada, já muitas técnicas desta exposição. (Cfe. Entrevista 1)

Em 1970, ela fez a tapeçaria abaixo, exemplo da versatilidade da artista, que conseguiu dar materialidade para o que é etéreo (vento, anjo), e da sua extrema sensibilidade na escolha da poesia, que homenageia outra personalidade portoalegrense: “Ele [Quintana] fez lembrando a filha do Maurício Rosemblat, que era muito amigo dele e do Érico Veríssimo, e o Maurício foi um dos criadores da feira do livro, ele perdeu uma filha, então esta poesia, nem gosto de dizer senão eu choro, acho emocionantíssima.” (Cfe. Entrevista 1)

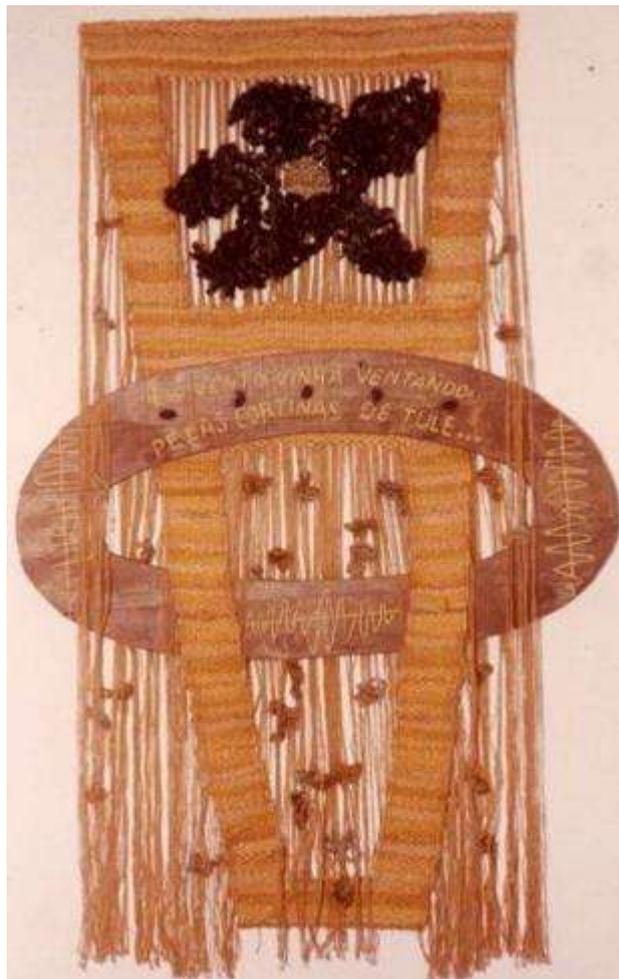


Figura 10 - Homenagem a Mario Quintana. *Série Homenagem a Poetas*. Tapeçaria (sisal, rami e madeira), 237 x 148 cm, 1970. Coleção de Dilmer E. Bettioli, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettioli.com.br/obras/arte_textil/listar_obras_textil_gr.php?link_id=6

Canção de Um dia de Vento

O vento vinha ventando
Pelas cortinas de tule.

As mãos da menina morta
 Estão varadas de luz.
 No colo, juntos, refulgem
 Coração, ancora e cruz,

Nunca a água foi tão pura...
 Quem a teria abençoado?
 Nunca o pão de cada dia
 Teve um gosto mais sagrado.

E o vento vinha ventando
 Pelas cortinas de tule...

Menos um lugar na mesa
 Mais um nome na oração.
 Da que consigo levava.
 Cruz, ancora e coração

(E o vento vinha ventando...)

Daquela de cujas penas
 Só os anjos saberão!

A técnica escolhida denota movimento, remete às cortinas trespessadas pelo vento. A presença da flor indicia a menina, mas também é símbolo da *vanitas*. Nessa obra há ainda a inclusão de textos (como em outras da mesma série), que, além de dar uma pista interpretativa ao espectador, devolve à grafia sua materialidade e reitera o ritmo do poema com a estrofe que é repetida, mas que assim como o vento e a vida, se esvanece no final.

Uma nova leva de trabalhos sobre o poeta foi realizada a partir de 1984. O desenho sobre o anjo Malaquias, considera o humor do poeta no texto homônimo, pois é representado travesso e rechonchudo, olhando para o espectador na sua realidade. A visão invertida, além de representar as asas que nasceram no lugar errado, dá uma pista de que o sentido do texto também é o oposto, visto que trata de trazer à tona os martírios sofridos cotidianamente e de revelar a dor de ter consciência disso, tanto que foi necessário suavizá-la através de uma historieta.

Trevisan elenca esse texto na seção que considera como a lógica do absurdo:

Em que consistirá semelhante lógica? Na subversão, aparentemente natural, das expectativas ordinárias. Noutras palavras, Quintana procura sobrepor, à coerência do cotidiano, outra coerência, a coerência do inusitado, do incrível, do fabuloso apresentado como se fosse o mais comum e familiar possível. [...] Concluamos: Henri Bergson tinha razão. Qualquer poeta pode tornar-se humorista. Mas se esse poeta se chamar Mario Quintana, o seu humor atinge a perfeição de uma esplêndida realização poética. (TREVISAN, 2006, p. 49-53)



Figura 11 – O Anjo Malaquias. *Série Universo de Mario Quintana*. Desenho (nanquim), 96 x 66 cm, 1984. Estúdio da Artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/desenhos/listar_obras_des_gr.php?link_id=50

O Anjo Malaquias

O Ogre rilhava os dentes agudos e lambia os beiços grossos, com esse exagerado ar de ferocidade que os monstros gostam de aparentar, por esporte.

Diante dele, sobre a mesa posta, o Inocentinho balava, imbele. Chamava-se Malaquias – tão piquinininho e rechonchudo, pelado, a barriguinha pra baixo, na tocante posição de certos retratos da primeira infância...

O Ogre atou o guardanapo ao pescoço. Já ia o miserável devorar o Inocentinho, quando Nossa Senhora interferiu com um milagre. Malaquias criou asas e saiu voando, voando, pelo ar atônito... saiu voando janela em fora...

Dada, porém, a urgência da operação, as asinhas brotaram-lhe apressadamente na bunda, em vez de ser um pouco mais acima, atrás dos ombros. Pois quem nasceu para mártir, nem mesmo a Mãe de Deus lhe vale!

Que o digam as nuvens, esses lerdos e desmesurados cágados das alturas, quando, pela noite morta, o Inocentinho passa por entre elas, voando em esquadro, o pobre, de cabeça pra baixo.

E o homem que, no dia do ordenado, está jogando os sapatos dos filhos, o vestido da mulher e a conta do vendeiro, esse ouve, no entrechocar das fichas, o desatado pranto do Anjo Malaquias!

E a mundana que pinta o seu rosto de ídolo... E o empregadinho em falta que sente as palavras de emergência fugirem-lhe como cabelos de afogado... E o orador que pára em meio de uma frase...

E o tenor que dá, de súbito, uma nota em falso... Todos escutam, no seu imenso desamparo, o choro agudo do Anjo Malaquias!

E quantas vezes um de nós, ao levantar o copo ao lábio, interrompe o gesto e empalidece... – O Anjo! O Anjo Malaquias! – ... E então, pra disfarçar, a gente faz literatura... e diz aos amigos que foi apenas uma folha morta que se desprende... ou que um pneu estourou, longe... na estrela Aldebaran...

Outra situação surreal, pois sugere ser advinda de um sonho, é apresentada através do *Poema III – Rua dos Cataventos* (1984). A artista optou por deixar os sapatos reffloridos de cabeça para baixo, o que reforça o inusitado da situação, com os peixes voando por entre as flores. Saliento que nessas obras não foram usadas cores vibrantes (dourado) como sugere o

primeiro verso, mas o nanquim foi escolhido, pois os tons escuros refletem uma certa melancolia que era própria do poeta, conforme Zoravia mencionou em entrevista.



Figura 12 - Poema III - Rua dos Cataventos. *Série Universo de Mario Quintana*. Desenho (nanquim), 96 x 66 cm, 1984. Estúdio da Artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/desenhos/listar_obras_des_gr.php?link_id=51

III

Quando meus olhos de manhã se abriram,
Fecharam-se de novo, deslumbrados:
Uns peixes, em reflexos doirados,
Voavam na luz: dentro da luz sumiram-se...

Rua em rua, acenderam-se os telhados.
Num claro riso as tabuletas riram.
E até no canto onde os deixei guardados
Os meus sapatos velhos refloriram.

Quase que eu saio voando céu em fora!
Evitemos, Senhor, esse prodígio...
As famílias, que haviam de dizer?

Nenhum milagre é permitido agora...
E lá se iria o resto de prestígio
Que no meu bairro eu inda possa ter!...

Para comemorar os 80 anos de Mario Quintana, em 1986, a artista criou uma instalação em preto e branco, em grandes dimensões. A monumentalidade do espaço permite ao espectador a imersão no universo do poeta, penetrando literalmente em vários poemas/referências e não apenas através da imaginação. As soluções plásticas valorizam mesmo as obras que estão atrás, conforme descrição da artista:

Esta instalação, fiz uma parte sugerindo um espelho, mas não tem nada atrás, tem uma bota que consegui lá no quartel, queriam me dar uma bota bonitinha e eu queria uma bota bem velha. [risos] É bonita esta instalação porque tu caminha, fiz do anjo Malaquias, que eu tenho um ali na sala. [...] Claro, aqui que eu te disse, que sugere o espelho, mas não é, é furado aqui, parece uma janela e dá a sensação que tem a janela refletida e a bota primeiro. Aqui tá inspirado em cinco poesias! E o baú das velhinhas, das avozinhas mortas lá atrás. (Cfe. Entrevista 1)



Figura 13 - Homenagem a Mario Quintana. Instalação (pintura sobre tecido), 325 x 420 x 225 cm, 1986. Estúdio da Artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/instalacoes/listar_obras_inst_gr.php?link_id=2



A imagem do painel à direita da instalação foi utilizada para o trabalho gráfico que criou o cartão postal da peça *Sobre Anjos e Grilos* (2006), com a inclusão de detalhes em cor. Embora Zoravia aponte que, por um equívoco no momento de colorir, o vestido da menina acabou como calça.



Figura 14 – Cartão postal realizado para a peça *Sobre Anjos e Grilos* (2006), a partir de um dos painéis da instalação *Homenagem a Mario Quintana* (1986)

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista

Canção da noite alta

Menina está dormindo.
 Coração bulindo.
 Mãe, por que não fechaste a janela?
 É tarde, agora:
 Pé ante pé
 Vem vindo
 O Cavaleiro do Luar.
 Na sua frente de prata
 A lua se retrata.
 No seu peito
 Bate um coração perfeito.
 No seu coração
 Dorme um leão,
 Dorme um leão com uma rosa na boca.
 E o príncipe ergue o punhal no ar:
 ...um grito
 aflito...
 Louca!

Mesmo quando morava nos Estados Unidos, ou talvez por causa disso, Zoravia não esqueceu as palavras do amigo poeta, cujo texto, presente como forma na tela, figura em inglês “*Postponed the suicides because it’s April in Porto Alegre.*” O título dado ao poema é *Outono*, mas a artista lembra que havia uma dúvida quanto à denominação, por isso o título do desenho ficou como *Soneto 77*, nome pelo qual a poesia era conhecida por ela.

A perspectiva é utilizada a fim de representar não só a janela, mas dois espaços distintos. O interior, que ainda mantém na alma as tristezas e pendura o cartaz, mas que se abre para o exterior, cuja paisagem idílica sobrepõe a urbana. O espectador se posta como participante também, pois é convidado a observar o cotidiano com outros olhos através do alívio que a nova estação proporciona.

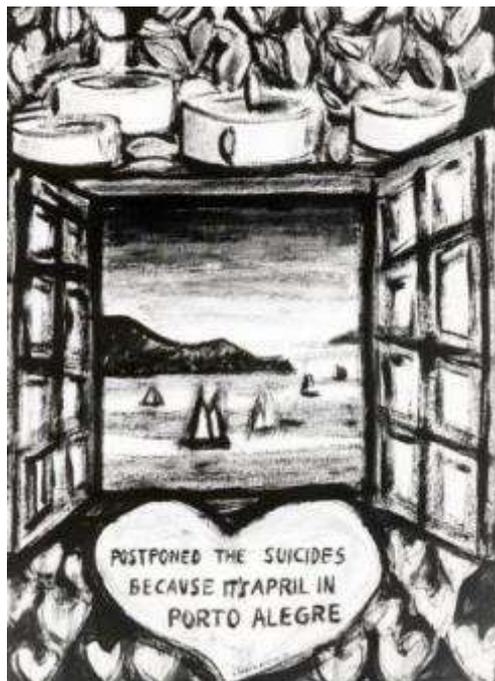


Figura 15 - Soneto 77. *Série Universo de Mario Quintana*. Desenho (tinta acrílica), 96 x 66 cm, 1993. Coleção Particular.
Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/desenhos/listar_obras_des_gr.php?link_id=52

Outono

O outono de azulejo e porcelana
 Chegou! Minha janela é um céu aberto.
 É esse estado de graça cotidiana
 Ninguém o tem sob outros céus, decerto!
 Agora, tudo transluz... tanto mais perto
 Quanto mais nossa vista se alontana
 E o morro, além, no seu perfil tão certo,
 Até parece em plena via urbana!
 Tuas tristezas... o que é feito delas?
 Tombaram, como as folhas amarelas
 Sobre os tanques azuis... Que desaponto!
 E agora, esse cartaz na alma da gente:
 ADIADOS OS SUICÍDIOS... Simplesmente
 Porque é abril em Porto Alegre... E pronto!

Em 2005, Zoravia iniciou a parceria de trabalho com a atriz Deborah Finocchiaro, mas a amizade e admiração mútua é anterior, conforme ambas comentaram nas entrevistas. A atriz relata como surgiu a ideia para o Sarau Visual:

E a Zoravia eu já conhecia a obra dela, admirava, em 2005 a gente habitava a Usina do Gasômetro, o Grupo dos Cinco, meu grupo na época, foi o primeiro grupo a ser chamado lá, pelo Caco Coelho, em contrapartida tinha que dar um evento por semana, foi maravilhoso por um lado e mega desgastante por outro, e entre milhões de projetos que inventei lá, tinha o sarau visual. A ideia era convidar um artista plástico, pegar alguém da literatura ou um poeta e um ator e, através do ator e do artista plástico, expressar esta transcrição mesmo, que eu chamo, e este sarau visual, entre outros, teve com o Leandro Selister, com a Belloni... e com a Zoravia fiz o Sarau Visual Quintanarte. (Cfe. Entrevista 3)

O sarau teve apresentações ao longo de dois anos, em Porto Alegre, na Usina do Gasômetro (2005) e na CCMQ (2006), além de algumas cidades no interior do estado, a

exemplo das Feiras de Livros de Quaraí (2005), Caxias do Sul (2005) e Santa Maria (2006). Também esteve no estado de São Paulo, em Ribeirão Preto, na biblioteca do SESC (2006). Abaixo a notícia que divulga o evento na capital, que inicialmente tinha outra denominação:

Outro projeto unificador das artes é o Sarau Visual, do Grupo dos Cinco, que terá continuidade hoje, às 20h na Sala 402, com *Palc Plast Poes – Um imbróglío*, que tem como fio condutor o Universo de Mario Quintana. A exposição será da artista plástica Zoravia Bettiol. Ela conviveu com o poeta, que a inspirou na criação de ilustrações, tapeçaria e instalações. A atriz Deborah Finocchiaro participa com a interpretação de poesias e Zoravia vai comentar a elaboração das obras, suas diferentes modalidades artísticas e materiais empregados. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2005, p. 04)



Figura 16 - Detalhes de fotos que registram o *Sarau Visual Quintanartes* (2005).
Fonte: imagens gentilmente cedidas pela atriz

Observar o percurso dos trabalhos realizados por Bettiol sobre o poeta, desde o início da sua carreira, nos dá um vislumbre do seu profundo conhecimento da vida e obra de Quintana. Suas experiências com a poesia dele, as motivações pessoais e as pesquisas culminam em obras e séries maravilhosas. A admiração e identificação com o universo do poeta é evidente na série que analisarei a seguir e que é a base desse trabalho.

Trans-figurando Quintana

A primeira vez que as obras da série *Trans-figurações de Quintana* (2006) foram expostas ao público foi no evento de abertura do estúdio da artista no bairro Teresópolis. Ela preparou a inauguração cuidadosamente, inclusive comprou gazebo para a parte externa porque tinha previsão de chuva e colocou um banner na sacada para receber o público. Infelizmente, não houve cobertura externa e existem poucas fotos, todas tiradas de um mesmo ângulo, pois muitas pessoas foram prestigiar o evento e a circulação estava difícil. A série não era o único atrativo do encontro, conforme relato dela em trecho da entrevista:

Foi uma noite especial e meio triste, porque fiz uma homenagem para a Tania Carvalhal que tinha traduzido a obra do Mario e era minha amiga, tinha a família dela aqui, o marido e um filho. Para mim foi triste, porque... [ela não estava presente]. É.

Ao verificarmos as questões entre texto e imagem, convém considerar o título para a compreensão de uma obra ou série, mesmo quando propositalmente inexistente ou dúbio. No trecho abaixo, Márcia Arbex refere-se especificamente a Duchamp (1887 – 1968), porém, a reflexão é aplicável a outros artistas:

Desde 1911, com o deslocamento dos títulos dos quadros de pintura para o interior da moldura, observamos que um diálogo se instaura entre o texto e a imagem. Inscritos na parte inferior da tela, oferecidos ao espectador/leitor ao mesmo tempo que a imagem, os títulos parecem ter, de início, a função de designar. No entanto, não se trata de uma designação literal; esses títulos são elaborados de modo a criar uma distância e uma tensão entre a representação e o conteúdo do texto, indicando desde aquela época o interesse do artista pelos jogos de linguagem. (ARBEX in CASA NOVA, 2010, p. 58)

A denominação *Trans-figurações de Quintana* dada para a série é uma licença poética, visto que a grafia correta da palavra é “transfigurar”, a presença do hífen destaca o prefixo latino “trans”, que significa “além de”, enfatizando o sentido de movimento, de mutação, de transformar a figura. A artista explica: “Mas *trans* parece que indica movimento, mudança, figurações que mudam, que não são estáticas.” (Cfe. Entrevista 1). Ou seja, de antemão esclarece que não será uma representação literal ou hermética do que foi escrito, que irá trabalhar com possibilidades, permeadas pela visão da artista para os poemas ou informações relacionadas ao poeta Mario Quintana.

As obras pautadas em poemas específicos foram denominadas com o mesmo título do poema, as demais são referências ao que está sendo proposto, sejam falas do poeta, informações sobre ele ou elementos recorrentes em suas poesias, salvo alguma exceção que será mencionada posteriormente.

Toda a série será apresentada neste capítulo, porém, dada a sua extensão, a maioria terá apenas breves comentários e três serão analisadas: Esperança (monotipia), Caminhos (desenho) e Universo de Mario Quintana (instalação). O critério utilizado para a escolha foi a variedade de técnicas, demonstrando a pluralidade da produção da artista.

Cabe esclarecer que, embora para a exposição de abertura do estúdio no bairro Teresópolis exista um número definido de obras (28), nem todas foram localizadas. Após uma pesquisa mais aprofundada e através de conversas com a artista, verifiquei que mais obras podem ter sido incluídas no rol desta série, inclusive trabalhos anteriores e que algumas foram vendidas antes mesmo do registro fotográfico ou exposição.

Monotipias

A monotipia figura amplamente nessa série, como possui variáveis em sua aplicação, solicitei à artista que me explicasse sobre a técnica utilizada por ela no processo de criação:

Por exemplo, eu quero fazer uma monotipia com isso [desenho], então, ponho na mesa, coloco um vidro, imobilizo o vidro e enxergo o que tem embaixo, pode ser preto e branco ou podia estar em cor, depois, vamos supor que aqui é verde amarelo e roxo, então, eu tenho o desenho das áreas de cada cor, ponho com a tinta guache a cor na área correspondente, prendo o papel, que levanto e abaixo, depois passo a tinta, abaixo o papel que está preso e faço pressão com a mão, levanto, pego a outra cor e assim [por diante]. (Cfe. Entrevista 1)

As vantagens dessa produção são apontadas como novas possibilidades na carreira de Bettiol:

O caminho em direção ao pictórico, depois do esforço de chegar à excelência gráfica, levou Zoravia à **monotipia** que, assim como a litografia e a serigrafia, **oferece condições de processos pictóricos, ela restitui a cor, os degradês, o toque...** Considerando-as como gravuras, pois são gravadas, essas imagens não têm ambição da reprodutibilidade. **Não são obras de síntese; ao contrário, parecem mais um novo caminho a ser trilhado.** (GOMES in RAMOS, 2007, p. 58, grifo nosso)

A artista afirma que essa escolha não foi consciente, porém, a predominância do uso dessa técnica na série leva a crer numa relação direta com a ludicidade dos temas, sobretudo pelo uso de tinta guache (que nos remete aos pequenos potinhos coloridos da pré-escola). Como Zoravia já é bastante experiente, a seleção deve ter ocorrido de forma natural, pois ela afirmou essa crença em uma palestra sobre criatividade:

Na minha opinião, sempre o conteúdo exige e determina a forma. [...] é essa bem lograda relação conteúdo-forma que ressalta como manifestação estética aos olhos do espectador. No entanto, na obra de arte há toda uma gama de motivações implícitas que estão associadas ao processo criativo de cada artista. (BETTIOL, 1983, p. 6)

Canção da aia para o filho do rei



Figura 19 - A Canção da Aia para o filho do Rei, *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 58 cm, 2005. Coleção Particular.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=71

Canção da Aia para o filho do Rei

Mandei pregar as estrelas
 Para velarem teu sono.
 Teus suspiros são barquinhos
 Que me levam para longe...
 Me perdi no céu azul
 E tu, dormindo, sorrias.
 Despetalei uma estrela
 Para ver se me querias...
 Aonde irão os barquinhos?
 Com que será que tu sonhas!
 Os remos mal batem n'água...
 Minhas mãos dormem na sombra.
 A quem será que sorris?
 Dorme quieto, meu reizinho.
 Há dragões na noite imensa,
 Há emboscadas nos caminhos...
 Despetalei as estrelas,
 Apaguei as luzes todas.
 Só o luar te banha o rosto
 E tu sorris no teu sonho.
 Ergues o braço nuzinho,
 Quase me tocas... A medo
 Eu começo a acariciar-te
 Com a sombra de meus dedos...
 Dorme quieto, meu reizinho.
 Os dragões, com a boca enorme,
 Estão comendo os sapatos
 Dos meninos que não dormem...

Comecei com uma canção entoada para o filho do rei, representada visualmente sem uma disposição lógica, apenas com elementos da narrativa poética orbitando, o que reitera a noção do sonho e a delicadeza do sono infantil.

Dragão



Figura 20 – Dragão, *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 33,5 x 49 cm, 1958. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista

O Dragão

Na volta da esquina encontrei um Dragão.

- Que lindas escamas...senhor Dragão! Que luminoso laquê! E as chamas que deitais por vossa goela têm o colorido e o movimento de um balé. E o ar heráldico, Excelência, que...
E o Dragão saiu se rebolando.

A Bela e o Dragão

As coisas que não têm nome assustam, escravizam-nos, devoram-nos...

Se a bela faz de ti gato e sapato, chama-lhe, por exemplo, A BELA DESDENHOSA. E ei-la rotulada, classificada, exorcizada, simples marionete agora, com todos os gestos perfeitamente previsíveis, dentro do seu papel de boneca de pau. E no dia em que chamares a um dragão de JOLI, o dragão te seguirá por toda parte como um cachorrinho...

A obra *Dragão* fazia parte da *Série Bichos Imaginários*, de 1958, mas foi incorporada à *Trans-figurações de Quintana* (2006), provavelmente, por ser um tema sempre trabalhado pelo poeta, como nos exemplos acima, e porque foi referência para o dragão da monotipia apresentada anteriormente, a *Canção da Aia para o filho do Rei* (2005).

O Nascimento dos Poetas

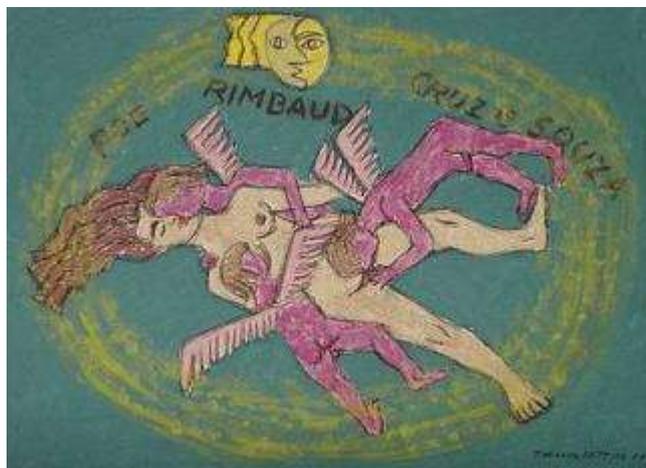


Figura 21 - O Nascimento dos Poetas, *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 58 cm, 2005. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista

XXXXXXXXXX

Quem disse que a poesia é apenas
agreste avena?
A poesia é a eterna Tomada da Bastilha
o eterno quebra-quebra
o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas
as esquinas

e,
a um ruflar poderoso de asas,
entre cortinas incendiadas,
os Anjos do Senhor estuprando as mais belas filhas dos
mortais

Deles, nascem os poetas.
Não todos... Os legítimos
espúrios:
um Rimbaud, um Poe, um Cruz e Souza...

(Rege-os, misteriosamente, o décimo terceiro signo do
Zodíaco.)

Zoravia teve um olhar excêntrico sobre o poema “O Nascimento dos Poetas” ao escolher o momento do estupro para representá-lo. Sua intenção era lidar com o erotismo latente no poema, conforme explica:

Os anjos que estupravam as mulheres formosas, acho que ficou bem mais sacana e erótico que os anjos são crianças e não adultos, ficou mais inusitado do que fazer os anjos adultos, que era mais previsível, digamos, depois escrevi Alan Poe, Rimbaud, Cruz e Souza, esta imagem tem alguma coisa relacionada com a lua ou algum símbolo que fiz, teria que ver o poema. (Cfe. Entrevista 1)

O símbolo ao qual ela se refere provavelmente é o décimo terceiro signo do zodíaco, que por não existir (pelo menos até 2011), não teria uma representação própria e uma combinação de astros foi utilizada para fazer uma referência à astrologia. É relevante o fato de ela manter a homenagem aos poetas considerados legítimos por Quintana, integrando seus nomes à imagem.

Canção da garoa

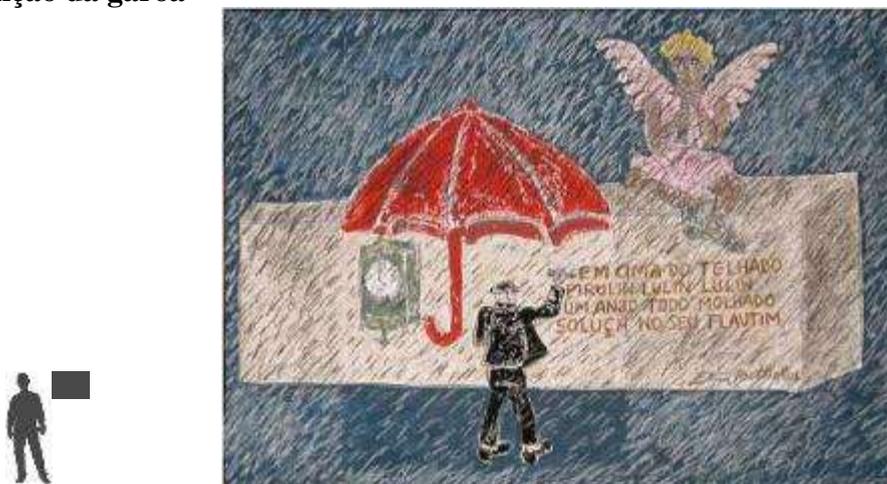


Figura 22 - Canção da Garoa (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 58 cm, 2006. Coleção Particular.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=73



Figura 23 - Canção da Garoa (pequena), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 22 x 30 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista

Canção da Garoa

Em cima do meu telhado,
Pirulin lulin lulin,
Um anjo, todo molhado,
Soluça no seu flautim.

O relógio vai bater;
As molas rangem sem fim.
O retrato na parede
Fica olhando para mim.

E chove sem saber por quê...
E tudo foi sempre assim!
Parece que vou sofrer:
Pirulin lulin lulin...

Uma das poesias mais famosas de Quintana *Canção da Garoa*, feita para seu amigo e poeta Telmo Vergara, foi explorada pela artista em duas versões. Embora elas tenham os mesmos elementos na sua composição, são espelhadas e com tonalidades de cores diferentes. A ilustração abarca todo o poema, porém, as escolhas não são idênticas, ampliando as possibilidades de interpretação sem alterar o sentido. A artista esclarece isso ao falar sobre a segunda monotipia e seus detalhes de realização, afirmando algo muito importante sobre os entrecruzamentos entre imagem e texto:

É, a Canção da Garoa, o que eu posso comentar... parece chuva parelha, só que, tecnicamente, aqui é branco no escuro e aqui é preto no claro, aqui é claro e aqui é escuro. [...] E aqui também, o que está escrito aqui, em cima do telhado “pirulin pirulin lulin | um anjo todo molhado soluça no seu flautim”, está o anjo ali e o flautim. Comento às vezes com as pessoas, **tu tem que conseguir o essencial de uma situação**, ninguém diz assim, pois é, ele não está em cima do telhado, porque ele está em cima do muro, então não incomoda, não chega a estar em cima do telhado mas está no muro, podia ser neve, mas é chuva, então o guarda-chuva lembra mais e aqui podia ser o poeta que está escrevendo [no muro], e o tempo, sempre acho tão importante o tempo que tu pode representar de mil maneiras e essa é uma. Eu vejo que tu tens que colocar certas coisas essenciais. (Cfe. Entrevista 1, grifo nosso)

Velha história



Figura 24 - Velha História (pequena), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 21 x 28,5 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista

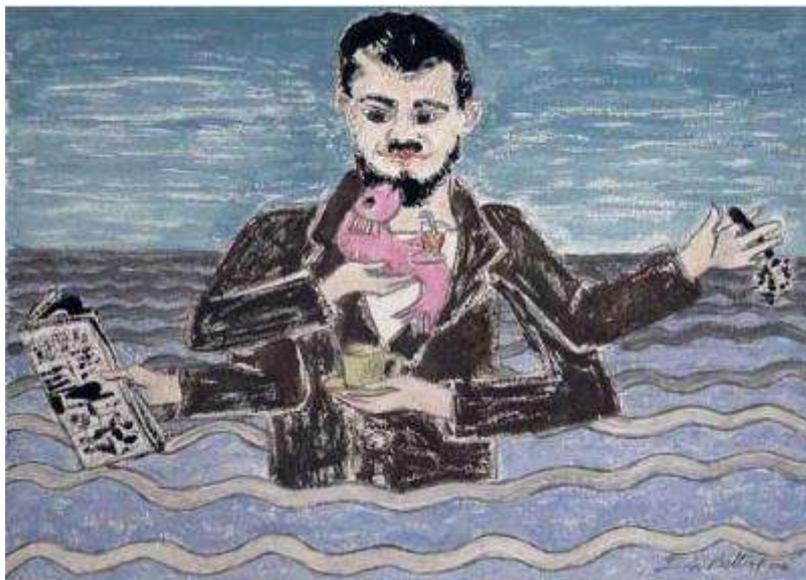


Figura 25 - Velha História (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 70 x 78 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=75

Velha História

Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava a trote, que nem um cachorrinho. Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelos cafés. Como era tocante vê-los no “17”! – o homem, grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de fumegante moca, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando do peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranja por um canudinho especial...

Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho:

- “Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não e não! Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste!...”

Dito isto, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n’água. E a água fez um redemoinho, que foi depois serenando, serenando... até que o peixinho morreu afogado...

As versões acima também estão espelhadas, mas têm em sua finalização soluções plásticas diferentes, por exemplo, na segunda os contornos são realizados com caneta preta. O momento escolhido é um dos mais surreais dessa história bem-humorada, quando eles estão no café e o homem faz inúmeras coisas, aparentemente ao mesmo tempo. Para que pudesse dar conta de todas as atividades, só mesmo tendo quatro mãos.

O inusitado do peixe tomando laranja é destacado através do olhar cúmplice entre ambos, bem no centro da imagem. No entanto, Zoravia não ambienta a cena no café, conforme descrita na narrativa. Ela os coloca na água, porque esse é agora o rio do peixinho. O foco nesse caso não é um poema, mas uma prosa poética, que se inclui entre os textos da lógica do absurdo de Quintana. Ela fala sobre sua interpretação para o texto:

É, que tem quatro mãos, depois me inspirou para fazer uma serigrafia, *Descanso do Empresário*, que tem três mãos, mas inspirada nesta do Mario, achei um amor o

peixinho, tão linda esta, e o sentido é profundíssimo, porque ele pensou, vou te devolver para os teus irmãos, mas não dava mais, já tinha passado do limite, eles eram mais unidos agora do que com a família dele, o tempo existe na relação também como elemento transformador das pessoas, das coisas. (Cfe. Entrevista 1)

São Jorge e o Dragão



Figura 26 - São Jorge e o Dragão (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 59 x 42 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista



Figura 27 - São Jorge e o Dragão (pequeno), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 30 x 20 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=76

Essas monotipias não foram criadas a partir de poema ou característica literária, mas em uma fala do próprio Mario Quintana: “Santo da minha devoção? São Jorge, com seu cavalo e seu dragão. Sou devoto dos três...”, que entra em uníssono com a crença de muitas pessoas no santo guerreiro, um dos mais ecléticos, já que tanto o catolicismo como as religiões afro-brasileiras (Ogum) o veneram. A visão lúdica e bem-humorada do poeta não poderia deixar de

valorizar também a participação do cavalo e do dragão, seres tão preciosos e poderosos quanto o santo.

A artista optou por uma iconologia clássica de representação do santo, no momento heroico em que ele mata o dragão, no entanto, não há uma violência explícita como as dos santinhos religiosos. Os três personagens estão ativos, dignos em sua função, quase teatrais. As cores, pinceladas e traços utilizados, sobretudo os da segunda imagem, são vivazes e não aparentam derrota.

Mario Anjo Disfarçado de Homem

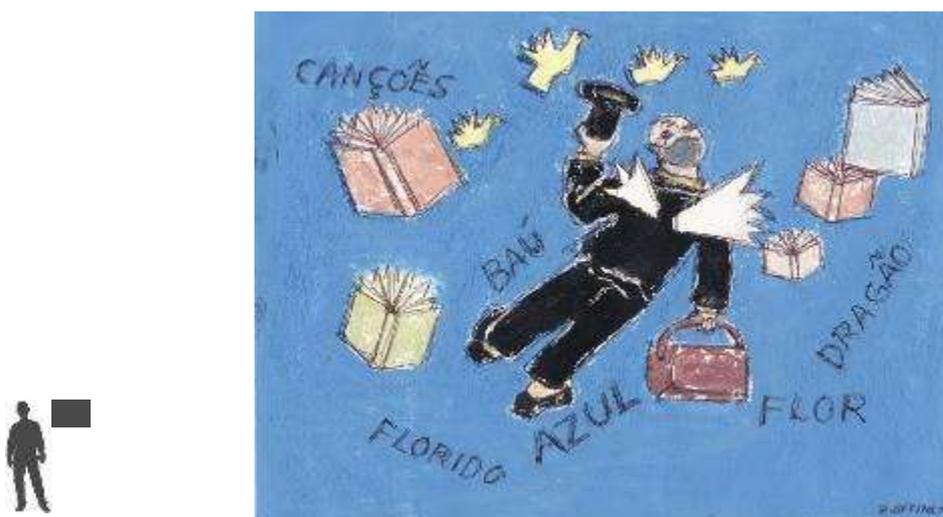


Figura 28 - Mario Anjo Disfarçado de Homem (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=77



Figura 29 - Mario Anjo Disfarçado de Homem (esquerda), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Coleção Particular.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista



Figura 30 - Mario Anjo Disfarçado de Homem (direita), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista

As três gravuras acima estão pautadas numa fala do Érico Veríssimo, porém, Zoravia não se limita a isso, usa outras características para compor o voo do Mario-anjo-poeta no céu azul claro. Na primeira, inclui palavras recorrentes nos poemas de Quintana, palavras que saíram voando dos livros abertos que também o acompanham.

Li que o Érico Veríssimo dizia que a gente não se enganasse com relação ao Mario, que ele parecia uma pessoa, mas que quando vestia o casaco, não conseguia esconder que era um anjo, entende, então, aqui fiz ele de costas com o cata-vento, com a mala, viajando, morrendo ou se integrando no cosmos, vamos dizer, e mala é trajetória, mala tem coisas da tua vida. (Cfe. Entrevista 1)

A frase original escrita por Veríssimo e publicada na introdução do livro *Pé de Pilão* (1975) foi: “... descobri outro dia que o Quintana, na verdade, é um anjo disfarçado de homem. Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora. (Ah! Como anjo seu nome não é Mario e sim Malaquias)...” (CARVALHAL, 2005, p. 33)

Em todas ela complementa o traje com um chapéu e uma mala. Nas duas últimas, que são espelhadas, ela insere ainda o cata-vento. Como esse objeto é recorrente em poesias, além de estar em título de livro (*Rua dos Cataventos*, 1940), nada mais justo do que identificá-lo através desse símbolo.

Revoada



Figura 31 - Revoada (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 70 x 78 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista



Figura 32 - Revoada (pequena), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 22 x 30 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista

As duas versões contendo revoadas de anjos são pautadas na forte presença de anjos femininos e masculinos na poesia de Mario, considerado, aliás, um anjo pelos amigos mais próximos. Isto é, não é uma visão restritiva ou uma ilustração pontual, uma vez que a artista conhece e recria o universo onírico do poeta.

Canção vespertina

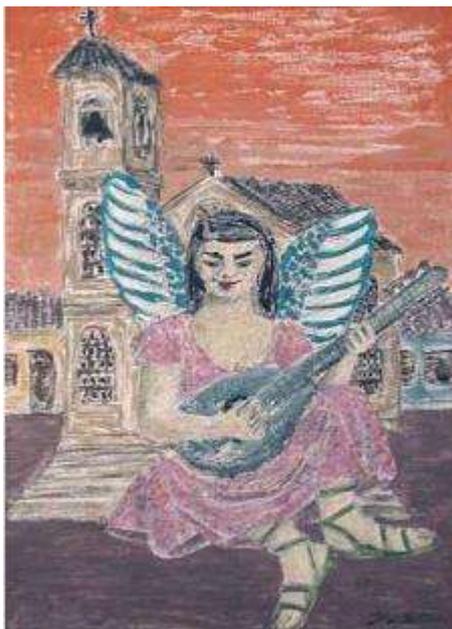


Figura 33 - Canção Vespertina (vertical), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 59 x 42 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=74



Figura 34 - Canção Vespertina (horizontal), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 20 x 30 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem gentilmente cedida pela artista

Zoravia Bettiol foi além e criou uma nova canção. Se existe canção da garoa, da noite alta, da chuva e do vento, de bar, de baú, por que não uma Canção Vespertina? Essa composição seria uma primeira opção para o convite da peça *Sobre Anjos e Grilos* (2006), mas depois foi realizada outra monotipia.

No Cristianismo, o vespertino é dedicado à mãe de Jesus, pois às 18 horas é o momento de rezar a Ave-Maria ou o terço em sua honra. A igreja pode identificar uma cidade interiorana, essa que Quintana criou e habitou por tanto tempo. Entretanto, esse é um tema trabalhado por ele em inúmeros poemas, as construções são mais que um cenário, são memórias dele e trazem questionamentos sobre a religião. A exemplo de falas e poemas de Mario:

“A falar da verdade, não importa se a gente acredita ou não em Deus, mas se Deus acredita na gente. [...] Dos anjos não posso absolutamente duvidar, em vista da insistência com que aparecem em meus poemas.”

Da teologia

A teologia é o caminho mais longo para chegar a Deus.

Modus vivendi

Deus nos promete a vida eterna, mesmo porque, se não fôssemos nós, o que seria dele? Um Deus dos hipopótamos, das aranhas, das lagartixas?

Sobre anjos e grilos



Figura 35 - Sobre Anjos e Grilos (grande), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 42 x 59 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=72

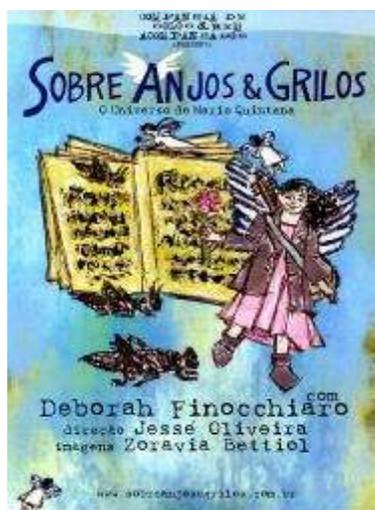


Figura 36 – Convite da peça realizado a partir da monotipia Sobre Anjos e Grilos (pequena), *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 21 x 30 cm, 2006.

Fonte: material gentilmente cedido pela atriz

Essas duas monotípias foram feitas especialmente para o material de divulgação do espetáculo *Sobre Anjos e Grilos* (2006), uma horizontal e outra vertical. Como não há fotografia da vertical, apresento o convite da peça feito a partir da monotípia. Os símbolos escolhidos foram o livro, os anjos e grilos saindo dele (ambos representam os poetas, vivos ou mortos). Há ainda uma anja maior, que porta sua viola, ou seja, dá a sua arte e uma flor em homenagem ao Mario Quintana, o que me parece uma referência direta à atriz Deborah Finocchiaro.

Esperança

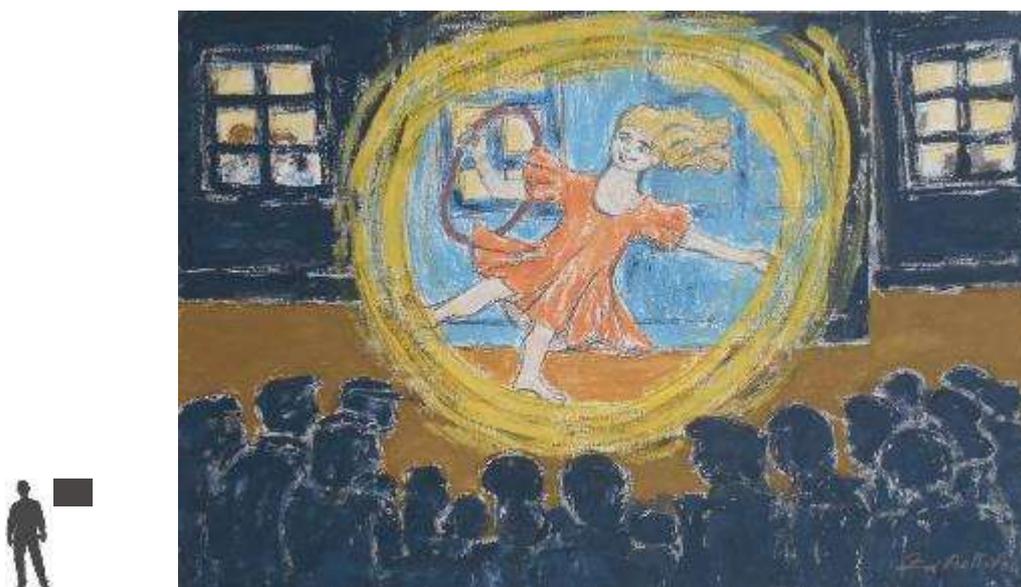


Figura 37 - Esperança (grande). *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotípia, 42 x 59 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/gravuras/listar_obras_grav_gr.php?link_id=78

Esperança

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
vive uma louca chamada Esperança
e ela pensa que quando todas as sirenas
todas as buzinas
todos os reco-recos tocarem,
atira-se
e
– ó delicioso vôo –
será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
– Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá, então,
(é preciso explicar-lhes tudo de novo!)
ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:
– O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

Ao nos depararmos com essa imagem, o olhar volta-se imediatamente para o centro da tela, pois o colorido e o foco de luz é todo dela, da Esperança menina, com seus olhos verdes.

Ela nos é apresentada no momento em que quase alcança o chão, incólume na barreira de proteção criada com tanta propriedade, através de faixas que compõem um círculo amarelo com um fundo azul transparente, tão leve que quase podemos vê-lo girando pelo ar como uma bolha de sabão.

Seus cabelos ainda para cima e seu vestido laranja rodado marcam o delicioso voo recém-realizado, ampliando a sensação de movimento e liberdade. A seleção de uma técnica mais fluída, com uso de tinta guache e desenhos simples, reforça o fato de ser uma criança. Em sua mão direita segura um bambolê, que é um brinquedo peculiar, pois como diz a artista: “Para que uma boneca, ela já é uma boneca, coloquei o bambolê!” (Entrevista 2).

No fundo há a representação do prédio, com mais dois pequenos focos de luz nas janelas dos apartamentos, o da esquerda aparenta ter duas pessoas e o da direita uma possível mobília, mas nada está nítido ou delimitado. A janela do centro também tem luz, porém, não vislumbramos nada em seu interior. É provável que essa solução técnica sirva para destacar o bambolê, que em sua cor ameixa poderia passar despercebido.

Em primeiro plano temos os transeuntes que olham incrédulos para a menina (e nós, os espectadores), embora sejam apenas sombras, percebemos nitidamente a direção do seu olhar e características das suas vestes. Os tons escuros com que foram representados ressaltam a sensação de “estar na sombra”, isto é, na ignorância ou apatia, que os obriga a perguntar novamente. É o momento em que acordam, em que tomam consciência através da fala pausada da menina que os faz emergir. Essa escolha técnica faz com que as cores centrais sejam destacadas mais ainda, explicitando que a mensagem é sobre o renascimento.

A monotipia promove uma textura única na gravura, por vezes vemos o suporte de papel pelos vãos do encaixe, mas a preocupação com a qualidade surge nos detalhes como o delineamento das figuras, que é feito com lápis, assim como a assinatura da artista, que verificamos no canto inferior esquerdo da obra.

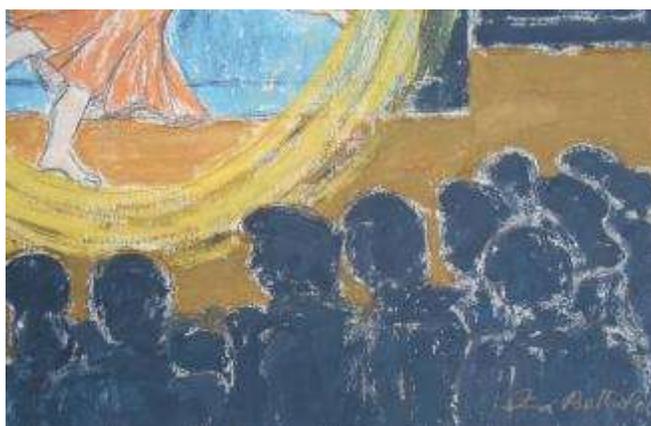


Figura 38 - Detalhe da monotipia Esperança (grande).

Tanto o poeta quanto a artista encontraram meios de dar forma, dar vida ao sentimento abstrato, sem cair em clichês como pombas (com ou sem ramos de oliveira) e cores branca e verde. Pode ser uma representação do mito da Fênix ou de uma ilusão coletiva, mas contado através de notas urbanas e atuais, com uma pitada de ironia. Qualquer um pode decodificar as imagens criadas e se identificar com o tema do fastio e da loucura que o final do ano traz, mesclado às crenças religiosas e íntimas de renovação e mudança. Porém, é preciso um ato ousado para que isso ocorra, é necessário atirar-se para ser outro, para que a vida seja diferente, para renascer.

O entrecruzamento ocorre na obra através da ilustração, mas a artista seleciona o desfecho da poesia a fim de transmitir a mensagem de esperança. A sua interpretação é global e a seleção do trecho demonstra isso. Se Zoravia tivesse optado por representar a “louca” ou o “delicioso voo”, certamente a mensagem seria pessimista ou, no mínimo, ambígua. A obra apresenta visualmente o poema, corroborando seus sentidos, mas demonstrando a visão particular da artista sobre ele.

Embora a monotipia seja de impressão única, o mesmo poema pode gerar mais de uma monotipia, com sutis diferenças. Nesse caso há duas versões e Zoravia indica a sua favorita: “Gostei mais da rosa do que da laranja. Esta é de monotipia, mas depois tem alguns retoques que fiz com pena, estes reforços, é o momento quando ela desce, ela se joga e renasce, é uma menina que chama muito a atenção da multidão, meio palco também, é a figura principal.” (Cfe. Entrevista 2)

A composição e as soluções são as mesmas, no entanto, a menina está espelhada, as cores do vestido (rosa), do bambolê (verde claro) e do chão (roxo/rosa) mudam e os contornos são à caneta neste caso. Outro detalhe é que nas janelas da segunda imagem temos apenas sombras e nenhuma forma reconhecível, provavelmente em função do tamanho reduzido.



Figura 39 - Esperança (pequena). *Série Trans-figurações de Quintana*. Monotipia, 22 x 30 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: imagem cedida pela artista

Desenhos

A escolha do nanquim para realizar os desenhos permite uma maior fluidez ao traço e a possibilidade de “ser aplicada em finas linhas, com uma pena, ou em largas aguadas, com o pincel.” (CHILVERS, 2007, p. 527). A artista explora a multiplicidade de efeitos do nanquim, com traços finos e largos, com sombras e cinzas, usa ainda lápis de cor para dar destaque aos elementos mais marcantes do poema, de acordo com a sua interpretação poética.

A gare de Astapovo



Figura 40 - A gare de Astapovo, *Série Trans-figurações de Quintana*. Desenho (nanquim e lápis de cor), 42 x 60 cm, 2006. Coleção Particular.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/desenhos/listar_obras_des_gr.php?link_id=55

Poema da Gare de Astapovo

O velho Leon Tolstoi fugiu de casa aos oitenta anos
E foi morrer na gare de Astapovo!
Com certeza sentou-se a um velho banco,
Um desses velhos bancos lustrosos pelo uso
Que existem em todas as estaçõezinhas pobres
do mundo,

Contra uma parede nua...
Sentou-se... e sorriu amargamente
Pensando que
Em toda a sua vida
Apenas restava de seu a Glória,
Esse irrisório chocalho cheio de guizos e fitinhas
Coloridas
Nas mãos esclerosadas de um caduco!
E então a Morte,
Ao vê-lo sozinho àquela hora
Na estação deserta,
Julgou que ele estivesse ali à sua espera,
Quando apenas sentara para descansar um pouco!

A Morte chegou na sua antiga locomotiva
 (Ela sempre chega pontualmente na hora incerta...)
 Mas talvez não pensou em nada disso, o grande Velho,
 E quem sabe se até não morreu feliz: ele fugiu...
 Ele fugiu de casa...
 Ele fugiu de casa aos oitenta anos de idade...
 Não são todos os que realizam os velhos sonhos da
 infância!

A antiga locomotiva da morte envolve o escritor solitário, a máquina solta sua fumaça de frente para o espectador, demonstrando sua imponência. O espaço e as cores são lúgubres, os poucos elementos coloridos são as roupas e adereços do escritor, dando um indício de vida, do que possui materialmente e o que conquistou (glória/fama), embora sejam também fugazes.

Creio que esse desenho é um dos preferidos de Zoravia em função do comentário saudoso sobre ele: “Uma linda, acho linda, qual é o escritor russo, que com 90 e poucos anos ele fugiu de casa, o Léon Tolstói, acho que é isso. E depois ele morreu na estação, como é o nome da estação? [Gare de Astapovo] Achava lindo, porque fiz uma composição com o trem.” (Cfe. Entrevista 1)

Quintana em quatro tempos



Figura 41 - Quintana em quatro tempos (grande), *Série Universo de Mario Quintana*. Desenho (nanquim, lápis e colagem), 60 x 42 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/desenhos/listar_obras_des_gr.php?link_id=54

Caminhos

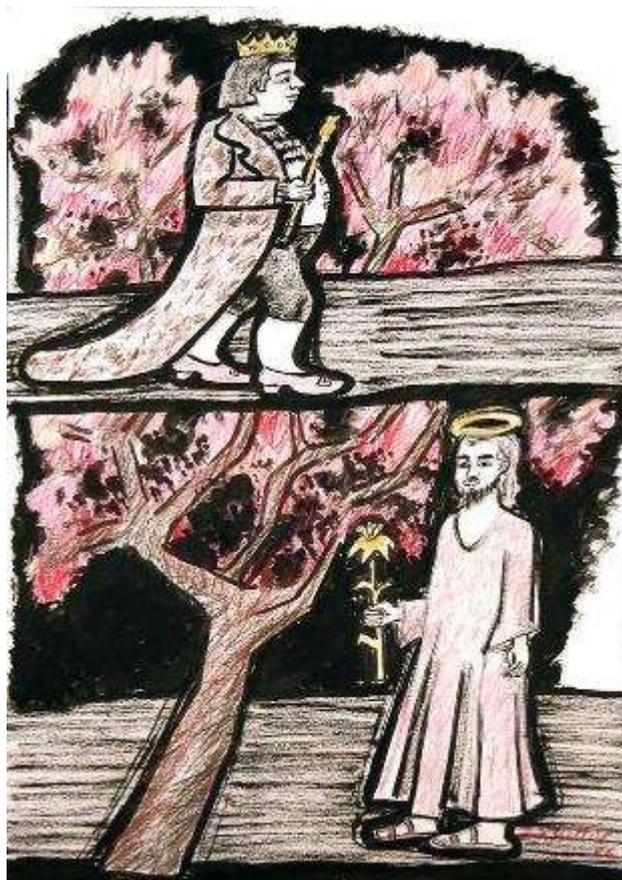


Figura 44 - Caminhos. *Série Trans-figurações de Quintana*. Desenho (nanquim e lápis de cor), 59 x 42 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/desenhos/listar_obras_des_gr.php?link_id=56

O Caminho

Passa o rei com seu cortejo.
Passa o Deus no seu andor.
E, milênios depois, neste caminho, apenas
Ainda sopra o vento nas macieiras em flor...

Entre os desenhos realizados, esse é o que tem mais cores, talvez por isso tenha despertado meu interesse entre os outros, ou pela identificação curiosa que a artista fez: “Essa aqui acho engraçada, aqui parece um pouco, o Luís Fernando Veríssimo e este parece um pouco o Pedro [Veríssimo]. Há anos atrás, parece os dois um pouco [risada], esta é nanquim e lápis de cor.” (Cfe. Entrevista 1)

A obra é composta por um fundo escuro (não chapado) e nele um plano que cobre quase a totalidade da área vertical com a figura de uma macieira, no entanto, suas folhas, flores e frutos são abstratos, rabiscos irregulares em tons de vermelho, rosa ou magenta. A imagem divide-se ao meio horizontalmente, apresentando acima e ao centro o caminho com o rei andando e, na parte debaixo à direita, o Deus e uma flor, além da assinatura da artista feita em

lápiz de cor. O nanquim dá contornos precisos e sensação de movimento, já o lápis de cor dá textura/volume e um certo ar de alegria e displicência juvenil.

A artista fala sobre a obra:

Esta fiz com nanquim e com lápis de cor, procurei fazer nos dois planos, o rei indo e a outra personagem voltando. Falava que era um caminho importante, que passava o rei com seu séquito, que é esta imagem e tinha uma árvore, depois a árvore foi crescendo e o caminho ficou menos importante, e depois passavam os santos. (Cfe. Entrevista 2)

Esse desenho é uma ilustração do poema, mas exprime apenas a mensagem essencial, simplifica na visualidade, excluindo, por exemplo, o séquito do rei e o andor. Essa sucinta narrativa tem suas possibilidades interpretativas ampliadas pelas soluções artísticas estabelecidas.

Colocar em planos diferentes o decorrer do tempo é uma solução antiga em arte, a exemplo de papiros egípcios e vasos gregos, porém, era mais comum que cada evento ou período ficasse demarcado em sua própria linha. Zoravia sobrepõe os fatos sem prejudicar o sentido do poema, ao contrário, reforça a intenção de demonstrar a natureza como sendo a única que permanece ao colocá-la no fundo, basilar para a imagem.

O tamanho de cada personagem da história também pode ser comparado às antigas funções religiosas, nas quais os deuses eram feitos em tamanho maior que as demais figuras. Considerando essa escala, temos a macieira (metonímia de natureza) como força superior, em segundo Deus e por último o rei (humano).

Na parte superior está o que é mais volátil: o poder, a riqueza, a bajulação. O rei com seus atributos e porte físico clássicos (portando coroa, cetro, manto e demonstrando estar bem alimentado) passa pelo caminho, mas nada deixa nele, por isso é tão efêmero. No canto inferior direito, Deus foi representado com os traços físicos de Jesus na cultura ocidental, também está com atributos típicos (auréola, túnica, sandálias da simplicidade). Traz em sua mão direita um lírio, que designa Cristo e significa pureza, além de ser um elemento que o liga à magnitude da natureza.

Instalação

Universo de Mario Quintana



Figura 45 - Universo de Mario Quintana. *Série Trans-figurações de Quintana*. Instalação (acrílico sobre tela, ferro e papelão), 190 x 177 x 60 cm, 2006. Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Fonte: http://www.zoraviabettiol.com.br/obras/instalacoes/listar_obras_inst_gr.php?link_id=18



A obra *Universo de Mario Quintana* (2006), de Zoravia, não pode ser classificada como pintura ou escultura, visto que é realizada numa tela, mas o anjo está solto sobre ela e os cata-ventos estão no chão à frente, o que dá à obra uma tridimensionalidade e uma proximidade com o espectador (transição/passagem). Portanto, a obra foi considerada uma instalação, que Chilvers (2007) define como: “Termo que entrou em voga na década de 70, designando *assemblages* ou ambientes construídos numa galeria ou museu para uma exposição em particular.” (CHILVERS, 2007, p. 271)

As cores empregadas estão relacionadas à compreensão de Zoravia sobre as poesias, algo um pouco melancólico, que se expressa melhor em preto e sombras. Embora relacionados com a morte, esses tons podem adquirir aspectos positivos se considerarmos esse evento como

uma travessia, que pode ser para outro mundo ou para outra percepção desse mundo, algo obtido pelo olhar poético. E é nesse ponto que os destaques em amarelo dão a sensação de vitalidade, de luz, de otimismo. Que talvez se relacione com as memórias da infância, com o Mario bem humorado ou com o brilho de Zoravia, pois essa obra representa muito bem o casamento da visão onírica de ambos.

Os cata-ventos amarelos da frente ecoam para o espectador o cata-vento que está na mão do Mario-menino, em destaque no centro da instalação, convidando-nos a ingressar nesse universo mágico. Também o anjo salta da tela para voar livremente, entre nós e ele, com sua oferta de flores a ambos, como uma homenagem.

O restante da composição é realizado na tela, em três diferentes planos: no primeiro a foto do Mario, sentado sobre suas obras; à esquerda, temos grandes flores e o baú de recordações, com chapéus, roupas, retratos e até uma caveira; à direita, no fundo, vemos uma igreja, prédios e casas que sugerem uma cidade do interior, espelhando-se no rio até a beira dos livros.

Quando questionada sobre a obra, a artista olha carinhosa e alegremente para a imagem enquanto fala sobre os elementos que a compõe:

“É, é grande sim. Eu fiz numa tela, ela é pintada numa tela, com tinta acrílica preta, este anjo aqui é separado, parece que está junto na fotografia, mas ele é em outro plano e os cata-ventos em outro plano, tem aqui a colagem da figura do Mario, e tem o baú que ele guarda recordações, o chapéu, as fotografias, que o Mario faz muita referência a fotografia, a caveira que é a morte, as ruas, as igrejas, os livros que ele escreveu, as flores, acho assim, que isto é um pouco relacionado com o universo dele, do Mario.”
(Cf. Entrevista 2)

Na instalação o entrecruzamento não é objetivo, porque não ocorre a partir de um poema ou texto específico, mas é inegável sua relação com a literatura e considero-a mais visceral, na medida em que se dá através de elementos que remetem ao poeta e à sua obra. Para obter uma compreensão global da poética de um escritor é necessário conhecê-la por completo, ler e admirar os livros várias vezes. Zoravia percebeu as recorrências e a ludicidade do poeta, tanto que escolheu a foto dele ainda menino, pois afirma que essa é a imagem que melhor representa o Mario.

Os livros estão com os títulos claros em suas lombadas, auxiliando a memória de alguns e a divulgação para outros, eternizando não só o amigo, mas o caro poeta de Porto Alegre. O cata-vento está presente no título do seu primeiro livro *Rua dos Cataventos* (1940) e tornou-se ícone do escritor, pois nesse livro de sonetos ele se apresenta ao público através dos seus versos. Esse objeto figura ainda em cinco poemas/textos do escritor, sendo que em *Canção da Primavera* (1946), oferecida a Erico Verissimo, o termo aparece duas vezes:

O baú, o retrato e os chapéus são as memórias guardadas ou as lembranças materiais que nos fazem recordar, passar de novo pelo coração o que já sentimos. É onde as coisas que nos são caras estão armazenadas, ainda que não muito organizadas e que, talvez por isso, nos surpreendam sempre. Como o retrato que pende do baú em sua lateral, é similar a representação que a artista fez do Mário-anjo, nítido na obra *Revoada* (2006), ou seja, Zoravia consolida seu retrato do poeta.

Canção de Baú

Sempre-viva... Sempre-morta...
 Pobre flor que não teve infância!
 E que a gente, às vezes, pensativo encontra
 Nos baús das avozinhas mortas...

Uma esperança que um dia eu tive,
 flor sem perfume, bem assim que foi:
 Sempre morta... Sempre viva...
 No meio da vida caiu e ficou!

Os chapéus das avozinhas também são significativos para Zoravia, que tem uma série só sobre eles, surgida a partir da frase dita pelo seu pai quando ela comprou muitos chapéus em uma viagem: “Minha filha, perdeste a cabeça!” e que se tornou mote da pesquisa *Se você perder a cabeça, use o chapéu mais próximo de sua alma* (1997).

A figura da anja de vestido se refere, é claro, às incontáveis aparições de anjos, masculinos, femininos e assexuados nos poemas de Mario Quintana. Essa imagem em específico é similar a anjas usadas em outras obras de Zoravia. Embora não seja um autorretrato, considero ao menos como um *alter ego* dela, que se une aos seres alados para homenagear o poeta.

A Igreja, o prédio do seminário ao seu lado e as casinhas poderiam estar representando qualquer cidadezinha interiorana, que mantém uma organização parecida e não especificamente Alegrete (onde ele nasceu) ou outra cidade real, mas uma cidade construída pela memória de Quintana. O fato de espelhar-se na água deve ser considerado, pois pode ser um eco de antigas pinturas de paisagem nas quais isso explicitava a capacidade técnica do pintor. Se considerarmos ainda as questões simbólicas, o espelho tem a função de trazer à tona a consciência, além da água que delimitada em um lago significa as profundezas (místicas, da natureza, do ser).

Em outras ruas

Todo esse conhecimento sobre o poeta levou a artista a trilhar outros caminhos e a realizar novas parcerias também, iniciando com a amiga Deborah Finocchiaro com a qual já havia trabalhado antes no *Sarau Visual Quintanares* (2005). As obras convergem com a pesquisa e os trabalhos que estavam sendo realizados pela artista naquele momento e por isso fazem parte da série *Trans-figurações de Quintana* (2006).

Deborah solicita para Zoravia a criação de imagens específicas para o cenário da peça teatral, sendo que alguns desenhos são menores e avulsos, esse formato era necessário para facilitar o processo de animação, muitos são figuras de obras maiores e, portanto, não os considerei fora do contexto, em função da sua parcialidade.

Nesse interim, a atriz aprofunda seus estudos sobre o poeta e cria o roteiro de *Sobre Anjos e Grilos* (2006), que se incorpora às celebrações que marcaram o aniversário de 100 anos do poeta. A peça é apresentada assim:

Sobre Anjos & Grilos – O Universo de Mario Quintana é um espetáculo híbrido - épico, lírico, cômico, poético - no qual uma atriz, numa junção entre a fala, o gesto, a poesia, as artes plásticas e a música, conta, interpreta e canta textos e poemas de Mario Quintana, revelando não apenas o Mario confessional e lírico dos poemas, mas sua face pouco conhecida: a das entrevistas e das frases agudas e desconcertantes que questionam os valores da sociedade, da vida e da morte. (FINOCCHIARO, 2006)



Figura 46 - Foto de Ramani Silva, em apresentação de 2011, do espetáculo *Sobre Anjos e Grilos*.

Fonte: <http://sobreanjosgrilos.com.br/>

Desde que vi as primeiras fotos da peça, mas, principalmente quando consegui assisti-la, percebi a importância das imagens criadas por Zoravia para o cenário, visto que não são apenas uma ambientação, são também personagens. Isso enfatiza a consistência da transdisciplinaridade entre artes visuais e dramáticas nesse espetáculo. Minha hipótese se confirma na fala da atriz em entrevista concedida a mim para este trabalho:

Na peça eu contraceno com o cenário, com aquela tela, que a gente escolheu que fosse transparente para usar a projeção por trás, a luz é fundamental e a trilha conta a história comigo, então é uma peça onde as linguagens se cruzam de maneira fluente, isso que é legal do *Anjos*, não é um fundo musical e tampouco um cenário fora, não é um desenho que só compõe, eu contraceno com aquelas imagens, acho que esta é a riqueza do espetáculo, elas confluem. (Cfe. Entrevista 3)

As críticas da peça demonstram que o intuito da atriz/diretora foi muito bem logrado, valorizando também o trabalho da artista:

Destaca-se a interação com a projeção que deixa de ser mero pano de fundo - paisagem -, para se tornar um outro elemento de expressividade - tal qual corpo e voz - utilizada pela intérprete para desenhar suas situações. As imagens da artística plástica Zoravia Bettiol possuem traços naïf, materializando elementos sem impor uma imagem como ilustração meramente realista, mas sim exercício de imaginação lúdica de uma realidade, tal qual é o filtro da poesia... (MAZA, 2013)

A animação foi realizada por Alcir Saraiva, mas Zoravia fez cada imagem em diversos tamanhos e/ou posturas, enfim, com as variações necessárias para que o movimento ficasse o mais natural possível. A execução não foi acompanhada de perto pela artista, foi a atriz/diretora Deborah Finocchiaro que mediou esse processo. Abaixo temos o exemplo da sequência de imagem criada para o momento que representa a veneração do povo à Coca-Cola, conforme poema:

O Supremo Castigo

Em todos os aeródromos, em todos os estádios, no ponto principal de todas as metrópoles, existe - quem é que não viu? - aquele cartaz...

De modo que, se esta civilização desaparecer e seus dispersos e bárbaros sobreviventes tiverem de recomençar tudo desde o principio até que um dia também tenham os seus próprios arqueólogos -, eles hão de sempre encontrar, nos mais diversos pontos do mundo inteiro, aquela mesma palavra.

E pensarão eles que Coca-Cola era o nome do nosso Deus!



Figura 47 - Exemplo de sequência de imagem realizada para criar a animação que compõe o cenário do espetáculo *Sobre Anjos e Grilos* (2006)

Embora mencionada em alguns livros, a série é melhor divulgada em notícias da época em que foi realizada, incluindo as da peça *Sobre Anjos e Grilos* (2006). O jornal Zero Hora, de Outubro de 2006, apresenta quatro imagens em tamanho grande das obras, uma das quais tem a poesia relacionada ao lado. Faz a divulgação do evento de abertura do estúdio, mencionando também a presença da atriz e elogiando a peça.

[...] São 28 obras inspiradas na poesia de Mario Quintana: uma instalação, seis desenhos (em nanquim, colagem e lápis de cor) e 21 monotípias (com pena e lápis). No vernissage, a atriz Deborah Finocchiaro interpretará textos do poeta e a professora Vânia Falcão fará uma saudação à memória de Tânia Franco Carvalhal - organizadora da poesia completa de Mario Quintana e indicada ao Prêmio Fato Literário 2006, que morreu no dia 10 de setembro.

A parceria Quintana, Zoravia e Deborah surgiu com o *Sobre Anjos e Grilos*, excelente espetáculo que cumpriu temporada na capital, participou do 13º Porto Alegre em Cena e agora cai na estrada [...] (LERINA, 2006, p. 12)

O jornal *O Sul*, de Julho de 2006, fala sobre todas as atividades artísticas realizadas para a comemoração do centenário de nascimento do Mario Quintana (espetáculos de dança e música), entre elas a peça *Sobre Anjos e Grilos*, mencionando a participação de Zoravia na criação do cenário, programa e postais da peça. Também traz um comentário dela sobre o poeta e informa que ela já fez obras anteriores relacionadas a ele.

Para a artista plástica Zoravia Bettiol, que faz os cenários, as imagens do programa e os postais da peça, a importância do poeta está na sua multiplicidade. “Não se pode falar só falar do Mario irônico, mas há também o Mario travesso, o Mario lírico, o Mario reflexivo, filosófico... É de uma riqueza ímpar.” A artista foi amiga de Quintana e já transportou seus versos para as artes visuais em vários momentos de sua carreira. Entre as obras relacionadas à Quintana, estão duas poesias tratadas para uma de suas primeiras exposições, a ilustração do conto “O Anjo Malaquias”, uma instalação em homenagem ao poeta nos seus 80 anos, uma poesia de Quintana ilustrada para o Festival da Poesia nas Artes da National Poetry Association, nos Estados Unidos, e uma tapeçaria ilustrada com “Canção do Vento”. Em setembro, ela inaugura a galeria do seu atelier apresentando trabalhos relacionados à obra de Quintana. (PAKULSKI, 2006, p. 07)

Algumas notícias foram mais breves e apenas divulgavam os eventos, como é o caso do Segundo Caderno, da Zero Hora (23/06/2006 e 26/09/2006); da seção Panorama, do Jornal do Comércio (28/09/2006) e do Correio do Povo (04/10/2006). Não foram analisados periódicos de outras regiões, no entanto, há registro de mais de 150 apresentações (dez temporadas cumpridas em Porto Alegre) e participação em festivais, mostras, circuitos e eventos em diversas cidades do país.

Além disso, obtive reconhecimento imediato: “Em sua trajetória, além de inúmeras indicações, o espetáculo recebeu 17 prêmios, entre eles: melhor espetáculo, melhor atriz, melhor trilha, **melhor cenário**, melhor texto adaptado, além de prêmios especiais de júris e de júri popular.” (LOPES, 2014, p. 171, grifo nosso)

O material gráfico da peça constitui fonte de divulgação extremamente útil, tanto do evento, como da artista e do poeta, além de gerar renda para a manutenção do espetáculo. Foram elaboradas obras específicas para o cenário, que depois terão suas imagens utilizadas para a criação de convites, cartazes, programas, postais, marcadores de texto, adesivos e ímãs de geladeira. Essa é uma solução bem criativa, que demonstra o senso de autogestão e versatilidade

da atriz Deborah Finocchiaro, compartilhado por Zoravia Bettiol que também administra sua carreira.



Figura 48 - Capa do programa, marcador de página, ímã de geladeira e adesivo da peça *Sobre Anjos e Grilos* (2006).

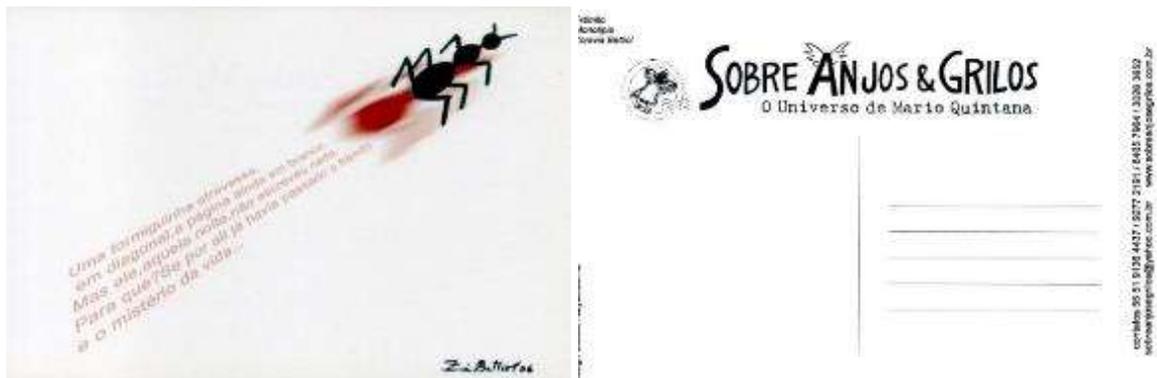


Figura 49 - Exemplo de postal, frente e verso.

Algumas imagens das obras foram utilizadas para a criação da capa e das vinhetas da série *Quintana Anjo Poeta* (2006), que a RBS fez em homenagem aos 100 anos de nascimento do poeta. Embora a artista não faça as animações, por não dominar os programas, ela é aberta ao uso artístico das novas tecnologias. Zoravia foi quem primeiro me relatou essa participação:

Depois a outra que foi vendida, tenho a imagem, em preto e branco, que aparece muita coisa sobre o Mario Quintana e esta foi usada para fazer uma vinheta, alguma comemoração do Mario também, Mario anjo-poeta, agora quero fazer com ele o Gênesis, animação, ele faz animação... o Ronaldo Sabin na RBS. Eles fizeram uma animação para esta vinheta, baseada nesta imagem, acho que chamei *Universo de Mario*, bastante elementos que ele usa, branco e preto, e uma amiga minha que comprou, mas tenho essa imagem. (Cfe. Entrevista 1)

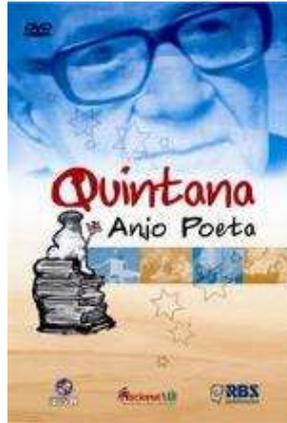


Figura 50 - Capa e imagens da vinheta animada para a série *Quintana Anjo Poeta*, 2006, realizada pela RBS.
Fonte: Google Imagens

De forma parcial, com o acréscimo de outras obras sobre poesia, a série *Transfigurações de Quintana* (2006) também esteve presente na inauguração do *Espaço das Artes Zoravia Bettiol*, em 2007, situado junto ao Teatro Novo DC (Shopping DC Navegantes), em Porto Alegre. Não obtive registros do evento em si, mas a administração do teatro me enviou fotografias do processo de montagem da exposição, através das quais pude confirmar a presença de obras sobre o Quintana.



Figura 51 - Detalhes de fotos da montagem da exposição para a inauguração do *Espaço das Artes Zoravia Bettiol*, 2007, no Teatro Novo DC, Porto Alegre.

Fonte: imagens gentilmente cedidas pela administração do Teatro Novo DC

Outro desdobramento importante é a presença de *Trans-figurações de Quintana* (2006), na Festa Literária Internacional de Parati, de 2008, no OFF FLIP – Circuito Paralelo de Ideias. A participação da artista e as atividades desenvolvidas constam na programação do evento (http://offflip.paraty.com/offflip2008/prog_offflip_2008.htm) e em nota de divulgação no Segundo Caderno, da Zero Hora (04/07/2008).

Nessa ocasião, além de expor, Zoravia Bettioli autografou o livro sobre sua carreira, apresentou uma performance com a personagem Filomena e ministrou o workshop “A Imagem, a Palavra e seu Entrelaçamento no Fazer Artístico”. O convite para trabalhar com esse tema, denota que a artista é reconhecida por pesquisas e obras permeadas pelos “entrelaçamentos de palavra e imagem”, conforme suas palavras.

Ao elencar o envolvimento da série *Trans-figurações de Quintana* (2006) em tantos outros projetos, verificamos sua importância na carreira da artista e na divulgação da memória de Quintana. Essa fecundidade advém do amadurecimento no entrecruzamento imagem e texto, na relação Zoravia e Quintana, que atinge aqui o seu ápice, mas espero que não o seu fim.

DESFAZENDO AS MALAS

As experiências e memórias da infância levaram Zoravia rumo à literatura, pois desde as suas primeiras exposições apresentou obras que se relacionavam com livros, poesias ou escritores. Seu pai deixou de herança para ela a busca do conhecimento através de um pensamento global, não restritivo ou segmentado, ou seja, uma abordagem transdisciplinar.

É dessa forma que ela desenvolve seu universo mágico, com uma técnica impecável em que letras e figuras estão no mesmo plano, fios e pedras são entrelaçados, nanquim e lápis de cor cooperam entre si. A naturalidade para uma visão mais ampla é associada a pesquisas aprofundadas, à curiosidade e à obstinação da artista, que tende a trabalhar com séries justamente para abarcar o maior número de possibilidades dos temas.

A artista ilustra todas as tipologias de texto e consegue expressar a mensagem sem se deixar intimidar por sua forma, não importando se é narrativa ou poesia. Como exemplo, vimos que ela amplia a universalidade dos contos gauchescos, apresentando deles o que é humano, as relações e os sentimentos. Seu interesse pela literatura não se limita nem mesmo ao nosso país, pois também ilustra escritores internacionais, a exemplo de Kafka e Shakespeare. Do primeiro nos revela a corporeidade das insinuações e temas difíceis, do segundo amplifica seu texto dramático, nos apresentando o cotidiano amoroso de Romeu e Julieta (e de todos os casais apaixonados).

Zoravia Bettiol tem como marca da sua trajetória temas e traços ingênuos, ela alegoriza sentimentos abstratos, apresenta dos personagens o mais profundo, com contornos únicos. Sua delicadeza e otimismo transbordam das obras, nos tocando com uma mensagem alegre de paz e amor. Entretanto, sua arte também é denúncia, pois ela sempre está engajada em projetos sociais, ecológicos, políticos e culturais, seja participando ativamente dos grupos, seja através do seu trabalho como arte-educadora ou como artista, a exemplo das performances realizadas.

As criações dentro da estética de um mundo imaginário aproximaram-na da poesia, sobretudo de Mario Quintana, que depois veio a tornar-se seu amigo. A relação deles era de troca pessoal e profissional, ele escreveu um texto para uma exposição dela e a artista o homenageou inúmeras vezes, explorando sempre diferentes formas de fazer isso, através de monotipia, tapeçaria, desenho, instalação, participação em sarau, entre outras.

Na série *Trans-figurações de Quintana* (2006) ficou evidente a relação orgânica entre poesia e visualidade, por isso me dediquei a ela. Mesmo nas ilustrações mais literais temos a técnica a serviço do sentido, vemos a elaboração artística de Zoravia, como em *Canção da Aia para o filho do Rei* (2005) e *Gare de Astapovo* (2006) que repetem a mensagem através da

composição visual dos elementos. Também vale citar *Velha História* (2006), *O Nascimento do Poeta* (2005) e *Esperança* (2006) que tiveram partes selecionadas a fim de destacar um dos sentidos possíveis. A função de amplificação da ilustração pode ser observada nas obras *Canção da Garoa* (2006) e *Caminhos* (2006).

A maioria dos entrecruzamentos de texto e imagem ocorre pela via da ilustração, mas se dão em diferentes funções e não se restringem a isso. Por exemplo, a tapeçaria *Canção do Vento* (1970) que através do seu material e forma nos faz sentir o etéreo, além de utilizar o próprio texto. Cito também *São Jorge e o Dragão* (2006) criada a partir de uma resposta do escritor em entrevista, ou *Mario Anjo Disfarçado de Homem* (2006) que toma por base a homenagem feita ao poeta pelo Érico Veríssimo.

Sem contar os trabalhos realizados a partir da compreensão global da obra de Mario Quintana (recorrências, símbolos, interpretações) e de impressões pessoais obtidas através da vivência com ele, da partilha e da amizade (de fotos, lembranças e saudade). Porém, na minha opinião, a obra que une e sela os universos oníricos de ambos (e o do espectador) é a instalação *Universo de Mario Quintana* (2006). Ela é como um altar para admirar o poeta menino, integrando os elementos de sua vida e obra, pois se formos até o âmago da análise, perceberemos que são os mesmos.

Trans-figurações de Quintana (2006) foi escolhida para a abertura do seu estúdio no bairro Teresópolis, um marco importante na carreira da artista, o que por si só justifica sua relevância. Porém, os entrecruzamentos estabelecidos entre artes visuais, literatura e teatro, bem como os desdobramentos daí provenientes, denotam a transdisciplinaridade presente nas obras de Zoravia.

A artista (ainda) não trabalha com novas tecnologias (animação, realidade virtual, webarte), porém, coaduna com as ideias de liberdade de expressão artística independente do meio, na medida em que faz parcerias para realizá-las. Ela também se predispôs a criar novas obras para a peça e desenhos específicos para a animação do cenário. Realmente foi além de uma inter-relação, ocorrendo a transdisciplinaridade, pois necessitou um trabalho diferenciado, exigiu trocas com a atriz/diretora e o animador até obter o resultado almejado.

Ressalto ainda que tanto a série quanto a peça de teatro são fundamentais para enaltecer a memória de Mario Quintana e manter em circulação suas ideias, divulgando e aproximando o público de suas belas poesias. Os sites, vídeos, redes sociais e materiais gráficos são ágeis em sua multiplicação de informação, algumas vezes ela é volátil, mas os cartões postais, o ímã de geladeira e o marcador de página, por exemplo, podem ser permanentes em nosso cotidiano.

A vantagem em fazer uma poesia que não emerge da linguagem erudita é que todos podem acessá-la, em diferentes níveis, é claro. Quintana sempre refletiu muito sobre o fazer poético e o poema em si, escrevendo para que adultos, jovens e crianças usufruam igualmente desse prazer (embora talvez somente as crianças o compreendam plenamente). Alguns vão ler e apreciar a imagem criada, outros irão desvendar parcialmente os símbolos, e há aqueles, que depois de sentir o êxtase inicial, irão dissecá-la. No entanto, quando outra poeta se depara com essas palavras, as sente e reinterpreta, as transfigura para o visual, oferece aos olhos do espectador uma nova chance de descobrir seus sentidos mais primevos.

Zoravia Bettiol também se transfigura, ela não tem medo de errar e por isso tenta, a artista não se acomodou em uma fase confortável da carreira. Ela ainda é ousada, apresenta diferenciais (criação de cenários teatrais, performances com *headdress*, instalações sobre ecologia na orla de rio, entre outros), além de se preocupar com as questões práticas, pois administra seu estúdio.

Ela descobre novos caminhos, novas técnicas, novas áreas para trabalhar em conjunto e novos endereços se preciso for! Porque ela sabe-se artista (nunca fez outra coisa) e necessita de espaço adequado para trabalhar, armazenar/expor suas obras, e é claro, para ministrar seus cursos, receber pessoas para reuniões, para as vendas ou um gostoso bate-papo. Por isso Zoravia se mudou neste ano para uma casa maior, enquanto a próxima está sendo construída.

Quando colegas me perguntam sobre a artista que pesquisei, eu perco o fôlego só de falar tudo que ela faz! E ainda é possível encontrá-la nas exposições, em peças de teatro, nas criações de museus/institutos, em atos apoiando políticos, entre outras atividades socioculturais. Sua energia e vitalidade não têm fim, atualmente, no auge dos meus 32 anos, quando me sinto muito cansada, lembro dela sempre planejando o futuro e a admiro muito mais!

Pesquisar sobre uma artista que ainda está produzindo é um desafio e um prazer. Descubrem-se detalhes que jamais seriam possíveis de identificar sem o convívio direto ou um diário muito íntimo. A vontade sempre é de abarcar tudo, de reunir e divulgar o máximo de fontes primárias, de juntar todas as peças do quebra-cabeça para construir a história da artista e das obras.

Durante o processo de pesquisa aprendi muito, a dica que deixo aos colegas é que ao conversar/entrevistar o artista se vá munido de câmera filmadora. É extremamente difícil que entre o deslumbre de fã e o nervosismo de pesquisador se consiga registrar todos os pormenores, observar o ambiente e o artista, e principalmente, lembrar das obras que eles estavam apontando no momento exato da fala.

Caminhar por essas ruas, dobrar as esquinas e continuar sempre descobrindo novas paisagens, mais histórias sobre Quintana e Zoravia, fez dessa viagem um deleite! A quilometragem que eu percorri foi só o início, vislumbro muitas possibilidades numa produção tão vasta como a de Zoravia Bettiol. Tanto pode ser um olhar sobre as outras técnicas empregadas, como o design (joias, cadeiras) e seu pioneirismo na arte têxtil, como um novo olhar sobre os entrecruzamentos estabelecidos entre as diversas áreas artísticas.

Mesmo se focarmos novamente a literatura, são infindáveis as opções, mas creio que merecem dedicação urgente os trabalhos sobre Simões Lopes Neto e as ilustrações realizadas para livros infantis, por exemplo. Portanto, se você também deseja sentir a satisfação de aprender com uma artista que sempre tem um sorriso estampado no rosto, coloque uma roupa confortável, calce seus tênis e dê o primeiro passo!

MAPAS

LIVROS

BARDI, Pietro Maria. **História da Arte Brasileira.** São Paulo: Melhoramentos, 1976.

BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual.** Porto Alegre: Zouk, 2007.

BIASOLI, Vitor. **Grupo Quixote: história e produção poética.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

BRITO, Ronaldo. **Experiência Crítica.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CAVALCANTI, Carlos. **Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos.** Brasília: MEC, 1973.

CARDOSO, Rafael. **Arte Brasileira em 25 quadros [1790-1930].** Rio de Janeiro: Record, 2008.

CARVALHAL, Tania Franco. [org.] **Mario Quintana: poesia completa: em um volume.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005.

CASA NOVA, Vera; ARBEX, Márcia; BARBOSA, Márcio Venício. **Interartes - Literatura e Artes Visuais: diálogos e confluências.** Minas Gerais: UFMG, 2010.

CHILVERS, Ian. **Dicionário Oxford de Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CONFRARIA DOS BIBLIÓFILOS DO BRASIL. **14 contos e uma lenda de Simões Lopes Neto.** São Paulo: Confraria dos Bibliófilos do Brasil, 2011.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. **Escritos de Artistas.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LESSING, Gotthold Ephraim. **Laocoonte, ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia.** São Paulo: Iluminuras, 1998.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LOPES, Luiz Gonzaga. **Deborah Finocchiaro: A arte transformadora.** Porto Alegre: [s.n.], 2014.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

PRAZ, Mario. **Literatura e Artes Visuais.** São Paulo: Cultrix, 1982.

RAMOS, Paula Viviane. et al. **Zoravia Bettiol: a mais simples complexidade.** Porto Alegre: Território das Artes, 2007.

ROSA, Renato. **Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SCARINCI, Carlos. **A gravura no Rio Grande do Sul: 1900-1980.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

SOURIAU, Étienne. **Vocabulaire d'Esthétique.** Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

STROSSEN, Nadine. **Defending Pornography: Free Speech, Sex, and de Fight for Women's Rights.** Nova York: NYU Press, 1995.

TREVISAN, Armindo. **Mario Quintana poeta gaúcho e universal.** Porto Alegre: Prata, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

INTERNET

ASSOCIAÇÃO CHICO LISBOA. **História Chico Lisboa Oficial – Entrevista com Zoravia Bettiol.** Disponível em: <http://youtu.be/hp7zec9q_kE>. Acesso em: 20 set. 2014.

BETTIOL, Zoravia. **Site oficial da artista.** Disponível em: <<http://www.zoraviabettiol.com.br/>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

BETTIOL, Zoravia. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2006. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/>>. Acesso em: 23 ago. 2014.

BETTIOL, Zoravia. **Performance o Buffet de Filomena.** Disponível em: <http://youtu.be/lm_ZnXc52cI>. Acesso em: 08 nov. 2014.

CINEMATOGRÁFICA PAMPEANA. **Zoravia Bettiol - Grandes Mestres.** Disponível em: <http://youtu.be/N6Wx42Dy_3o>. Acesso em: 20 set. 2014.

ESTÚDIO 31. **Zoravia Bettiol apresenta Filomena e a Ecologia.** Disponível em: <http://youtu.be/8HK_zewA-6M>. Acesso em: 20 set. 2014.

FINOCCHIARO, Deborah. **Agreste Avena – trecho do espetáculo Sobre Anjos e Grilos.** Disponível em: <<http://youtu.be/tRnPbwLXvSg>>. Acesso em: 20 set. 2014

FINOCCHIARO, Deborah. **Site oficial do espetáculo Sobre Anjos e Grilos.** Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.sobreanjosegripos.com.br/>>. Acesso em: 02 maio 2014.

FINOCCHIARO, Deborah. **Trailer de Sobre Anjos e Grilos – O Universo de Mario Quintana.** Disponível em: <<http://youtu.be/9QqO9GNoraQ>>. Acesso em: 20 set. 2014.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. Carta da Transdisciplinaridade. In: **Educação e Transdisciplinaridade.** São Paulo: USP, 1999. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.

MAZA, Lucianno. **Livre, performática e poética.** Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <<http://www.zinecultural.com/blog/cultura/sob-as-asas-da-poesia-7-festival-nacional-de-teatro-critica>>. Acesso em: 28 set. 2014.

PARATY TV. **Zoravia Bettiol na OFF FLIP 2008.** Disponível em: <<http://youtu.be/Q0NWztz8prw>>. Acesso em: 20 set. 2014.

SCHUCMAN, Henrique. **Zoravia Bettiol falando sobre a Bienal de Arte Têxtil.** Disponível em: <<http://youtu.be/C3ivv592Q2I>>. Acesso em: 20 set. 2014.

TV COM. **Estilo Zen: Zoravia Bettiol e o Museu das Águas de Porto Alegre.** Disponível em: <<http://youtu.be/m8XP3gAPJA8>>. Acesso em 20 set. 2014.

TVE. **Museu das Águas de Porto Alegre – Entrevista com Zoravia Bettiol.** Disponível em: <<http://youtu.be/pQyC4HzmO-M>>. Acesso em: 20 set. 2014.

TV FEEVALE. **Autografando: Zoravia Bettiol – Parte 1.** Disponível em: <http://youtu.be/yebRt_rzzCc>. Acesso em 20 set. 2014.

TV FEEVALE. **Autografando: Zoravia Bettiol – Parte 2.** Disponível em: <<http://youtu.be/s6nJoHY3fD4>>. Acesso em 20 set. 2014.

PERIÓDICOS

A ARTE pelas mãos das mulheres. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 20, 04 out. 2006.

BETTIOL, Zoravia. Criatividade. **Informativo**: Boletim de Circulação Interna do Instituto de Física da UFRGS, Porto Alegre, 1983, n. 25, p. 1-8. Aula Inaugural.

DEBORAH recria Quintana. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 jun. 2006. Segundo Caderno, p. 4.

FABRIS, Annateresa. A história da arte como prática interdisciplinar. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 6, n. 10, p. 7-13, nov. 1995.

LERINA, Roger. Contracapa do Segundo Caderno. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 12, 05 out. 2006.

PAKULSKI, Letícia. Quintana das Artes. **O Sul**, Porto Alegre, p. 07, 30 jul. 2006.

PINCEL e Quintana. **Zero Hora**, Porto Alegre, 26 set. 2006. Segundo Caderno, p. 02.

QUEM também [...]. **Zero Hora**, Porto Alegre, 04 jul. 2008. Segundo Caderno, p. 12.

UMA figura rara. **Aplauso**: Cultura em revista. Rio de Janeiro, ano 4, n. 28, 2001, p. 42-44.

USINA amplia integração entre as artes. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 10 nov. 2005. No palco, p. 04.

ZAFFARI, Fernanda. Guerreira das Artes. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 abril 2011. Donna, capa e p. 12-15.

ZORAVIA. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 28 set. 2006. Panorama, p. 05.

CATÁLOGOS, CONVITES E FOLDERS DE EXPOSIÇÃO

KERN, Daniela. 14 Contos e uma lenda. In: **Homenagem a Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: UFCSPA, 2012. Folder da exposição.

LEITE, José Roberto Teixeira. **Zoravia Bettiol: xilogravura**. Porto Alegre: Espaço Galeria de Arte, 1965. Convite da exposição inaugurada em 04 nov. 1965.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **15 anos de gravura: Zoravia Bettiol: catálogo**. Porto Alegre, 1971. Catálogo de exposição comemorativa. Porto Alegre: Paço Municipal, de 06 de agosto a 06 de setembro de 1971.

OUTRAS FONTES

AMADO, Jorge. **Os Namorados de Zoravia**. Salvador, Natal de 1965. Depoimento.

BETTIOL, Zoravia. **Depoimento sobre Mario Quintana**. Porto Alegre, 1 fl., 2014. Depoimento.

GUIDO, Angelo. **Interpretação nova de um velho tema**. 1fl, nov. 1959. Depoimento.

CADERNO DE VIAGEM

Breve cronologia de uma vida plena

O objetivo desta cronologia é apresentar a artista e sua produção, para que seja possível situar a série pesquisada, por isso a organização se dá por ano e não por tipo de atividade. Não se trata de uma pesquisa aprofundada sobre sua biografia, mas de uma compilação de dados selecionados, sendo assim, não apresenta todas as realizações dela.

As informações para a cronologia tiveram como fonte o site próprio (<http://www.zoraviabettiol.com.br>), o livro sobre a artista (RAMOS, 2007), a Enciclopédia Itaú Cultural (<http://www.itaucultural.org.br/>), onde maiores detalhes podem ser obtidos. Havendo divergências de dados, os do livro foram considerados para a inclusão. Os dados mais recentes (2013 e 2014), que ainda não estavam sistematizadas, foram obtidas na página da artista no Facebook (<https://www.facebook.com/zoraviabettiol>).

| Legenda | | Exposição Individual |  |
|------------------------|--|----------------------|--|
| Pessoal e Profissional |  | Exposição Coletiva |  |
| Formação |  | Prêmios |  |

| Ano | Evento | Tipo |
|------|--|---|
| 1935 | Zoravia Augusta Bettiol nasce no dia 17 de Dezembro, em Porto Alegre | |
| 1941 | A família se muda para Bento Gonçalves |  |
| 1942 | Nova mudança, desta vez para Erechim | |
| 1945 | A família mora em São Paulo | |
| 1947 | Retornam para Porto Alegre. Zoravia estuda no Instituto de Educação General Flores da Cunha até concluir o ginásio |   |
| 1952 | Graduação em pintura no Instituto de Belas Artes, em Porto Alegre, finalizada em 1955 |  |
| 1955 | 6º Salão do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre |  |
| | 17º Salão de Artes Plásticas do Museu de Arte, em Belo Horizonte. Prêmio Condomínio Grande Hotel |   |
| 1956 | Faz aulas de desenho e gravura no Atelier Vasco Prado, até 1957 Divide o atelier com a colega e amiga Ada Aquino Frota |   |
| 1957 | 4º Salão Câmara Municipal de Porto Alegre 9º Salão da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre |  |
| 1958 | Viaja com a irmã e colegas para a Europa, onde fica três meses |  |
| | 1º Salão PanAmericano de Arte, no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Menção honrosa |   |
| | 5º Salão Câmara Municipal de Porto Alegre. 2º Prêmio em Gravura 10º Salão de Arte da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre. Prêmio Aquisição | |
| 1959 | Casa-se com o escultor Vasco Prado |  |
| | Poesia ilustrada brasileira, na 3ª Jornada Panamericana de Poesia, em Piriápolis, Uruguai |  |
| | Zoravia Bettiol: desenhos, linoleogravuras e xilogravuras, na Galeria Arte Bella, em Montevideú, Uruguai | |
| | A Salamanca do Jarau, na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em Porto Alegre | |
| | 1º Salão de Artes Plásticas, no IBA, em Porto Alegre | |

| | | |
|------|--|---|
| | 11º Salão da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre |  |
| | 5º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre. 2º Prêmio em Gravura |  |
| 1960 | Nasce seu primeiro filho, Fernando Bettiol Prado |  |
| | Mural Garças, na residência do arquiteto Joaquim Melo Pedreira, em Porto Alegre |  |
| | 7º Salão Câmara Municipal de Porto Alegre |  |
| | 12º Salão da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre |  |
| | Coletiva de Mini-Trabalhos, na Galeria Yázigi, em Porto Alegre |  |
| 1961 | Fez curso de Litografia, com Marcelo Grassmann, no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre |  |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, na Galeria Astréia, em São Paulo |  |
| | Gravura e tapeçaria de recorte, na Casa das Molduras, em Porto Alegre |  |
| | 6ª Bienal Internacional de São Paulo |  |
| 1962 | Nasce sua filha, Eleonora Bettiol Prado (Nora Prado) |  |
| | Xilogravuras, na Galeria GEAD, no Rio de Janeiro |  |
| | 17º Salão de Belas Artes da Cidade de Belo Horizonte, no Museu de Arte da Pampulha. 1º prêmio em desenho e prêmio Condomínio Grande Hotel em gravura |  |
| | 9º Salão de Artes Plásticas do IBA, em Porto Alegre |  |
| | Brazilian Woodcut from the State of Rio Grande do Sul, na Pan American Union, em Washington, Salt Lake City, Chicago e Denver, Estados Unidos |  |
| 1963 | 7ª Bienal Internacional de São Paulo |  |
| | 15 Artistas Gaúchos, na Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba |  |
| | Exposição Coletiva de Artistas Gaúchos, no MARGS, em Porto Alegre |  |
| 1964 | Zoravia e Vasco se mudam para a casa e atelier no bairro Três Figueiras |  |
| | Galeria Lascaux, em Buenos Aires, Argentina |  |
| | Galeria Cristal, em Córdoba, Argentina |  |
| | Galeria Astréia, em São Paulo |  |
| | 16º Salão de Belas Artes da Primavera, no Clube Concórdia, em Curitiba. Medalha de ouro |  |
| | 1ª Exposição da Jovem Gravura Nacional, mostra itinerante pelo estado de São Paulo |  |
| | Exposición Del Grabado, na Galeria de Arte de Casa América, em Buenos Aires, Argentina |  |
| 1965 | Espaço Galeria, em Porto Alegre |  |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, no Centro de Artes y Letras, em Punta del Este, Uruguai |  |
| | Galeria Convivium, em Salvador |  |
| | Galeria Solarium, em São Paulo |  |
| | Galeria Goeldi, no Rio de Janeiro |  |
| | Galeria Guinard, em Belo Horizonte |  |
| | 22º Salão Paranaense de Belas Artes, na Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba |  |
| | 1ª Exposição da Jovem Gravura Nacional, mostra itinerante pelos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina |  |
| | 8ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal |  |
| | Mostra Coletiva de Artistas Gauchos, na Leopoldina Galeria de Arte, em Porto Alegre |  |
| | 22º Salão Paranaense de Artes Plásticas, em Curitiba | |
| | The Braniff International Airways Collection of South American Art, no Texas, Estados Unidos | |
| | 2º Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, na Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília | |
| | Desenhistas Brasileiros em Coleções Mineiras, na Reitoria da UMG, em Minas Gerais | |
| 1966 | Zoravia Bettiol: xilogravuras Gênesis, na Espaço Galeria, em Porto Alegre | |
| | Xilografias Zoravia Bettiol, na Galeria U, em Montevidéu, no Uruguai | |
| | Gravadores do Rio Grande do Sul, em Kanazawa, no Japão | |
| | Gravuras Contemporâneas do Brasil – Artistas do Rio Grande do Sul, mostra itinerante por Tóquio, Suzu, Sakata, Osaka, Nikko | |

| | | |
|--|--|---|
| | 13 Artistas Gaúchos, no MAC/USP, em São Paulo | |
| | 2º Exposição da Jovem Gravura Nacional, no MAC/USP, em São Paulo | |
| | 3º Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, na Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília | |
| | 1º Salão de Abril da Petite Galerie, no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro | |
| | 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas, em Salvador, na Bahia. 1º prêmio nacional de gravura | |
| | 2º Salão de Arte Religiosa de Londrina, no Paraná. 1º prêmio em gravura |   |
| | Primeira Bienal da Bahia, em Salvador. 1º prêmio de Artes Gráficas | |
| | Salão de Arte Religiosa, em Londrina, no Paraná. 1º prêmio | |
| 1967 | Realiza sua primeira viagem aos Estados Unidos |  |
| | 4º Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, no Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília | |
| | 3º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, no Museu de Arte Contemporânea José Pancetti, em Campinas | |
| | Salão das Caixas, na Petite Galerie, no Rio de Janeiro | |
| | 3ª Bienal Americana de Gravura, no Museo de Arte Contemporáneo, em Santiago, no Chile | |
| | 9ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal | |
| | Two Brazilian Graphic Artists, no Brazilian-American Cultural Institute, em Washington, nos Estados Unidos |  |
| | Exposição Coletiva de Natal, na Galeria de Arte Independência, em Porto Alegre | |
| | Brazil! It's Contemporary Art, no Brazilian Cultural Festival, em Indiana University, nos Estados Unidos | |
| | 2ª Feria de Navidad de Artes y Artesanías, na Galeria de Arte y Artesanías, em Santa Fé, na Argentina | |
| 3º Salão de Arte Religiosa Brasileira, no Conselho Municipal de Cultura da Universidade de Londrina, no Paraná | | |
| 1968 | Vive em Varsóvia, na Polônia |  |
| | Faz aulas de arte têxtil no Atelier Maria Laskiewicz e estuda na Escola de Belas Artes de Varsóvia, na Polônia |  |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, na Metska Knihovna, em Praga, na Tchecoslováquia |  |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, na Galeria Rzezby, em Varsóvia, na Polônia | |
| | 2ª Bienal Internacional de Gravura, em Cracóvia, na Polônia | |
| | Imagem do Rio Grande do Sul 68, no Leme Palace Hotel, no Rio de Janeiro | |
| | Contemporary Brazilian Prints – Biennial Winners, no The Four Planets Gallery, em Stanford, nos Estados Unidos | |
| | Tres Aspectos Del Grabado Contemporáneo, em Santiago, no Chile | |
| | 2ª Exposição da Jovem Gravura Nacional, na Universidade Federal do Pará |  |
| | International Arts Festival, no The New York Hilton, em Nova Iorque, nos Estados Unidos | |
| | 3ª Bienal Americana de Grabado, em Santiago, no Chile | |
| 1ª Exposição Internacional de Gravura, na FAAP, em São Paulo | | |
| 1969 | Ministra cursos de arte têxtil no Atelier Zoravia Bettiol, em Porto Alegre, até 1973 |  |
| | Ilustra o livro Namorados, de Jorge Amado, pela Editora Cesar | |
| | Estudos a convite do governo espanhol, em Madri, na Espanha |  |
| | Estudos a convite do governo alemão, em Munique, na Alemanha | |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, na Galeria Simon Patino, em Genebra, na Suíça | |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, no Ministério da Cultura de Portugal, em Lisboa | |
| | Holzschnitte von Zoravia Bettiol, no Consulado Geral do Brasil, em Munique, na Alemanha |  |
| | Zoravia Bettiol: tapeçarias, no Estúdio Zoravia Bettiol, em Porto Alegre | |
| | 4ª Bienal Internacional de Tapeçaria, no Musée Cantonal des Beaux-Arts, em Lausanne, na Suíça |  |
| International Society of Plastic and audio-visual, em Osaka, no Japão | | |
| 1970 | Zoravia Bettiol: xilogravuras, na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro | |
| | Rodrigo Carmona Galeria de Arte, em Buenos Aires, na Argentina |  |

| | | |
|--|---|---|
| | Galeria Documenta, em São Paulo | |
| | Galeria Guinard, em Belo Horizonte | |
| | 3ª Bienal Internacional de Gravura, em Cracóvia, na Polônia | |
| | 1ª Bienal de San Juan del Grabado Latinoamericano y del Caribe, no Instituto de Cultura Puertorriqueña, em Porto Rico |  |
| | A Gravura Brasileira, no Paço das Artes, em São Paulo | |
| | Color Prints of Americas, no New Jersey Museum, em Trenton, nos Estados Unidos | |
| | Contemporary Brazilian Art, na Stanford University, nos Estados Unidos | |
| 1971 | Nasce Eduardo Bettiol Prado, seu filho caçula |  |
| | 15 Anos de Gravura de Zoravia Bettiol, na Prefeitura do Município de Porto Alegre |  |
| | Homenagem a Poetas, no Atelier Vasco Prado/Zoravia Bettiol, em Porto Alegre | |
| | Panorama de Arte Atual Brasileira, no MAM/SP, em São Paulo | |
| | Latin American Prints, na Zegrí Gallery, em Nova Iorque, nos Estados Unidos | |
| | 50 Anos de Arte Brasileira: Leilão do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro | |
| | Exposição dos Artistas Plásticos do Rio Grande do Sul, na Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília |  |
| | Concurso de “Caixas”, na Petite Galerie, no Rio de Janeiro | |
| | Exposição de Natal, na Galeria Gignard, em Belo Horizonte | |
| Messhaus Am Markt, Figura Bilder zur Literatur, International Book Art Exhibition, em Leipzig, na Alemanha | | |
| 1972 | Third International Print Biennial, no Bradford City Art Gallery, na Inglaterra | |
| | Carpi Print Triennial, na Itália | |
| | 4ª Bienal Internacional de Gravura, em Cracóvia, na Polônia | |
| | Ibizagraphic 72, no Museu de Arte Contemporânea, em Ibiza, na Espanha |  |
| | 2ª Bienal de San Juan del Grabado Latinoamericano y del Caribe, no Instituto de Cultura Puertorriqueña, em Porto Rico | |
| | 2ª Exposição Internacional de Gravura, no MAM/SP, em São Paulo | |
| Arte/Brasil/Hoje: 50 anos depois, na Galeria da Collectio, em São Paulo | | |
| 1973 | Muda-se com a família para a casa-atelier Pedra Redonda, em Porto Alegre |  |
| | Zoravia Bettiol: arte têxtil e xilogravuras, no Banco de La República, em Bogotá, na Colômbia | |
| | Dos Artista del Brasil em Lima. Centro de Estudos Brasileiros, em Lima, no Peru |  |
| | Zoravia Bettiol: arte têxtil e xilogravuras, na Galería Municipal, em La Paz, na Bolívia | |
| | Escultura em ferro pintado, no Atelier Vasco Prado/Zoravia Bettiol, em Porto Alegre | |
| Engravings by 18 Brazilian Artists, na Gallery “119”, em Tel-Aviv, em Israel |  | |
| 1974 | A Arte de Zoravia Bettiol: arte têxtil e xilogravuras, no MAM/SP, em São Paulo | |
| | A Arte de Zoravia Bettiol: gravuras e tapeçarias, no MAM/SP, em São Paulo | |
| | Xilogravura e tapeçaria, na Galeria Bonino, Rio de Janeiro |  |
| | Transparências Geométricas, no Atelier Vasco Prado/Zoravia Bettiol, em Porto Alegre | |
| | Gravuras de Zoravia Bettiol, no Teatro Carlos Gomes, em Vitória, no Espírito Santo | |
| | 5ª Bienal Internacional de Gravura, em Cracóvia, na Polônia | |
| | Ibizagraphic 74, no Museu de Arte Contemporânea, em Ibiza, na Espanha | |
| | 3ª Bienal de San Juan del Grabado Latinoamericano y del Caribe, no Instituto de Cultura Puertorriqueña, em Porto Rico |  |
| | Panorama de Arte Atual Brasileira, no MAM/SP, em São Paulo | |
| Arte Gaúcha/74, Exposição Itinerante. | | |
| Tapeçaria Brasileira, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte | | |
| 1ª Mostra Brasileira de Tapeçaria, na FAAP, em São Paulo. Menção honrosa |   | |
| 1975 | Zoravia Bettiol - Tappezzerie, Incisioni, na Galleria d’Arte della “Casa do Brasil”, em Roma |  |
| | Arte Gaúcha/74, em Brasília | |
| | 1ª Triennial of Fiber Arts, no The Central Museum of Textiles, em Łódź, na Polônia | |
| | Young Artist - Print 75, no Union Caribe Building, em Nova York, nos Estados Unidos |  |
| | Brasilianische Grafiker der Gegenwart, no Der Senator für Bildung, Wissenschaft und Kunst. Ausstellung im Staatsarchiv, em Bremen, na Alemanha | |
| 27 Grabados Hispanoamericanos en la Bienal de Ibiza, em Madri, na Espanha | | |

| | | |
|--|--|---|
| | 1º Encuentro Brasileño-Uruguayo de Tapiceria, em Montevideú, no Uruguai | |
| | Exposição Ponto de Arte, em Porto Alegre | |
| | Panorama de Arte Gaúcha, na Galeria Eucatexpo, em Porto Alegre | |
| | 1º Salão do Rio Grande do Sul, no MARGS. Menção honrosa |  |
| 1976 | Funda o Centro Brasileiro de Tapeçaria Contemporânea, em São Paulo, no qual participa por 3 anos, sendo vice-presidente e presidente na sequência |  |
| | Tapices, na Galeria de Arte da Casa do Brasil, em Madri, na Espanha | |
| | Incisioni, no Centro Cultural Ítalo-Brasileiro, em Milão, na Itália |  |
| | Zoravia Bettiol Gravures et Tapesseries, na Galerie Debret, em Paris, na França | |
| | 1ª Trienal de Tapeçaria, no MAM/SP, em São Paulo | |
| | 1º Panorama de Arte, na Universidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul | |
| | Artists from Rio Grande do Sul, na Art Gallery of The Brazilian-American Cultural Institute, em Washington D.C., nos Estados Unidos |  |
| | Grande Resegna D'Arte Contemporanea, em Munique, na Alemanha | |
| | Concurso internacional de artes gráficas, desenho e escultura, da Prefeitura de Milão, na Itália. Tavolozza d'Oro |  |
| 1977 | Zoravia Bettiol: xilogravuras, na Galeria da Pousada do Carmo, em Salvador, na Bahia |  |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, no MAM/BA, em Salvador, na Bahia | |
| | Panorama de Arte Atual Brasileira, no MAM/SP, em São Paulo | |
| | The Original and its Reproduction: a Melhoramentos project, no Brazilian-American Cultural Institute, em Washington, nos Estados Unidos | |
| | Arte Actual de Iberoamerica, no Instituto de Cultura Hispânica, em Madri, na Espanha | |
| | Mostra de Arte – Natal 77, na Galeria de Arte do Centro Comercial, em Porto Alegre | |
| | Primer Encuentro Argentino-Brasileño-Uruguayo del Tapiz, no Museo de Artes Visuales, em Buenos Aires, na Argentina |  |
| | Arte Gaúcha Agora, na Oficina de Arte, em Porto Alegre | |
| | Fiber Works, Americas and Japan, no The National Museum of Modern Art, em Kioto e Tóquio, no Japão | |
| | Primer Encuentro de Arte de Manzanares el Real, no Castelo de Manzanares, em Madrid, na Espanha | |
| 1978 | Zoravia Bettiol: arte têxtil e xilogravuras, na Galeria Praxis, em Buenos Aires, na Argentina |  |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, na Galerie Boisserée, em Colônia, na Alemanha | |
| | Kafka, no Atelier Vasco Prado e Zoravia Bettiol, em Porto Alegre | |
| | 1ª Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba, no Centro de Criatividade, em Curitiba, no Paraná | |
| | 2ª Triennial of Fiber Arts, no The Central Museum of Textiles, em Lódz, na Polônia | |
| | Osoarte, na Galeria de Artesanato e Arte, em Osório, no Rio Grande do Sul | |
| | Verde que Te quero Verde, na Galeria do Centro de Turismo de Natal, no Rio Grande do Norte |  |
| | Caminhos da Tapeçaria Brasileira, na Galeria Funarte, no Rio de Janeiro | |
| | Arte Inverno 78, na Sete Povos Galeria de Arte, em Porto Alegre | |
| Comemoração do 30º Aniversário do Estado de Israel, na Galeria do IAB, em Porto Alegre | | |
| 1979 | Começa a ministrar cursos de desenho em seu atelier | |
| | Lidera o grupo para reativar a Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, na qual foi Presidente (1980 e 1981-82), secretária (2003-2004) e é atual conselheira (2004-2006), em Porto Alegre |  |
| | Verde Que te Quiero Verde, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | Zoravia Bettiol: tapeçarias, no Atelier Vasco Prado e Zoravia Bettiol, em Porto Alegre |  |
| | Zeigt Holzchnitte der Brasilianerin Zoravia Bettiol, na Galerie Boisserée am Museum, em Colônia, na Alemanha | |
| | 1ª Trienal Latinoamericana del Grabado, em Buenos Aires e Mendoza, Argentina | |
| | 4ª Bienal de San Juan del Grabado Latinoamericano y del Caribe, no Instituto de Cultura Puertorriqueña, em San Juan, Porto Rico |  |
| | 2ª Trienal de Tapeçaria, no MAM/SP, em São Paulo | |
| Quatorze Artistas, na Cosme Velho Galeria de Arte, em São Paulo | | |

| | | |
|--|---|---|
| 1980 | Membro fundador do Movimento Gaúcho em Defesa da Cultura, no qual também foi vice-presidente e presidente, em Porto Alegre |  |
| | Homenagem a Pedra Redonda, no Atelier Vasco Prado e Zoravia Bettiol, em Porto Alegre |  |
| | The World of Franz Kafka, no Brazilian-American Cultural Institute, em Washington D.C., nos Estados Unidos |  |
| | 4º Salão de Artes Plásticas da Noroeste, na Fundação Educacional de Penápolis, em São Paulo |  |
| | Primer Congreso de Creación Femenina del Mundo Hispánico, na Universidad de Puerto Rico, em Porto Rico | |
| | Exposição Comemorativa Imagens de Dança, no Paço das Artes, em São Paulo | |
| | Mostra do acervo do MARGS na “V Fenarroz”, em Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul | |
| | 1ª Coletiva Barriga-Verde de Esculturas e Objetos (Convidada), no Teatro Carlos Gomes de Blumenau, em Santa Catarina | |
| | Galeria de Arte do Clube de Cinema, em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul | |
| 1981 | Viaja diversos países da Europa e África, onde compra esculturas e tecidos africanos |  |
| | Membro fundador do Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea (CGTC), em Porto Alegre |  |
| | Kafka, no Spazio Pirandello, em São Paulo |  |
| | Flora, na Imagem Galeria de Arte, em Porto Alegre | |
| | Textilkunst 81, na Stadtausstellung (Linz) e no Künstlerhaus (Viena), na Áustria | |
| | 5ª Bienal de San Juan del Grabado Latinoamericano y del Caribe, no Instituto de Cultura Puertorriqueña, em San Juan | |
| | 3rd Seoul International Print Biennial, em Seul, na Coréia do Sul | |
| | 1ª Mostra do Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, no Centro Municipal de Cultura, em Porto Alegre | |
| Coletiva de Natal, na Eucatexpo, em Porto Alegre | | |
| 1982 | Apoia a reativação da Usina do Gasômetro que estava ameaçada de demolição |  |
| | Realiza dois murais em Porto Alegre: <i>Os pássaros</i> , no hall da Galeria Vitorino; e <i>Iemanjá e marinheiros em noite de quatro luas</i> , no Colégio João Paulo I |  |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, em Estocolmo (Suécia) e Oslo (Noruega) |  |
| | Art from Brazil, na Embaixada do Brasil, na Filadélfia, nos Estados Unidos | |
| | Convidada no 5º Salão de Artes Plásticas da Noroeste, na Fundação Educacional de Penápolis, em São Paulo | |
| | 3ª Trienal de Tapeçaria, no MAM/SP, em São Paulo | |
| | Art from Brazil, no Brazilian-American Cultural Institute e Port of History Museum at Penn's Landing, na Filadélfia, nos Estados Unidos | |
| | Mostra de Arte, na Ato original, no Rio de Janeiro | |
| | 3ª Trienal de Tapeçaria, no MAM/SP, em São Paulo | |
| 1ª Mostra Experimental de mini-têxteis, no Centro Municipal de Cultura, em Porto Alegre | | |
| 1983 | Participa da Associação Gaúcha de Proteção do Meio Ambiente Natural (AGAPAN), em Porto Alegre, por três anos |  |
| | Zoravia Bettiol: tapeçarias, no Estúdio Zoravia Bettiol, em Porto Alegre |  |
| | Arte Livro Gaúcho: 1950/1983, no MARGS, em Porto Alegre |  |
| | Coletiva de Natal, na Galeria de Arte Masson, em Porto Alegre | |
| | Mulheres Gaúchas nas Artes Plásticas, na Galeria de Arte Masson, em Porto Alegre | |
| | Xilogravuras, na Singular Arte e Design, em Porto Alegre | |
| 2ª Mostra do Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, no Centro Municipal de Cultura, em Porto Alegre | | |
| 1984 | Realiza murais em Porto Alegre: <i>Estrela Sul</i> , no Edifício Sibisa, e <i>O passeio no parque</i> , no Hospital Moinhos de Vento |  |
| | Zoravia Bettiol: formas tridimensionais tecidas e tapeçarias, na Galeria Latina, em Montevidéu, no Uruguai |  |
| | Zoravia Bettiol: formas tridimensionais tecidas e tapeçarias, no Kunstindustriemuseet, em Oslo, na Noruega | |

| | | |
|--|--|---|
| | 6ª A Xilogravura na História da Arte Brasileira, na Casa Romário Martins, em Curitiba, no Paraná |  |
| | 1ª Bienal de Havana, no Museo Nacional de Bellas Artes, em Havana, em Cuba | |
| | Tapissieren aus Bresilien, na Textilmuseum Max Berk, em Heidelberg, na Alemanha | |
| | Doações Recentes 82-84, no MNBA, no Rio de Janeiro | |
| | A xilogravura na história da arte brasileira, Exposição itinerante, nas Galerias Sérgio Milliet e Espaço Alternativo da Funarte, no Rio de Janeiro | |
| | 2ª Mostra de Tapeçaria Gaúcha, na Aliança Francesa do Rio, no Rio de Janeiro | |
| | Momentos de Mário Quintana, no MARGS e na CCMQ, em Porto Alegre | |
| 1985 | Separa-se de Vasco Prado e mora por sete anos em São Paulo |  |
| | Coordenadora do grupo de trabalho para a criação do Museu de Arte Têxtil do Brasil |  |
| | É titulada Cidadã Emérita de Porto Alegre, pela Câmara Municipal | |
| | Recebe o prêmio Medalha Cidade de Porto Alegre, por bons serviços prestados à comunidade, pela Prefeitura |  |
| | Individual, na Itaú Galeria, em Brasília |  |
| | Zoravia Bettiol: retrospectiva 1955 - 1985, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | Coleção Brasília (joias), na Ponto de Arte-Alberto, em Porto Alegre | |
| | Desenhos de Parati, na Galeria Singular, em Porto Alegre |  |
| | Participante e uma das organizadoras das exposições, instalações e simpósio do Evento Têxtil 85, itinerante por cerca de 6 anos, passando por Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte | |
| | 6º Salão de Artes Plásticas da Noroeste, na Fundação Educacional de Penápolis, em São Paulo | |
| | Mostra do Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul, na CCMQ, em Porto Alegre |  |
| | Artêxtil no Brasil – Viagem pelo Mundo da Tapeçaria de Rita Cáurio, no MARGS, em Porto Alegre | |
| 1º Salão de Tapeçaria do Rio Grande do Sul, no Unibanco, em Porto Alegre |  | |
| 3ª Mostra do Centro Gaúcho da Tapeçaria Contemporânea, na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre. Artista homenageada | | |
| 1986 | Zoravia Bettiol: formas tridimensionais tecidas e tapeçarias, na Galería del Banco de Bilbao, em Huelva, na Espanha |  |
| | Zoravia Bettiol: retrospectiva 1955 - 1985, na FAAP, em São Paulo |  |
| | Tear - Tecido, Tapete, Tapeçaria, no Saguão Alceu Amoroso Lima, em São Paulo | |
| | 1ª Mostra do Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, na Galeria Bafisud, em São Paulo | |
| | Ecologia – Tradição/Atualidade, no Espaço Cultural Petrobrás, no Rio de Janeiro | |
| | Grafike i Crtezi iz Brazila, na Embaixada do Brasil, em Belgrado, na Iugoslávia | |
| | 1ª Mostra do Centro Paulista de Tapeçaria, na Galeria de Arte do SESI, em São Paulo | |
| | 1º Salão de Bijouterias Brasileiras, no Hilton Hotel, em São Paulo | |
| Retrospectiva da Galeria Singular, em Porto Alegre | | |
| 1987 | Faz aulas de design de joias na Oficina-Escola de Joalheria, em São Paulo |  |
| | Recebe o Troféu Destaque em Artes Plásticas 87, em Porto Alegre |  |
| | Individual, na Casa del Brasil, em Madri, na Espanha |  |
| | 18ª Bienal Internacional de Gravura, na Moderna Galerija Ljubljana, em Liubliana, na Eslovênia |  |
| | Primer Encuentro Brasileño-Uruguayo de Tapiceria la Fibra e el Têxtil, na Galeria Latina, em Montevideú, no Uruguai | |
| | Vernissage de 5ª Coletiva de Artes Plásticas, no Centro Cultural Tao Sigulda, em Campo Limpo Paulista, em São Paulo | |
| | 2ª Exposição de Tapeçaria do Centro Paulista de Tapeçaria (CPT), no Centro de Lazer do SESC Pompéia, em São Paulo | |
| | Graphic Arts of Brazil: brazilian artists of today, na El Salam Gallery, em Cairo, no Egito | |
| | Joia Assinada Contemporânea, no Centro Comercial de Alphaville, em Barueri, em São Paulo | |
| | Leilão de Arte Argentina-Brasil, no Hotel Eldorado, em São Paulo | |

| | | |
|--|---|---|
| | Caminhos: do desenho à joia, do aluno ao professor, do esmalte à fundição, na Escola Nova, em São Paulo | |
| | Momentos de Arte, no Clube Círculo Militar de São Paulo, em São Paulo | |
| | Brazilian Graphic Arts and Drawing, exposição itinerante por Zagreb, Silsak, Titovo, Valenge e Belgrado | |
| 1988 | Filia-se à Associação Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas (ANPAP). São Paulo |  |
| | É uma das fundadoras do núcleo Graphion, em São Paulo, participando até 1992 | |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras, no Centro de Estudios Brasileños, em Assunção, no Paraguai |  |
| | Arte Têxtil: técnicas contemporâneas, no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Rio de Janeiro | |
| | Xilogravura 88, no Paço das Artes, em São Paulo | |
| | A Escultura ao Alcance de Todos II, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo | |
| | 8º Salão de Artes Plásticas Câmara Municipal de Porto Alegre | |
| | 1ª Mostra de Arte Têxtil de São Lourenço, na Casa de Cultura de São Lourenço, no Rio Grande do Sul | |
| | 1ª Mostra Nacional de Arte Têxtil, na Casa de Cultura Prof. Waldemar Antonio de Mello, em Bebedouro, em São Paulo |  |
| | 1ª Mostra Nacional de Tapeçaria Artística, na Casa da Cultura Alto São Bento, em Ribeirão Preto, em São Paulo | |
| | Mostra do Artista Plástico 90 Anos da Sociedade Polônia, na Galeria de Artes da Sociedade Polônia, em Porto Alegre | |
| | Forma Tecida, na Galeria de Arte Ana Terra, em Vitória, no Espírito Santo | |
| Semana de Arte Aplicada Têxtil, na FATEC, em Americana, em São Paulo | | |
| 1989 | Faz aulas de utilização artística das fibras naturais, com Inese Birstins no MAC/USP, em São Paulo |  |
| | Ministra cursos de desenho, design de joias e arte têxtil, no Atelier Zoravia Bettiol, em São Paulo, por quatro anos | |
| | Realiza a performance itinerante <i>As Realizações de Filomena</i> , no curso utilização de fibras naturais, do MAC, em São Paulo |  |
| | Faz a instalação têxtil <i>Foi descoberto o guarda roupa de Penélope e Ulisses, divirta-se</i> , em evento do Centro Paulista de Tapeçaria, no SESC Pompéia, em São Paulo | |
| | Arte Têxtil, no Centro de Convivência Cultural de Campinas, em São Paulo | |
| | Arte Sul 89, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | 1º Enfeitarte, na Galeria do Crowe Plaza Holliday Inn Hotel, em São Paulo | |
| | Arte da Fibras Contemporânea, no Museu do Tecido do Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil, no Rio de Janeiro |  |
| | Evento Têxtil 89, em Porto Alegre | |
| | Mocidade Independente: ala dos que tem fibra, na Arte & Fato, em Porto Alegre | |
| Gravura Brasil Hoje/RS, no MARGS, em Porto Alegre | | |
| Mês da Arte Têxtil, no SESC Pompéia, em São Paulo | | |
| 1990 | Ministra o curso de arte têxtil na Universidade Estadual do Paraná, em Curitiba, no Paraná |  |
| | Zoravia Bettiol: arte têxtil e jóias, na Galeria Marisa Soibelmann, em Porto Alegre |  |
| | Noite Ecológica, no Finnegan's Pub, em São Paulo | |
| | Jóias e Ornatos Têxteis, em Campo Belo, em São Paulo | |
| | 2ª Enfeit'arte, no Del Pilar Galeria de Arte, em São Paulo |  |
| | 23ª Exposição de Arte Contemporânea, no Chapel Art Show, em São Paulo | |
| | Coletiva de Arte Têxtil, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzo, em Pelotas, no Rio Grande do Sul | |
| 1991 | Exposição Atelier Livre: 30 anos, no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre | |
| | Cidadania: 200 anos da declaração dos direitos do homem, no SESC Pompéia e após a exposição foi levada a mais de 15 cidades do Estado, durando dois anos | |
| | Núcleo Graphion, na Galeria de Arte da Hebraica, em São Paulo |  |
| | Chico Lisboa Agora, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | Arte e Fibras, no Centro de Convivência Cultural de Campinas, em São Paulo | |
| | Xilogravura, na Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão, em São Paulo | |

| | | |
|---|--|---|
| | Coletiva, na Da Vera Espaço de Arte, em Porto Alegre | |
| | Noite Paz e Ecologia, no Golf Hotel, em Itu, em São Paulo | |
| 1992 | No final do ano, muda-se para São Francisco, na Califórnia, nos Estados Unidos | |
| | Filia-se à Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo (APAP), em São Paulo | |
| | Membro fundador do Centro da Joia e do Ornato Contemporâneo, em Porto Alegre | |
| | Ministra o curso de instalação Liberação Espacial, na CCMQ, em Porto Alegre | |
| | Ministra o curso de design de joias, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | Realiza o Mural em cimento <i>Oxúm</i> , na Residência de Arrenius Bettiol e Doroty Collares, em Atlântida Sul, no Rio Grande do Sul |  |
| | Faz a performance itinerante <i>Filomena na Era Collor</i> , em São Paulo | |
| | Participa da obra coletiva <i>Proteja a vida</i> , uma grande instalação pictórica itinerante, que em três anos passou por Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, São Francisco (EUA); sempre em fachadas ou locais de grande circulação, estando presente na ECO 92 (RJ) no I Fórum Social Mundial, em Porto Alegre | |
| | Zoravia Bettiol: joias e ornatos têxteis, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | Zoravia Bettiol: arte têxtil, desenhos, joias e xilogravuras, no Atelier Zoravia Bettiol, em São Paulo |  |
| Xilogravuras, Jóias e Ornatos Têxteis, na Galeria Municipal de Arte da Casa de Cultura Percy Vargas de Abreu e Lima, em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul |  | |
| Sala Histórica do 15º Salão da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre |  | |
| Organizadora e participante da exposição América: Caminhos de um tempo perdido, realizada no SESC Pompéia, em São Paulo |   | |
| 1993 | Passa a integrar a Textile Art Council e a Tapestry Weavers West, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| | Ministra o curso de desenho e pintura no Studio Zoravia Bettiol, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| | Ministra o curso de ornatos para cabeça no The Whitney Young Child Development Center, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| | Zoravia Bettiol: pinturas, tapeçarias e xilogravuras, na Prefeitura de Menlo Park e na John Francis Gallery (São Francisco), nos Estados Unidos |  |
| | Gravura, na PUC de Campinas, em São Paulo | |
| | Grabados del Brasil, no Palácio de las Convenciones, em Havana, em Cuba | |
| | Xilogravura: do cordel à galeria, na Fundação Espaço Cultural da Paraíba, em João Pessoa | |
| | Matrizes e Gravuras Brasileiras: Coleção Guita e José Mindlin, no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, em Lisboa, Portugal |  |
| | 7th Festival of the Poetry in the Arts, na Fort Mason Conference Center, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| | Montage: elements of life, no Fort Mason Conference Center, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| Leilão Beneficiente Associação de Amigos do Autista, na Agaxtur Turismo, em São Paulo | | |
| 1994 | Membro fundador do Brazilian Cultural Movement, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| | Filia-se à San Francisco Women Artists Association, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| | Zoravia Bettiol: xilogravuras e tapeçarias, na Augusta Savage Gallery, em Amherst, nos Estados Unidos |  |
| | Xilo e Print: Mostra Internacional de Gravura em Relevo, no MAC/Campinas, em São Paulo | |
| | Xilogravura: do cordel à galeria, na Companhia do Metropolitano de São Paulo e no MASP |  |
| | Organizadora e participante do Brazilian Arts and Crafts Festival, no San Francisco Country Fair, em San Francisco, nos Estados Unidos | |
| | Artreach, na Life Conference Center, em San Francisco, nos Estados Unidos | |
| Gravura e Xilogravura, na Reitoria PUC de Campinas, em São Paulo | | |

| | | |
|--|--|---|
| 1995 | Integra o Conselho Brasileiro de Cidadãos, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| | Global Focus Exhibition, em Pequim, na China | |
| | Proteja a Vida, no Palace Fine Arts, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| | We Are All Conected, na Bayfront Gallery, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| | II International Symposium on Textile-White Nights, em São Petersburgo, na Rússia | |
| | Sweet Art, na San Francisco Woman Artists Gallery, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| | Images of the Breast, na Lengyel Studio Gallery, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| | Art Exhibition - The Brazilian Cultural Movement, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| Brasil Festa Nacional, no Union Square and Palace of Fine Arts, em São Francisco, nos Estados Unidos | | |
| 1996 | Faz aula de design de superfície na Image West Design School, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| | Ministra o curso Introdução ao Design de Superfície na Krapok Escola de Arte e no Centro Municipal de Cultura, em Porto Alegre, por três anos |  |
| | Ministra o curso Introdução ao Design de Superfície, no Studio 65, em São Paulo, por três anos | |
| | Exposição inaugural, no Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul | |
| | The peace Quilt Project, em Drban, em South Africa | |
| | 3rd Brazilian Arts, Crafts and Vídeo Festival, no Fort Mason Center Building, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| Leilão Especial Pró-MASP, do Escritório de Arte Renato Magalhães Gouvêa, em São Paulo | | |
| 1997 | Se você perder a cabeça, use o chapéu mais próximo...de sua alma, publicação da pesquisa sobre Headdresses, nos Anais do IX Encontro Nacional da ANPAP, que também foi apresentada no Ars Textrina International Exhibit, em Oklahoma City, nos Estados Unidos |  |
| | Organizadora e participante da instalação <i>Me dejas loco América</i> , no Mercado Público de Porto Alegre |   |
| | Brazilian Art Show - Viva Brasil |  |
| | Ars Textrina International Exhibit, na The University of Oklahoma, nos Estados Unidos). 2º prêmio |   |
| 1998 | Ministra o workshop Creating Headdresses na M. H. Memorial, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| | Ministra o curso Divirta-se criando headdress, na Krapok Escola de Arte, em Porto Alegre | |
| | Persona-Personagem, Head-Dresses e Fantasias, no MARGS, em Porto Alegre |  |
| | Xilo e Print: Mostra Internacional de Gravura em Relevo, no Museu de Arte Contemporânea José Pancetti de Campinas, em São Paulo | |
| | Os Colecionadores - Guita e José Mindlin: matrizes e gravuras, na Galeria de Arte do SESI, em São Paulo | |
| | Charter Day Celebration: international art action, no San Francisco War Memorial and Performing Arts Center, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| | Square Foot, na In Sight Gallery, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| | 4th Brazilian Arts & Crafts Festival, no Fort Mason, em São Francisco, nos Estados Unidos | |
| 1ª Bienal Latino-Americana de Pintura e Tapeçaria, Panche-be, em Porto Alegre. Menção Honrosa |   | |
| 1999 | Publicação de Oxumaré Textile Ornaments: A Reflection On Personal Adornment And Clothing, na Ars Textrina, Journal of Textiles and Costume, em Winnipeg |  |
| | Zoravia Bettiol: serigrafias e monotipias, na Galeria Gravura, em Porto Alegre | |
| | Zoravia Bettiol: tapeçarias, pinturas, gravuras e joias, no Studio Zoravia Bettiol, em São Francisco, nos Estados Unidos |  |
| | Coordenadora da mostra Navegadores de Imagens, nas imediações da Usina do Gasômetro, Instalação pictórica na Orla do Guaíba, em Porto Alegre |   |

| | | |
|--|---|---|
| | Artwear 99, no Fort Wayne Museum of Art, nos Estados Unidos |  |
| | USA Craft Today 99, no Silvermine Guild Art Center, em New Canaan, nos Estados Unidos | |
| | Mostra Rio Gravura. Gravura Moderna Brasileira: acervo do MNBA, no Rio de Janeiro | |
| | Mostra Rio Gravura. São Paulo: gravura hoje, no Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro | |
| | Exposição Clientes Personnalité Itaú, na Agência Personnalité Higienópolis, em São Paulo | |
| | Coletânea Têxtil, na CCMQ, em Porto Alegre | |
| 2000 | Volta a morar em Porto Alegre |  |
| | Objeto Brasil – Design nos 500 anos, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em São Paulo |  |
| | Leilão de Arte Campanha do Agasalho 2000, no Palácio Piratini, em Porto Alegre | |
| 2001 | 1º Troféu Negrinho do Pastoreio AGM, na categoria Pintura, em Porto Alegre |  |
| | Coletiva de Gravuras, na Galeria Gravura, em Porto Alegre |  |
| | Proteja a Vida, na PUC/RS, em Porto Alegre | |
| | Trilhando a Gravura, no Museu da Chácara do Céu, no Rio de Janeiro | |
| 2ª Mostra de Artistas Gaúchos, no Espaço Cultural Leonardo da Vinci, em Porto Alegre | | |
| 2002 | Membro fundador da Associação Cristal Florido, ex-presidente e atual membro do conselho, em Porto Alegre |  |
| | Realiza o mural na Avenida Mauá, em Porto Alegre (obra coletiva) |  |
| | Comenda Pedro Weingärtner, por serviços prestados à comunidade, concedido pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre | |
| | Desenhos, Gravuras, Esculturas e Aquarelas, na Garagem de Arte, em Porto Alegre |  |
| | Auto-Retrato em Gravuras, no Museu do Trabalho, em Porto Alegre | |
| | Mostra Ver & Rever, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | Gravura in Gramado, no Centro Municipal de Cultura de Gramado, em Gramado, no Rio Grande do Sul | |
| Design e Luz, na D House Shopping, em Porto Alegre | | |
| 2003 | Realiza o mural Que mundo é este? na lateral do Prédio do Curso de Psicologia da UFRGS, em Porto Alegre (obra coletiva) |  |
| | Publica Oficina Retrato de Corpo e Alma – uma experiência em artes plásticas, nos Anais do 17º Seminário Nacional de Arte e Educação, em Montenegro |  |
| | Paráguas Intervenidos, no Museu de Belas Artes, na Argentina | |
| | Intercâmbio Internacional de Miniarte, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre | |
| | Tempo: Passagem e Permanência, no Centro Municipal de Cultura, em Porto Alegre | |
| | 16ª Mostra de Arte da Mulher em Alegrete, no Museu de Arqueologia e Artes, em Alegrete, no Rio Grande do Sul | |
| | Porto Alegre em Foco, na Galeria Instituto de Artes-UFRGS, em Porto Alegre | |
| | Imprensa, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre | |
| Arte + Arte, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre | | |
| 2004 | Realiza a performance <i>Filomena na Escalada do Sucesso</i> , na Exposição Impressões, no Santander Cultural, em Porto Alegre |  |
| | Realiza a performance <i>Ações Espaciais do Corpo ao Pensamento</i> , no Museu de Arte Contemporânea, em Porto Alegre |  |
| | Cadeiras, pra que te quero?, no Centro Cultural Érico Veríssimo, em Porto Alegre | |
| | MÚLTIPLOS, exposição itinerante durante dois anos, por Passo Fundo, Novo Hamburgo, Bagé, Porto Alegre, Alegrete e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul |  |
| | Tijolo à Vista, na Travessa dos Venezianos, em Porto Alegre | |
| | Mulheres e Flores, na Gravura Galeria de Arte, em Porto Alegre | |
| | Impressões: panorama da xilogravura brasileira, no Santander Cultural, em Porto Alegre | |
| | Prato Feito com Amor, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre | |
| | Trilhando a Gravura, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre | |
| Água: uma visão de múltiplos olhares, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre | | |
| Dalí por Artistas Daqui: homenagem ao centenário de Dali, no Centro de Cultura Brasil Espanha, em Porto Alegre | | |

| | | |
|---|---|---|
| | Mostra de Lançamento do MAC no Cais do Porto, em Porto Alegre | |
| | 30 Retalhos - a poesia ao alcance dos olhos, no Largo dos Ilustradores - Praça da Alfândega, em Porto Alegre | |
| | Sobre o Nu, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | International Miniart Exchange, na Gomboc Gallery, em Midleswan, na Austrália | |
| | Paráguas Intervenidos, na 5ª Bienal do Caribe, em Santo Domingo, na República Dominicana | |
| | Coordenadora do projeto Paraguas Intervenidos, no Museu de Ciência e Tecnologia da PUC, em Porto Alegre | |
| 2005 | Realiza a performance itinerante <i>Filomena Organiza a Votação</i> , no Projeto Anta da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre |  |
| | Anima italiana, no MARGS, em Porto Alegre |  |
| | Tocando a Memória, no Memorial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre | |
| | Portas - Mulheres em Movimento, no Moeda Bar e Restaurante, em Porto Alegre | |
| | Mirabolante Circuito Galerias de Arte de Porto Alegre | |
| | Coleção 20 anos, na Pinacoteca Municipal Centro Municipal de Cultura Ianh Emil Martensen, em Rio Grande, no Rio Grande do Sul |  |
| | Arte nas Portas, na Câmara de Vereadores de Porto Alegre | |
| Sarau Visual Quintanartes a plasticidade da poesia. Espetáculo com Deborah Finocchiaro. Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre, RS; Feira do Livro de Quaraí, RS; Feira do Livro de Caxias do Sul, RS; SESC, Ribeirão Preto, SP | | |
| 2006 | Inaugura o novo estúdio e ministra cursos neste novo endereço | |
| | Imagens para cenografia, postais e programa da peça <i>Sobre Anjos & Grilos: o universo de Mario Quintana</i> . Espetáculo teatral com Deborah Finocchiaro, em Porto Alegre e diversas outras cidades brasileiras |  |
| | Indicação para melhor cenografia no Festival de Teatro de Rezende, no Rio de Janeiro, pela peça <i>Sobre Anjos & Grilos</i> |  |
| | <i>Trans-figurações de Quintana</i> , no Estúdio Zoravia Bettiol, em Porto Alegre |  |
| | Zoravia Bettiol: a multiplicidade expressiva, na Galeria Municipal de Arte, da Casa de Cultura Percy Vargas de Abreu e Lima, Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul | |
| | 20/20, na Galeria Bolsa de Arte, em Porto Alegre | |
| | Porto Alegre de Quintana, na Prefeitura Municipal de Porto Alegre | |
| | MAC no A6 Consolidação, em Porto Alegre | |
| | 200 Anos de Arte Gaúcha, no Terrazas D'Anchieta, em Porto Alegre | |
| | Pintando a Paz, no Plaza São Rafael, em Porto Alegre |  |
| | Trajectoria, na Galeria da Vera, em Porto Alegre | |
| Ao teu Lado, na Casa da Gravura, em Porto Alegre | | |
| Leilão Arte pró-Museu, no Museu Afro Brasil, em São Paulo | | |
| 2007 | Coordena a publicação do livro bilíngue <i>Zoravia Bettiol - A mais simples complexidade</i> . Porto Alegre: Território das Artes, 2007 |  |
| | Criação do Espaço Zoravia Bettiol, no Teatro Novo DC, em Porto Alegre | |
| | Prêmio especial do júri, no 2º Festival Nacional de Teatro de Campos dos Goytacazes, pelo cenário da peça <i>Sobre Anjos & Grilos</i> , no Rio de Janeiro |  |
| | Melhor Cenário Categoria Adulto, por <i>Sobre Anjos & Grilos</i> , no 14º Festival de Teatro de Florianópolis, em Santa Catarina | |
| | Zoravia Bettiol: a mais simples complexidade, no MARGS, em Porto Alegre |  |
| | Evento Essa POA é Boa, no DC Shopping, em Porto Alegre | |
| | 4th International Miniart Exchange, na Waterfront Hall, em Belfast, na Irlanda do Norte |  |
| Novas Aquisições MAM – Coleção Gilberto Chateaubriand, no Rio de Janeiro | | |
| 2008 | Ilustração e capa do livro de Carlos Urbim: <i>Admissão ao Ginásio</i> . Porto Alegre: Escritos, 2008 |  |
| | Prêmio pela trajetória artística no 17º Encontro de Artes Plásticas de Atibaia, em São Paulo | |
| | 2º Prêmio Joaquim Felizardo, em Artes Plásticas, Porto Alegre | |
| | 2º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas - Indicação Melhor Exposição Individual, Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados, Destaque de Curadoria de Exposição, por <i>A mais Simples Complexidade</i> |  |

| | | |
|---|--|---|
| 2009 | A Bagagem Imaginária de Zoravia Bettiol, na 7ª Semana de Arte Têxtil, no Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, em Porto Alegre |  |
| 2010 | <i>Cow-lice in the Wonderland</i> , na <i>Cow Parade</i> , Edição Porto Alegre |  |
| | Projeto Gráfico do livro de <i>Colonos e Quilombolas - Memória Fotográfica das Colônias Africanas de Porto Alegre</i> . Editora: Nova Letra, Blumenau | |
| | Ilustrações e Capa do livro de Simões Lopes Neto: <i>14 Contos e uma Lenda</i> . Confraria dos Bibliógrafos do Brasil, 2010 | |
| | Ilustrações e Capa do livro de Livia Petry: <i>As Aventuras do Menino Anjo</i> . Porto Alegre: Nova Prova, 2010 | |
| | Realiza a instalação <i>No Mundo da Arte Poluição à Parte</i> , na Feira Internacional de Tecnologia para o Meio Ambiente, em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul | |
| 2011 | Curso de Shibori, com Daniela Adams, em Porto Alegre |  |
| | Membro do júri do edital anual da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre |  |
| | Realiza a intervenção urbana <i>Quem Ama Abraça</i> , em Porto Alegre |  |
| | Escultura Liberdade, no Projeto Artemosfera, em Porto Alegre | |
| | Arte ao Cubo, no Centro Cultural da Usina do Gasômetro, em Porto Alegre |  |
| | Aire- 6 TM World Textil Art Biennial, nos Jardins da USBI, em Xalapa, no México | |
| 2012 | Prêmio Líderes e Vencedores, da FEDERASUL, em Porto Alegre |  |
| | Homenagem a Simões Lopes Neto, no Espaço das Artes da UFCSPA, em Porto Alegre |  |
| | Cadeiras prá que te quero?, no Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, em Porto Alegre | |
| | Realiza a performance <i>Filomena e a Ecologia</i> , no Projeto Artemosfera, em Porto Alegre |  |
| | 16º Intercâmbio Internacional de Miniarte - Faces, no Centro Cultural Francisco Paco Urondo, em Buenos Aires, na Argentina | |
| | 15º Intercâmbio Internacional de Miniarte – Esportes, no The Waterfront Hall, em Belfast, na Irlanda do Norte | |
| | Mostra Têxtil Transformações, na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo | |
| Mostra Latinidad, no Museu de Arte, em Santa Maria | | |
| 2013 | Lançamento da primeira parte do documentário sobre Zoravia Bettiol, como segundo episódio da série <i>Grandes Mestres</i> , dirigida por Henrique de Freitas Lima, na Associação Germânia, em Porto Alegre |  |
| | Intervenção pictórica na logomarca do Fórum de Autoridades Locais de Periferia (FALP 2013), em Canoas | |
| | Criação de imagens da vinheta realizada por Ronaldo Sabin para a série <i>Histórias Extraordinárias</i> , da RBS, em Porto Alegre | |
| | Encantações e Musas, na Galeria e Espaço Cultural Duque, em Porto Alegre |  |
| | 25º Exposição de Artes Visuais, na Associação Germânia, em Porto Alegre |  |
| | Imagine!, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre | |
| 2014 | Em Outubro, a artista se mudou para a Vila Assunção, em Porto Alegre |  |
| | Criado o Instituto Zoravia Bettiol (IZóB) | |
| | Palestra sobre o Museu das Águas, na AAMARGS | |
| | Curadora da exposição <i>Arquiteturas Autodidatas</i> , de Lídia Fabrício, no Tribunal Regional Federal de Porto Alegre | |
| | Participação no relatório <i>Mulheres Gaúchas – Indicadores de Gênero</i> , da Fundação de Economia e Estatística, do Governo do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre | |
| | Palestra (também em DVD) sobre a Ecologia e as Artes Visuais, na Livraria Cultura, em Porto Alegre |  |
| | Indicação para o VII Prêmio Açorianos como destaque em desenho | |
| | Arte Têxtil - Um percurso da Bi a Tridimensionalidade, na Galeria e Espaço Cultural Duque, em Porto Alegre | |
| | 20/20, na Galeria Bolsa de Arte, em Porto Alegre | |
| | Geografias da Criação – Arte, Moda e Design, no MARGS, em Porto Alegre | |
| | 20º Intercâmbio Internacional de Miniarte Ideal, na Galeria Duque, em Porto Alegre | |
| Além da Vista, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre |  | |
| Arte e Artistas na Orla, na Av. Guaíba, em Porto Alegre | | |

Obras e Referências

Trans-figurações de Quintana (2006)

Zoravia Bettiol

Canção da aia para o filho do rei



Monotipia, 42 x 58 cm, 2005.
Coleção Particular.

Mandei pregar as estrelas
Para velarem teu sono.
Teus suspiros são barquinhos
Que me levam para longe...
Me perdi no céu azul
E tu, dormindo, sorrias.
Despetalei uma estrela
Para ver se me querias...
Aonde irão os barquinhos?
Com que será que tu sonhas!
Os remos mal batem n'água...
Minhas mãos dormem na sombra.
A quem será que sorris?
Dorme quieto, meu reizinho.
Há dragões na noite imensa,
Há emboscadas nos caminhos...
Despetalei as estrelas,
Apaguei as luzes todas.
Só o luar te banha o rosto
E tu sorris no teu sonho.
Ergues o braço nuzinho,
Quase me tocas... A medo
Eu começo a acariciar-te
Com a sombra de meus dedos...
Dorme quieto, meu reizinho.
Os dragões, com a boca enorme,
Estão comendo os sapatos
Dos meninos que não dormem...

Dragão



Monotipia, 33,5 x 49 cm, 1958.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Na volta da esquina encontrei um Dragão.
- Que lindas escamas...senhor Dragão! Que luminoso laquê! E as chamas que dêitais por vossa goela têm o colorido e o movimento de um balé. E o ar heráldico, Excelência, que... E o Dragão saiu se rebolando.

O Nascimento dos Poetas



Monotipia, 42 x 58 cm, 2005.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

XXXXXXXXXX

Quem disse que a poesia é apenas
agreste avena?

A poesia é a eterna Tomada da Bastilha
o eterno quebra-quebra
o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas
as esquinas

e,
a um rufar poderoso de asas,
entre cortinas incendiadas,
os Anjos do Senhor estuprando as mais belas filhas dos
mortais

Deles, nascem os poetas.
Não todos... Os legítimos
espúrios:
um Rimbaud, um Poe, um Cruz e Souza...

(Rege-os, misteriosamente, o décimo terceiro signo do
Zodiaco.)

Canção da garoa



Monotipia, 42 x 58 cm, 2006.
Coleção Particular.

Em cima do meu telhado,
Pirulin lulin lulin,
Um anjo, todo molhado,
Soluça no seu flautim.

O relógio vai bater;
As molas rangem sem fim.
O retrato na parede
Fica olhando para mim.

E chove sem saber por quê...
E tudo foi sempre assim!
Parece que vou sofrer:
Pirulin lulin lulin...

São Jorge e o Dragão



Monotipia, 59 x 42 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

"Santo da minha devoção? São Jorge, com seu cavalo e seu dragão. Sou devoto dos três..."

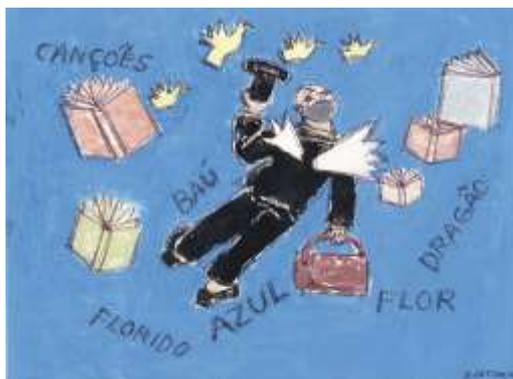
Mario Quintana

São Jorge e o Dragão



Monotipia, 30 x 20 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Mario Anjo Disfarçado de Homem



Monotipia, 42 x 59 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

"... descobri outro dia que o Quintana, na verdade, é um anjo disfarçado de homem. Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora. (Ah! Como anjo seu nome não é Mario e sim Malaquias)..."

Érico Veríssimo

Mario Anjo Disfarçado de Homem



Monotipia, 42 x 59 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Mario Anjo Disfarçado de Homem



Monotipia, 42 x 59 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Revoada



Monotipia, 70 x 78 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

“... descobri outro dia que o Quintana, na verdade, é um anjo disfarçado de homem. Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora. (Ah! Como anjo seu nome não é Mario e sim Malaquias)...”

Érico Veríssimo

Revoada



Monotipia, 22 x 30 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Canção vespertina



Monotipia, 59 x 42 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Referência às recorrências
de anjos e religiosidade.

Canção vespertina



Monotipia, 20 x 30 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Sobre anjos e grilos



Monotipia, 42 x 59 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Referências às recorrências
de anjos e grilos.

Esperança



Monotipia, 42 x 59 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

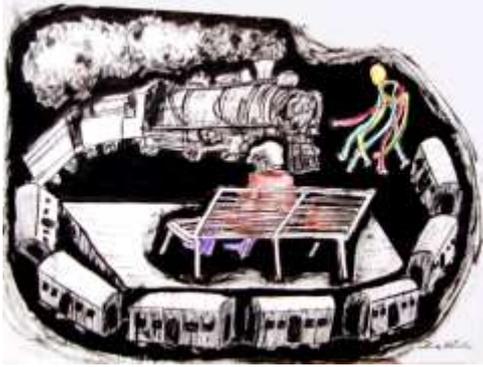
Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
vive uma louca chamada Esperança
e ela pensa que quando todas as sirenas
todas as buzinas
todos os reco-recos tocarem,
atira-se
e
– ó delicioso voo –
será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
– Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá, então,
(é preciso explicar-lhes tudo de novo!)
ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:
– O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

Esperança



Monotipia, 22 x 30 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

A gare de Astapovo



Desenho (nanquim e lápis de cor), 42 x 60 cm, 2006.
Coleção Particular.

O velho Leon Tolstói fugiu de casa aos oitenta anos
E foi morrer na gare de Astapovo!
Com certeza sentou-se a um velho banco,
Um desses velhos bancos lustrosos pelo uso
Que existem em todas as estações pobres
do mundo,

Contra uma parede nua...
Sentou-se... e sorriu amargamente
Pensando que
Em toda a sua vida
Apenas restava de seu a Glória,
Esse irrisório chocalho cheio de guizos e fitinhas
Coloridas
Nas mãos esclerosadas de um caduco!
E então a Morte,
Ao vê-lo sozinho àquela hora
Na estação deserta,
Julgou que ele estivesse ali à sua espera,
Quando apenas sentara para descansar um pouco!
A Morte chegou na sua antiga locomotiva
(Ela sempre chega pontualmente na hora incerta...)
Mas talvez não pensou em nada disso, o grande Velho,
E quem sabe se até não morreu feliz: ele fugiu...
Ele fugiu de casa...
Ele fugiu de casa aos oitenta anos de idade...
Não são todos os que realizam os velhos sonhos da
infância!

Caminhos



Desenho (nanquim e lápis de cor), 59 x 42 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Passa o rei com seu cortejo.
Passa o Deus no seu andor.
E, milênios depois, neste caminho, apenas
Ainda sopra o vento nas macieiras em flor...

Quintana em quatro tempos



Desenho (nanquim, lápis e colagem), 60 x 42 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Referências à vida e
obra do poeta.

Quintana em quatro tempos



Desenho (nanquim, lápis e colagem), 42 x 33 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Universo de Mario Quintana



Desenho (nanquim, lápis e colagem), 42 x 60 cm, 2006.
Coleção de Ainda Muradas, Florianópolis, Brasil.

Referências à vida e obra do poeta.

Universo de Mario Quintana



Instalação (acrílico sobre tela, ferro e papelão), 190 x 177 x 60 cm, 2006.
Estúdio da artista, Porto Alegre, Brasil.

Referências à vida e obra do poeta.

Entrevistas com Zoravia Bettiol

Apresentação

Marcamos por e-mail um horário para eu visitá-la, o encontro ocorreu no estúdio da artista em Outubro de 2013 e foi informal, por isso não há gravação de áudio ou outro registro, o intuito era apenas me apresentar, manifestando o desejo de realizar uma pesquisa sobre seu trabalho. Não havia ainda um foco definido, por isso não foram feitas perguntas específicas, mas ela me falou sobre algumas séries, pude observar suas obras e conversamos cerca de uma hora. No final identifiquei que haveria disponibilidade da parte dela em colaborar com o trabalho e iniciei minhas pesquisas.

Entrevista 1

A primeira entrevista ocorreu no dia 07/05/2014, às 19h, no estúdio da artista Zoravia Bettiol, localizado no bairro Teresópolis, e durou 1h10m. Ela me recebeu no escritório dela e foi muito gentil. No início ela me mostrou as obras da série que estavam em sua mapoteca e explicou um pouco sobre cada uma, depois respondeu minhas perguntas, embora não lembrasse de alguns detalhes. No final, deixei marcada uma próxima entrevista.

Transcrição¹

[mostrando as imagens]

ZB: Eu fiz este em dois tamanhos, muitos fiz em dois tamanhos, como a *Velha História*. Tu sabes aquele conto dele?

ALB: Sim, o material que encontrei na internet, no teu site, no site do *Sobre Anjos e Grilos*, eu já fui procurando as poesias relacionadas, outras não encontrei e queria conversar contigo sobre isso. Uma coisa que me deixou um pouquinho assustada [risos de ZB] foi que são 28 obras nessa série *Trans-figurações de Quintana*, pelo menos é o que está na notícia do jornal, que quando tu abriste o atelier aqui tu fizeste...

ZB: Sim, sim, era isso mesmo. Sim, claro, tá certíssimo!

¹ Esclareço que embora eu tenha ciência das diferenças entre o texto escrito e falado, optei por uma transcrição mais poética das entrevistas deste anexo, reproduzindo o ritmo da fala da artista e da atriz, respeitando o fluxo espontâneo de pensamento. Meu intuito é deixar o leitor mais próximo delas e quem sabe proporcionar um pouco da experiência que tive no contato pessoal com essas mulheres extraordinárias.

ALB: E tu tens todas estas obras aqui?

ZB: Não, porque eu vendi. Por exemplo, vamos ver se esta tem aqui. Não, não tem...

ALB: Tu tens elas em CD? Em computador? Algum registro?

ZB: Eu tenho a fotografia.

ALB: Vi que muitas já estão na internet, consegui salvar.

ZB: Acho que vou por 25 na internet.

ALB: Porque eram desenhos, monotípias e uma instalação.

ZB: Isto aí! Esta aqui eu fiz pequena e depois fiz grande, acho que tem na internet, quer ver uma coisa? Já vou te mostrar no meu outro perfil, para tu sentir a diferença, é a mesma história, mas tem diferença. São pequenas diferenças, mas elas existem. Olha, é a mesma ideia, mas tu vêes, esta é a pequena e eu fiz a grande.

ALB: A grande tu vendeu já?

ZB: Sim. Para tu veres que são parecidíssimas, mas não é a mesma coisa. Até o peixinho está de um lado e na outra está do outro, está invertido, e as soluções, aqui eu fiz de uma maneira, as ondas, aqui de outra.

ALB: A linha... Mas tu tens o registro de todas as 28, com as imagens? Tu achas que a gente consegue? Porque eu vou trabalhar com isso, a partir...

ZB: Claro, sim. Acho que sim. Estou te mostrando que umas estão aqui e outras não estão mais.

ALB: Ótimo!

ZB: Esta aqui que eu fiz do dragão, era de uma série de bichos imaginários, esta é de 58, é quando fiz ilustrações de poesia brasileira, que foi para Piriápolis, já te falei isso?

ALB: Acho que sim ou eu li...

ZB: Tinha outra poesia do Mario Quintana, a canção do baú, uma outra ilustração. Bom, por exemplo, tem essa grande, do Mario anjo-poeta, e tem alguma pequeninha, se não está aqui é porque foi vendida. Isto aqui é o que eu fiz para a *Sobre Anjos e Grilos*, depois aumentei e acabei fazendo o convite, que tem mais corpo, mais para cima. Bom, depois, esta aqui...

ALB: São Jorge.

ZB: Esta tem a pequena e tem a grande. E este ano está sendo duro e vai ser duríssimo para mim, porque o ano que vem faço 80 anos [de idade] e 60 de arte, e quero fazer uma retrospectiva e apresentar em Porto Alegre, São Paulo e Rio [de Janeiro]. Tenho que ter dinheiro que eu não tenho, entre 80 e 100 mil, que é muito dinheiro para mim, para qualquer um também. Para restaurar placa de gravura, para comparar o material, para pagar pessoas para te [ajudar], porque eu perdi muita coisa, deixei 15 anos as coisas em depósito, então foi um terror. Depois

te lembra que mostro a ideia para fazer este aqui, vou fazer cinco gravuras, que as pessoas podem pagar em dez ou doze meses, para ter dinheiro, e talvez fazer *crowdfunding* também, ainda não sei direito isso, para ver se consigo levantar este dinheiro. Depois te mostro a ideia da composição deste aqui com o texto do Mario. Deixa eu ver aqui, tá cheio de papel.

ALB: A Esperança.

ZB: É, a Esperança. Este aqui fiz também grande, as fases do Mario, ele criança, que eu acho que o que mais representa ele, a poesia dele para mim é ele criança, nem aqui, nem aqui, nem aqui. [apontando para as outras fases: jovem, adulto e idoso]

ALB: Sim, é muito lúdica.

ZB: É, claro, divertida! Esta aqui tem uma história engraçada. Aqui outra. Gosto mais desta do que desta, eu acho mais bonitinha esta aqui.

ALB: A menorzinha.

ZB: É, eu pus no *face* [Facebook] a menor, ou vou por, se ainda não apareceu. Esta aqui acho engraçada, aqui parece um pouco [**ALB:** os Caminhos] o Luís Fernando Veríssimo e este parece um pouco o Pedro [Veríssimo].

ALB: Parece mesmo o Veríssimo.

ZB: Há anos atrás, parece os dois um pouco [risada], esta é nanquim e lápis de cor. Estas não têm muita diferença, estas colagens, bom, depois...

ALB: Estas são todas as que ficaram contigo?

ZB: É. Quando eu fiz a exposição sobre gravura, talvez tenha ficado alguma coisa montada. Bom, acho que nós não vamos mais precisar manusear elas, ou sim?

ALB: Se você tem os registros delas, não precisa, mas eu gostaria de marcar mais adiante, quando aprofundar a pesquisa vou precisar dar mais uma olhada nelas, aí venho conversar contigo.

ZB: [mostrando imagens de outra pasta] Bom, isto aqui eu quero fazer murais sobre a Alice, no País das Maravilhas e depois outro sobre Alice Através do Espelho, mas isso não tem nada a ver contigo, o que tem é que eu comecei a fazer aqui as cinco gravuras que te disse, a do Mario Quintana. Onde é que está? Não está aqui. Claro que eu já transpus aqui, é o estudo, tem estas três cores, depois misturando se consegue mais tons. Esta aqui também, espera só um minuto. Eu vou te mostrar... não achei.

ALB: Não tem problema. Já que tu comentaste sobre literatura, percebi que esta tua relação com a literatura vem de longa data, quando é que começou o teu interesse pela literatura? Me conta um pouco, porque eu fiquei maravilhada!

ZB: Bom, olha, fui criada num ambiente muito estimulante artisticamente. O meu pai contava histórias e uma época ele criou personagens, isso eu já te falei, não? Se às vezes eu vou repetir alguma coisa...

ALB: Não, pode falar. Eu li algumas coisas no livro, mas gostaria de conversar novamente contigo.

ZB: Então, ele tinha alguns personagens que a gente pedia histórias, uma era a menina de borracha, depois o outro, o que eu mais gostava era o personagem romântico, o menino azul, e tinha a bolachuda, era gordinha, a guria gordinha. Então, a gente pedia a história, eu queria da bolachuda, eu queria do menino azul, a gente pedia e ele contava as histórias. E uma tia minha, eu e meus irmãos já éramos grandes, nós já sabíamos ler e escrever, não era que não se soubesse, e ela lia, tinha umas coleções grandes, de uns livros lindos, os mais belos contos chineses, franceses, iugoslavos, então ela lia as histórias para nós. E a minha mãe contava situações da vida, histórias do cotidiano e contava com muito entusiasmo e com muito calor, muita cor, muito muito muito, muito expressiva, ela era muito expressiva. Os três, cada um contava coisas que desenvolviam nosso imaginário. Quando eu devia ter uns três anos, claro, nem sabia ler ou escrever, fui na biblioteca do meu pai, ele tinha livros enormes, era professor de história, e lembro que uma vez peguei o livro sobre mitologia grega, então ele me contava as histórias e anos depois fiz a série dos deuses olímpicos. Engraçado, as coisas de infância como marcam a gente, não é? Impressionante!

ALB: É. E tu continuou lendo, continuou tendo na tua formação...

ZB: Sim, claro, é incrível!

ALB: O que tu gosta mais? Romance, poesia?

ZB: Gosto muito de poesia, mas, estas cinco gravuras, uma é meio Romeu e Julieta, outra é Alice no País das Maravilhas, esta vou fazer a Alice no lago, os elementos, estes dois murais, um é a Alice no País das Maravilhas, não, a cena vai ser o julgamento pelo roubo das tortas, adoro esta aqui e a outra é Alice Através do Espelho, que são personagens que tem o Duvaldo aqui, Timbalelê ou Timbolalá, não me lembro bem, os dois personagens são do Lewis Carrol. Acho fascinante...

ALB: Foi naturalmente, estas coisas que te marcaram, estas leituras foram sendo incorporadas no teu trabalho.

ZB: Sim. Nem me dei conta. E também o que facilita é porque trabalho em séries. Meu pai fazia estudos comparados de religiões, então acabei ilustrando o Gênesis, depois os deuses olímpicos, os orixás. É engraçado as coisas, cada um acaba refletindo as suas origens e

principalmente as situações mais marcantes da sua infância. Para qualquer ser humano, escritor ou músico.

ALB: [concorda] Tu eras amiga do Mario Quintana, [**ZB:** Sim, pois é, sim.] li algumas reportagens. Como é que começou esta admiração por ele, pelas poesias e a relação de vocês? Porque certamente tu já tinhas lido ele antes.

ZB: Sim, nós moramos em Porto Alegre, Bento Gonçalves, Erechim, São Paulo e Porto Alegre novamente, porque meu pai era de esquerda e foi muito perseguido por isso. Bom, quando nós voltamos para Porto Alegre eu tinha 11 anos, estava no primeiro científico, faço anos em dezembro, então fiz doze anos, primeiro ginásial, desculpa. Primeiro ginásial?

ALB: Agora mudou tudo.

ZB: É, é isso. E aí menina, eu lia no Correio do Povo, no caderno de cultura, a seção do Mario Quintana no Caderno H. [**ALB:** desde pequeninha] É, então me chamava atenção, com 11 anos, comecei a ler coisas do Mario Quintana, mas só em jornal. Bom, depois, quando me casei com o Vasco, o Vasco era amigo do Mario Quintana e também fiquei amiga dele. Sempre a minha relação com o Mario era muito divertida, a gente contava muita piada e ele, aquele espírito brilhante e irônico! Porque tem gente que diz que o Mario era chato, que o Mario Quintana era rabugento, agora, cada pessoa inspira alguma coisa na outra, que dá uma inter-relação, não vou poder dizer nunca que ele foi rabugento comigo, porque seria mentira, mas posso acreditar que talvez com um colega de redação ou em outras circunstâncias isso possa ter acontecido, mas comigo ele era sempre divertido. Depois fiz uma tapeçaria [...]

ALB: Da série homenagem aos poetas?

ZB: Sim. *A Canção do Vento*. Ele fez lembrando a filha do Maurício Rosemblat, que era muito amigo dele e do Érico Veríssimo, e o Maurício foi um dos criadores da feira do livro, ele perdeu uma filha, então esta poesia, nem gosto de dizer senão eu choro, acho emocionantíssima.

ALB: Imagino! Tu fizeste a tapeçaria em homenagem aos dois, de certa forma.

ZB: Sim, claro. É emocionante a poesia, depois tu lê. “E o vento vinha ventando pelas cortinas de tule”, é uma beleza. [voz embargou]

ALB: Depois eu vou procurar.

ZB: No livro *Canções*.

ALB: Começou bem cedo... Sobre a série, para eu entender um pouquinho. A série *Trans-figurações de Quintana* foi realizada especificamente para o espetáculo *Sobre Anjos e Grilos* ou ela já existia e a Deborah te fez o convite? Como é que foi?

ZB: Quando o Mario fez 80 anos eu fiz a instalação.

ALB: O *Universo de Mario Quintana*?

ZB: Nunca sei os nomes. Mas está no livro, tu viste, aquela que aparece, que é inspirada em diversas poesias. Tu entravas na instalação, aquela coisa.

ALB: Se tu tiveres mais registros, vou querer também. Tudo que estiver relacionado a ele.

ZB: Sim, sim, tenho fotografia. Esta instalação, fiz uma parte sugerindo um espelho, mas não tem nada atrás, tem uma bota que consegui lá no quartel, queriam me dar uma bota bonitinha e eu queria uma bota bem velha. [risos] É bonita esta instalação porque tu caminha, fiz do anjo Malaquias, que eu tenho um ali na sala. Fiz esta instalação primeiro e depois, *Homenagem a poetas*, não me lembro mais, se tinha alguma coisa relacionada com o centenário de nascimento do Mario, não sei, não importa, a gente vai ver a data, não sei se tinha alguma relação, mas gosto da poesia dele, e depois fiz a primeira instalação e esta série das monotipias. Primeiro a Deborah me convidou para fazer as imagens *Sobre Anjos e Grilos*, fiz algumas coisas e depois a instalação e então fiz muitas destas. Depois posso te mostrar outra hora, tem lá embaixo, anota aí, as imagens que se usou em *Sobre Anjos e Grilos*, que depois teve animação, não sei fazer animação, outra pessoa que fez.

ALB: Esta era outra pergunta, se tu acompanhou a realização das animações para a cenografia e se tu gostou do resultado, de como ficou.

ZB: É. Não muito. Algumas não foram bem feitas.

ALB: A animação ou?

ZB: A animação. A animação não foi bem feita. Como é que eu vou te dizer. Uma que as pessoas se abaixam para reverenciar a coca-cola, não sei porque não pude acompanhar, então, com aquelas quatro imagens, uma hora a gente pega e vê quantas exatamente, poderia se mudar a cor de algumas roupas, apareceria muito mais, depois também outro, quando a lua explode. Porque também ali poderia ser os mesmos elementos, no que tu muda de cor, ficariam diferentes. Então tem certas coisas assim, por exemplo, as nuvens, muda a imagem, as nuvens passam rápidas e depois no texto ela fala que as nuvens passam lentas e as nuvens continuam disparando, me irrita quando não tem uma conexão lógica, ou lógica artística, que é diferente da lógica matemática ou qualquer coisa.

ALB: Tu não estavas junto, ok.

ZB: Anota que eu te mostro outro dia estas imagens, que é bom que tu vejas.

ALB: Sim, se possível eu gostaria de ver a animação também. Infelizmente, não consegui ver a peça ainda, estou me informando para ver se consigo, tem alguns trechos na internet que consegui ver, mas a peça ainda não.

ZB: É? Que pena! Vale a pena.

ALB: Então, foi meio que surgindo em paralelo, tu já tinhas algumas coisas do Mario e aí ela te fez o convite e tu fizeste algumas específicas para a cenografia.

ZB: E ainda antes de *Sobre Anjos e Grilos* nós fizemos um espetáculo que contava coisas sobre o Mario Quintana e tinha imagens de algumas ilustrações que fiz.

ALB: Onde isso está documentado? Eu não vi. Tem um espetáculo anterior?

ZB: Pois é. E ela dizia as poesias, era isto, sabe?

ALB: Então esse não foi tão divulgado?

ZB: Foi. Até que foi, nós apresentamos três vezes aqui e depois uma vez no interior, numa feira do livro, mas não me lembro bem o nome deste espetáculo.

ALB: Foi com a Deborah também?

ZB: Foi sim, para depois aparecer *Sobre Anjos e Grilos*.

ALB: Ok, bom, a seleção das poesias e texto foi feita por você mesma, não chegou a seguir um roteiro? Da série *Trans-figurações de Quintana*.

ZB: Li que o Érico Veríssimo dizia que a gente não se enganasse com relação ao Mario, que ele parecia uma pessoa, mas que quando vestia o casaco, não conseguia esconder que era um anjo, entende, então, aqui fiz ele de costas com o cata-vento, com a mala, viajando, morrendo ou se integrando no cosmos, vamos dizer, e mala é trajetória, mala tem coisas da tua vida.

ALB: Sim, foi uma seleção que foi acontecendo, com trechos. [**ZB:** foi acontecendo]. Vi que o São Jorge foi porque o próprio Mario tinha comentado. Estou curiosa para ver as que não conheço, porque algumas eu já conhecia, não sei como são as outras.

ZB: Depois a outra que foi vendida, tenho a imagem, em preto e branco, que aparece muita coisa sobre o Mario Quintana e esta foi usada para fazer uma vinheta, alguma comemoração do Mario também, Mario anjo-poeta, agora quero fazer com ele o Gênesis, animação, ele faz animação... o Ronaldo Sabin na RBS. Eles fizeram uma animação para esta vinheta, baseada nesta imagem, acho que chamei *Universo de Mario*, bastante elementos que ele usa, branco e preto, e uma amiga minha que comprou, mas tenho essa imagem.

ALB: Ok. Estas imagens tu tens no computador, a gente conseguiria [**ZB:** em computador, sim] porque para mim seria importante ter uma dimensão assim de tudo o que tu fizeste sobre ele, para poder analisar.

ZB: Sim, sim. Agora como eu te digo, algumas coisas, quando fiz... O que vi que tenho certo são 25 imagens, que incluem, algumas coisas...

ALB: Na reportagem dizia que são 21 monotípias, 5 desenhos e uma instalação.

ZB: Sim, isso aconteceu mesmo. Por exemplo, eu não sei... barbaridade! Não sei se está emoldurada, acho que não, não sei se perdi, não sei. Uma linda, acho linda, qual é o escritor russo, que com 90 e poucos anos ele fugiu de casa, o Léon Tolstói, acho que é isso. E depois ele morreu na estação, como é o nome da estação?

ALB: A Gare de Astapovo, vi essa.

ZB: Achava lindo, porque fiz uma composição com o trem.

ALB: Eu vi a imagem na internet, ela é linda!

ZB: Tu viste a imagem onde?

ALB: Eu vi... no teu site! Teu site passei a limpo, fui um por um cada link, primeiro selecionei tudo que tinha relação com a literatura, descobri que é quase tudo, porque se tu considerares que mitologia é literatura, que Bíblia é literatura, quase todos os teus trabalhos estão relacionados. Fiz uma seleção de literatura, literatura mesmo, os escritores, peguei as do Kafka, a da Alice e depois peguei todas as do Mario. Claro que no teu site a imagem tem um determinado tamanho, se tu tiveres a imagem maior, nada substitui para mim que estou estudando ver a gravura, tocar, provavelmente, vou escolher algumas para fazer uma análise mais profunda e vou precisar ver e conversar mais contigo.

[Zoravia pega a agenda e caneta para anotar]

ALB: O de livros, por exemplo, o da loja. Não sei se ainda mantém isso, ou não?

ZB: Nunca fiz, teria que fazer.

ALB: Quem é que faz a manutenção do site?

ZB: Ninguém tá fazendo. Isso tem que falar com o Cristian, teria que por loja virtual. Mas isso é perigoso, vou te dizer porque, hoje eu pus coisas nos meus dois perfis [Facebook] e uma amiga minha queria comprar uma gravura que já foi vendida há anos, está no Rio de Janeiro a peça, não tenho tempo para fazer uma coisa assim, tais peças estão à venda.

ALB: Entendi, tem que fazer um inventário.

ZB: Teria que ter mais gente para me ajudar neste momento, tem muita coisa...

ALB: E o processo de criação, tu falaste um pouquinho sobre algumas, tu já tinhas trabalhos com o Mario, mas quando é que surgiu o desejo, essa série *Trans-figurações de Quintana*, essa série em específico? Que é de 2006.

ZB: Essa série? 2006? [pensativa]

ALB: Tu lembra como é que começou?

ZB: Acho que resolvi fazer a instalação, primeiro resolvi fazer a instalação, bom, tem uma historinha que sempre vai ser a mesma, não consigo fazer um trabalho só. Sim, trabalho

com séries, até encomendas já aconteceu, mesmo tapeçaria, que são longas para fazer, fiz uma encomenda e faço séries, acaba não ficando um trabalho isolado nunca, é horrível!

ALB: Para nós é ótimo, para teus fãs é ótimo!

ZB: Querida! Então, é assim, como eu fiz aquela instalação, já tinha feito algumas coisas do Mario, acho que não posso fazer uma coisa só, comecei a aumentar, a fazer mais coisas, acho que foi isso.

ALB: Entendi. Bom, tenho uma última perguntinha, a transdisciplinaridade no teu trabalho, esta relação com a literatura, com o teatro [**ZB:** com o cinema, com a música], ela ocorreu naturalmente ou tu buscaste essa transdisciplinaridade?

ZB: Não, aconteceu, aconteceu, mas acho que também tem raiz na minha infância, na minha adolescência, na minha vida, porque meu pai era uma pessoa com muita cultura, cultura humanística, e... ele até foi um precursor da ecologia, isto dito pelo queridíssimo Carneiro, que faleceu há pouco tempo. Um dia, eu estava chegando cedo numa assembleia da AGAPAN, e perguntei para o Carneiro, mas como é que tu começaste a te interessar pela ecologia, ambientalismo? Ele disse, a culpa é do teu pai. Comentou que meu pai era professor de geografia dele, era professor de latim, história, português, geografia e era advogado também, e ele disse que o meu pai ensinava de uma maneira tão progressista, de uma forma mais global, que os princípios de ecologia que anos depois ele conheceu, o meu pai já intuía e passava para os alunos.

ALB: Olha só, um visionário.

ZB: É, e aí... tu me perguntaste uma coisa e...

ALB: Se surgiu naturalmente...

ZB: Sim! Pois é. O meu pai conseguiu passar para mim o prazer pelo conhecimento, conhecer é uma coisa prazerosa, depois vi também que às vezes conhecer é poder, também eu digo, tomara que os índios consigam fazer uma série de coisas para dominar os brancos, que somos nós, para mim é a pior raça!

ALB: Estragamos tudo!

ZB: É! Acho que ele passou esta ideia das coisas que são interligadas, não só no conhecimento científico, mas no conhecimento artístico, acho que vem daí a causa.

ALB: Ele tinha uma visão...

ZB: Bem ampla de tudo, e isso me acompanha na minha vida, porque claro, estimulou esta parte, quando eu era presidente da Chico Lisboa, na minha segunda gestão, eu reabri a Chico Lisboa, ficou parada 15 anos, com um grupo de outros artistas, e depois tinha os assuntos da cultura aqui no RS que estava ligada à educação e aí colocaram os assuntos da cultura com

Desporto e Turismo, a classe artística desabou de ódio. A gente fazia reuniões, assembleias, lá no Clube de Cultura. Nessa época a Chico Lisboa estava desativada ainda, só quem participava lá de artes plásticas era a Vera Chaves Barcellos e eu, quem mais comandava lá era o pessoal do teatro, só que falavam muito, haviam muitas assembleias e as pessoas não se entendiam e acabou em nada. Fiquei até o fim e cada um justificou de uma maneira porque não aconteceu nada, pensei com meus botões, não houve liderança, nem comentei, mas eu estava certa, porque algum tempo depois, quando cancelaram coisas do Instituto Estadual dos Livros, programações, fechavam salões, e o Davi Machado era o regente da OSPA foi demitido, o Jader [Siqueira] era meu vice na Chico Lisboa, eu disse para os meus colegas, olha gente, nós podíamos fazer duas coisas: uma é ir para o jornal e televisão e apoiar os nossos colegas, mas podíamos fazer algo maior, que não sei onde vai chegar, mas sinto que tem clima psicológico. E sempre é assim, isso é minha opinião, uma coisa só acontece quando tem clima político e psicológico, as coisas são juntas, se tem os dois dá samba, terá outros, mas estes dois são fundamentais.

ALB: Então, ali tu já tinhas uma relação com toda a classe artística, que foi também política...

ZB: Neste momento, podemos fazer uma coisa maior, vocês é que decidem, e o pessoal disse, então vamos fazer algo maior, foi lamentável porque tinha a Maria Leda Macedo e o Francisco Macedo, ele historiador e ela professora da escola de arte, e eles saíram, eram mais velhos e tinham experiência de esquerda, mas se assustaram, uma pena. Fiquei eu com o pessoal e pensei, vamos reunir os setores da cultura, estava com aquele trauma das assembleias que depois não davam em nada, decidi não fazer assembleia, vamos listar as pessoas da área, da literatura, do teatro, do cinema, da música, então este espírito do meu pai, tudo era interligado.

ALB: E isso é muito evidente na arte atual, esta série é muito importante para mim, o que eu vou buscar no meu trabalho, esta relação entre literatura, artes visuais e teatro, porque acho fundamental isso que, de certa forma, durante muito tempo foi dividido, mas as pessoas estão novamente unindo, claro que com alguns percalços, às vezes não sai exatamente como a pessoa quer, mas acho que o trabalho final é muito bom e importante. Sou da área da educação, tenho formação em Letras, sei que tu também és arte-educadora, então fiquei curiosa, porque se fala muito de transdisciplinaridade nessa área, no caso, o que é possível atualmente nas escolas é a interdisciplinaridade, porque a *trans* é um nível acima. A arte consegue juntar de tal forma que não é possível separar, mas nas escolas ainda é incipiente, estão começando e achei muito interessante, pensei que vinha da educação, que tu trabalhas. Mas agora tu falaste o depoimento do teu pai e achei legal, porque realmente já é uma coisa que vem da formação da pessoa [a artista foi concordando durante toda a minha fala]

ZB: Estou te respondendo isso, mas nunca tinha pensando de onde é que surgiu, mas foi na infância. Então, terminando, se fez listas de pessoas de todas as áreas e cada um de nós ficou de procurar dez nomes, tinha poucas associações nesta época, depois se telefonava para a pessoa, se não tinha interesse já se abandonava. Depois a gente reuniu quem tinha interesse num determinado dia, quem veio é porque já estava sensível a isso, os escritores acabaram se organizando, quem não tinha associações, aí que começou o movimento gaúcho em defesa da cultura, a gente se opunha aos desmandos culturais e queríamos uma secretaria independente da educação, do desporto e turismo.

ALB: Para ter verba, para ter direitos...

ZB: Lógico! Foi uma luta intensa para que isso acontecesse.

ALB: Tu poderia me falar um pouco sobre cada uma, não todas, mas ao menos de uma ou duas, sobre a técnica, o processo de criação, que eu também acho isso muito interessante na tua carreira, tu começou com gravura, depois foi para o desenho, pintura, vi que tu ainda leciona com modelo vivo, que é importante para o desenho. Queria entender melhor, vamos pegar uma de exemplo.

ZB: Vou comentar esta aqui, o *Nascimento dos Poetas*. Os anjos que estupravam as mulheres formosas, acho que ficou bem mais sacana e erótico que os anjos são crianças e não adultos, ficou mais inusitado do que fazer os anjos adultos, que era mais previsível, digamos, depois escrevi Alan Poe, Rimbaud, Cruz e Souza, esta imagem tem alguma coisa relacionada com a lua ou algum símbolo que fiz, teria que ver o poema.

ALB: Esta é famosa!

ZB: É, a *Canção da Garoa*, o que eu posso comentar... parece chuva parelha, só que, tecnicamente, aqui é branco no escuro e aqui é preto no claro, aqui é claro e aqui é escuro.

ALB: Não entendo muito das técnicas, porque a minha formação é outra, a monotipia só é impressa uma vez, mas como é que funciona, com que material é feita?

ZB: [demonstrando] Por exemplo, eu quero fazer uma monotipia com isso, então, ponho na mesa, coloco um vidro, imobilizo o vidro e enxergo o que tem embaixo, pode ser preto e branco ou podia estar em cor, depois, vamos supor que aqui é verde amarelo e roxo, então, eu tenho o desenho das áreas de cada cor, ponho com a tinta guache a cor na área correspondente, prendo o papel, que levanto e abaixo, depois passo a tinta, abaixo o papel que está preso e faço pressão com a mão, levanto, pego a outra cor e assim [por diante].

ALB: O encaixe é parecido com o da gravura colorida.

[mostrando as imagens no computador]

ZB: E aqui também, o que está escrito aqui, em cima do telhado “pirulin pirulin lulin | um anjo todo molhado soluça no seu flautim”, está o anjo ali e o flautim. Comento às vezes com as pessoas, tu tem que conseguir o essencial de uma situação, ninguém diz assim, pois é, ele não está em cima do telhado, porque ele está em cima do muro, então não incomoda, não chega a estar em cima do telhado mas está no muro, podia ser neve, mas é chuva, então o guarda-chuva lembra mais e aqui podia ser o poeta que está escrevendo [no muro], e o tempo, sempre acho tão importante o tempo que tu pode representar de mil maneiras e essa é uma. Eu vejo que tu tens que colocar certas coisas essenciais.

ALB: Tu lembras o motivo do título da série, adorei porque vi que ele tem um hífen: *Trans-figurações de Quintana*.

ZB: Figurações... Ah, tem um hífen é?!

ALB: Sim, e eu achei fantástico!

ZB: Mas *trans* parece que indica movimento, mudança, figurações que mudam, que não são estáticas.

ALB: Eu tinha entendido justamente isso, porque não é uma simples figuração, não é uma ilustração literal, ainda mais por se tratar de poesia, ela transcende, e tem tudo a ver, transcende, transdisciplinar... eu amei! Ao menos vi em alguns lugares com hífen...

ZB: Claro!

ALB: Assim como o teu nome, já vi Zoravia com acento, sem acento, porque no jornal inclusive tem acento, mas estou confusa.

ZB: Mas é sem acento. Esta aqui é...

ALB: Esperança, esta é da menina de olhos verdes que pula, aí as pessoas olham e ela diz: tenho que explicar tudo de novo!

ZB: Puxa, é linda esta poesia!

ALB: Esta é da velha história, com o peixinho no bolso.

ZB: É, que tem quatro mãos, depois me inspirou para fazer uma serigrafia, *Descanso do Empresário*, que tem três mãos, mas inspirada nesta do Mario, achei um amor o peixinho, tão linda esta, e o sentido é profundíssimo, porque ele pensou, vou te devolver para os teus irmãos, mas não dava mais, já tinha passado do limite, eles eram mais unidos agora do que com a família dele, o tempo existe na relação também como elemento transformador das pessoas, das coisas. Mas eu quero te falar daquela outra!

[fechando e procurando a imagem]

ALB: A *Canção da Aia para o Filho do Rei*, esta eu também localizei a poesia, acho que a única que não localizei foi *Canção Vespertina*.

ZB: Mas eu illustrei essa? Com o quê?

ALB: Não te preocupa agora, depois que eu pegar as imagens, trago a apresentação, a gente senta e vai olhando uma por uma.

ZB: Esta aqui tem tanto movimento e tanta ternura, mesmo os dragões estão distantes.

ALB: São quase inofensivos!

ZB: Porque eles estão longe! [risos]

[pegamos o livro sobre ela para ver mais imagens]

ALB: Eu acho que só tem essa foto da instalação aqui no livro, encontrei mais na internet. Na internet tem o da bota, eu vi.

ZB: Claro, aqui que eu te disse, que sugere o espelho, mas não é, é furado aqui, parece uma janela e dá a sensação que tem a janela refletida e a bota primeiro. Aqui tá inspirado em cinco poesias! E o baú das velhinhas, das avozinhas mortas lá atrás. Escrevi isto, neste pequeníssimo depoimento que vou te mandar, tem as seis imagens aqui.

ALB: Esta tu vendeste já?

ZB: Não, esta eu não vendi.

ALB: [vendo a imagem no livro] Esta instalação é só assim ou tem mais algum elemento? É só a imagem com os cata-ventos na frente?

ZB: Este anjo é solto.

ALB: Fantástico! E esta tu tens ainda?

ZB: Sim.

ALB: E como tu falou, esta tem todo o Mario. Tem a escola, que ele não frequentava, da cidade...

ZB: O baú, os chapéus...

Entrevista 2

Aconteceu no dia 16 de Maio de 2014, às 16h, na casa da artista. Ela estava trabalhando com dois assistentes naquele dia, percebi que havia muitas atividades e que a agenda do dia estava lotada. Mesmo assim, ela me recebeu com toda atenção e respondeu calmamente as minhas perguntas. Conversamos pouco mais de uma hora, só paramos com a chegada do fisioterapeuta, ficando algumas imagens da animação para o cenário da peça *Sobre Anjos e Grilos* para serem observadas numa próxima visita.

Transcrição

ALB: Em que outros projetos você estava envolvida em 2006?

ZB: Ah! No meu caso tudo é possível rastrear, mas responder assim... não sei te dizer. Sempre tem muita coisa, sempre estou envolvida em vários projetos. Eu teria que procurar para te dizer melhor.

ALB: Não tem problema. E na tua vida pessoal? Como foram estes anos para ti, desde 2000.

ZB: Resolvi me mudar e tinha três possibilidades, uma era voltar a morar em São Paulo, que nos últimos sete anos de Brasil eu morei lá. Pensava também em morar em Parati, adoro Parati e fui muitas vezes lá para fazer trabalhos de um livro, que nunca aconteceu por falta de patrocínio, tem muitos projetos assim na minha vida... as traças comendo. Mas, Parati não tem vida cultural, teria que ficar muito tempo na estrada, já tive dois acidentes de táxi. Aqui é mais fácil, hoje vou ao teatro, são 4h, começa às 7h e termina às 11h, pego um táxi ou uma carona, é mais fácil, lá teria que ir para o Rio de Janeiro ou São Paulo para ir ao teatro ou ao cinema, então, resolvi voltar para Porto Alegre. As raízes no ser humano são coisas muito fortes, eu acho ótimo, tem gente que se rebela contra as suas raízes, por um ou vários motivos. Aqui tenho amigos de toda a vida e novos amigos, estou sempre envolvida, se bem que em qualquer lugar eu me envolvo em projetos coletivos: culturais, sociais, artísticos; e aqui estou sempre envolvida, então acho que fiz uma boa escolha.

ALB: Tu veio morar aqui em Porto Alegre, depois em 2006 se mudou para cá e teve a abertura do estúdio. Como foi esta abertura, me conta o que isso significou, o que ampliou de possibilidades na tua carreira.

ZB: Por um lado, pude reunir as coisas que tinha em três lugares: em São Paulo, ficaram 15 anos em depósito, houveram roubos e destruições nas dependências da transportadora Confiança, esse nome irônico. Tinham coisas na casa da minha filha e na casa da minha irmã, então, as coisas vieram para cá. Antes de morar aqui, morei na casa da minha irmã, na Vasco da Gama, depois aluguei um apartamento, no térreo, bem grande, que tinha dois pátios e era tanta coisa, que conversei com o proprietário e construí uma casinha de madeira para colocar as coisas, porque não cabia no apartamento.

ALB: Tinha um problema de espaço...

ZB: Claro! Comprei esta casa e até doe a casinha que tinha construído para a Associação Cristal Florido, para as pessoas no Colégio Neusa Brizolla, da Cavahada, que é

aqui perto. Então, pude juntar as minhas coisas aqui, mesmo assim é pequena, só para ter uma ideia, foram oito caminhões de mudança.

ALB: Nossa!

ZB: As pessoas riam quando eu dizia que a casa tinha duzentos metros quadrados e que era pequena, elas diziam: - Imagina, tu moras sozinha! Tem coisas lá atrás, tem em tudo que é canto coisas que não são mobília, é por isso que quero construir uma casa para ter mais condições, como já tive. Condições mais adequadas para casa de artista, atelier, iluminação, mil coisas!

ALB: Para armazenar corretamente.

ZB: Mas é claro!

ALB: Vamos ver as fotos aqui e tu me fala um pouco sobre este evento de abertura, tu viste que encontrei a notícia no jornal?

ZB: Sim.

[assistente interrompe brevemente para questionar sobre uma doação de gravura para o Hospital do Câncer]

ZB: Naquele dia do evento estava anunciando chuva, ao invés de alugar gazebos, eu comprei dois gazebos e pus aqui na frente, depois até não choveu muito, mas são coisas que temos que prever, porque o local era pequeno. Foi uma noite especial e meio triste, porque fiz uma homenagem para a Tania Carvalhal que tinha traduzido a obra do Mario e era minha amiga, tinha a família dela aqui, o marido e um filho. Para mim foi triste, porque... [hesitação]

ALB: Porque ela não estava presente.

ZB: É. A Deborah Finocchiaro recitou algumas poesias, foi lindo! Todo mundo gostou bastante. Algumas poesias do Mario Quintana, isso foi uma coisa bonita. E foi bem animado, fiz um cocktail, eu nunca convido para cocktail, mas sempre faço. Foi bem concorrida a inauguração.

ALB: Então, teve bastante público.

ZB: Sim. As fotos não estão muito boas, mas dá para ver.

[observamos as fotos e ela comentou sobre algumas pessoas presentes]

ALB: Eu vi que tem o convite também.

ZB: Sim, pena que não encontro, fiz um banner para colocar na sacada.

ALB: Tu só tens estas fotos ou tem algum outro registro? Teve cobertura externa do evento?

ZB: Não. Hoje em dia todo mundo é louco, todo mundo tem [máquina fotográfica], mas aqui foram todas do mesmo ângulo, teria que ter uma outra pessoa, porque não tinha como passar entre o público.

[observamos mais fotos]

ZB: Acho também que eu expus esta série do Mario Quintana naquele espaço lá no DC, no Teatro Novo.

ALB: Vou verificar. Lembro que vi uma notícia sobre um evento teu lá, só não sei se foi do Mario, porque não encontrei fotos.

ZB: Acho que sim. Depois eu expus também em Parati, tem que ver o local.

ALB: Esta exposição foi a inauguração do teu estúdio, mas tu já tinhas feito outras coisas aqui?

ZB: Sim, morei um tempo lá na Padre Chagas antes.

ALB: Tenho uma curiosidade, tu tem algum diário, registro, tu costuma anotar sobre os eventos?

ZB: Não, nada. Tem gente que coloca livro, para as pessoas escreverem alguma coisa, mas eu não, porque nunca ia conseguir tempo para ler!

ALB: Tu lembras se colocou nesta exposição?

ZB: Não lembro!

ALB: É que seria um registro importante para mim.

ZB: Às vezes eu ponho, mas fica tão discreto, que o pessoal não vê, aí tem que ficar alguém dizendo: - Assina o livro. Eu acho ruim!

ALB: De todas estas obras, vou precisar fazer uma legenda direitinho, com as informações sobre título, tamanho e localização.

ZB: Sim, tenho tudo. Pede para o Cristian que ele te mande algumas coisas que estão disponíveis para venda, a relação, porque ali tem os tamanhos.

ALB: E as que tu vendeste, tu sabe na coleção de quem?

ZB: Algumas coisas sim, eu me lembro, mas também dá para rastrear pelas fichas dos meus clientes.

ALB: Porque seria importante reunir os dados corretos para a legenda, como é um trabalho acadêmico, a gente tem toda esta preocupação.

ZB: Sim, tenho que anotar.

ALB: Depois envio um e-mail lembrando.

[mostrei o material que fiz, correlacionando as imagens da série com as referências]

ZB: Muitas têm o mesmo tamanho do papel.

ALB: Percebi que algumas se repetem, além da série, tu fizeste uns cartões postais específicos para a peça.

ZB: Sim, a partir dos trabalhos.

ALB: Eles eram vendidos para o público?

ZB: Sim.

[conversamos sobre as poesias e seus referenciais, confirmando ou corrigindo atribuições, ela me esclareceu que aproveitou o material que foi fazendo em separado para a série de 2006]

ALB: Os postais foram monotipias também ou outra técnica?

ZB: Foram feitos a partir da imagem.

ALB: Esta instalação foi em homenagem aos 80 anos do Mario? [mostrando a imagem]

ZB: Tem os nomes que eu pus no Face [Facebook], aqui a planta baixa.

ALB: Eu vi que elas estão lá, depois vou olhar então. Não sei se elas têm alguma poesia em específico?

ZB: Sim, sim!

ALB: Ok, com o nome eu localizo.

ZB: Esta é uma composição, não é uma poesia. Através do espelho, só para tu saber, eu cortei o pano, tem uma bota aqui com flores, ali atrás tem os cata-ventos, não sei se é uma poesia, que resolvi fazer uma *assemblage* nesta aqui. Atrás, esta parte é pintada e aqui eu fiz um baú com chapéu, com coisas, tudo em preto e branco, isso também é uma *assemblage*, e aqui são painéis. Aqui no cartão postal puseram cores, na gráfica, o vestido dela vai até aqui, nesta parte e não pintaram!

ALB: Acharam que era uma calça! Sim, agora eu entendi, porque estava tentando correlacionar com as poesias.

ZB: Sim.

ALB: Gostaria de saber se tem alguma ligação a escolha da técnica e o conteúdo, ou se tu acabas fazendo de acordo com o que tu tá trabalhando mais no momento. Por quê monotipia? Ou desenho com nanquim?

ZB: Pena que nós não temos registro. Quando, em 1958, eu participei de um concurso de poesia em Piriapolis, no Uruguai, pertencia ao grupo Quixote, de poesia, foi até uma situação engraçada, acho que era em Janeiro, uma semana inteira Interamericana em Piriapolis, os poetas todos tiraram férias para ir, eu sempre trabalhei só por minha conta, mas mudaram para março, se não me engano, então, só eu que fui! Nós íamos de ônibus, todo mundo, mas como só eu ia, não sei quem era o diretor, o presidente do Grupo Quixote, fez um ofício pedindo uma passagem

para mim no Planalto, na Casa Civil, porque eu ia representando o grupo Quixote. Falei com o chefe de gabinete do prefeito, não lembro mais quem era, e ele disse: Ai Senhorita, não podemos dar a passagem. E quando ele estava me acompanhando, para a saída, me falou: Pois é, a senhora sabe, que nós pagamos não sei quanto (a importância era grande), para um time de futebol. Sabe o que eu fiz? Voltei e me sentei, ele foi obrigado a sentar e eu disse: O senhor sabe que o que o senhor está me dizendo é um absurdo, isto é o retrato do Brasil, para esporte, e no Brasil esporte é futebol, não é uma gama variada, e para uma passagem, uma pessoa que vai representar um grupo no exterior, de poetas e eu sou artista plástica, não tem dinheiro? Isto é uma vergonha! E aí ele me deu a passagem!

ALB: É!?

ZB: Sim, porque eu estava fazendo escândalo.

ALB: Isso irrita! Tu vais com boa educação, tu não consegue...

ZB: Eu bem mocinha, com esta reação, imagina! Depois ele ficou até meu amigo, eu encontrava ele em teatro, ele viu que comigo era bem difícil fazer besteira.

ALB: Sim, tu foste representar o Brasil lá.

ZB: Então, o que eu apresentei lá, do Mario apresentei a canção do baú, as velhinhas mortas, não sei o quê, e fiz em aguada e aquarela a ilustração, usei tons de cinza, preto e um pouco de amarelo, que para mim significava um pouco melancolia, o clima da poesia, depois essa eu pus o dragão, da Canção da Aia, acho que eram só estas duas, depois dos outros eu fiz pintura, monotipia, aguada, já muitas técnicas desta exposição. Fiz algumas ilustrações para jornal, do Mario, não lembro exatamente. Depois, em que ano foi? Eu fiz duas do Anjo Malaquias, que tá ali [**ALB:** em 1984] e tem muita gestualidade com o nanquim, e Poema III – Rua dos Cataventos, não sei bem porquê, acho que era aniversário do Mario, depois eu fiz a instalação, que ano? [**ALB:** 1986] Bom, agora não sei te responder muito bem, acho que estava fazendo outros trabalhos com nanquim, então fiz estas duas. A instalação fiz estruturas metálicas, e grande, e até gostaria de doar, primeiro eu queria vender e não consegui, depois quis doar para a Casa de Cultura Mario Quintana e eles acharam horrível, que não tinha espaço e não sei o quê.

ALB: Imagina! Eu justamente tinha pensado nisso, como é que não fizeram uma campanha para a [Casa de Cultura] Mario Quintana adquirir estas obras! Porque deveriam ter a coleção inteira no meu entender!

ZB: No caso, só tinha a instalação nessa época e mesmo assim não quiseram, até atrapalhava para eles lá, não adianta, a mentalidade... Depois, não sei como comecei a fazer, a Deborah sabia que eu tinha feito algumas coisas sobre o Mario Quintana e convidou para fazer

o espetáculo, que eu já te disse, ela falava poesia e eu mostrava um pouco do meu trabalho, nós fizemos duas ou três vezes na Mario Quintana, depois numa feira do livro no interior, será que foi Paraí, depois outra cidade que não lembro o nome...

ALB: Isso foi em 2000? Porque a *Sobre Anjos e Grilos* foi em 2006.

ZB: Foi antes de 2006, aí que ela resolveu fazer o espetáculo, começou a conhecer mais o Mario Quintana e ela me pediu para fazer as imagens para a cenografia e também este conjunto aqui dos postais. Completei mais material para fazer a exposição aqui em casa, as coisas foram se acumulando.

ALB: Entendi!

ZB: Depois fazia grande, pequeno, começava a fazer pequeno, depois eu gostava e ampliava.

ALB: Então as técnicas são as que tu estavas usando no momento?

ZB: É, foi acontecendo.

ALB: Uma última perguntinha. Eu escolhi três obras e quero ouvir a tua fala sobre elas, sobre tudo, a técnica, o processo de criação, é: a *Esperança*, a *Caminhos* e a instalação *Universo de Mario Quintana*, que eu achei que era pequena, mas vi pelas fotos da exposição que ela é grande.

ZB: É, é grande sim. Eu fiz numa tela, ela é pintada numa tela, com tinta acrílica preta, este anjo aqui é separado, parece que está junto na fotografia, mas ele é em outro plano e os cata-ventos em outro plano, tem aqui a colagem da figura do Mario, e tem o baú que ele guarda recordações, o chapéu, as fotografias, que o Mario faz muita referência a fotografia, a caveira que é a morte, as ruas, as igrejas, os livros que ele escreveu, as flores, acho assim, que isto é um pouco relacionado com o universo dele, do Mario. A outra?

ALB: A *Caminhos*, que tu já tinhas comentado que parece os Veríssimos.

ZB: Esta fiz com nanquim e com lápis de cor, procurei fazer nos dois planos, o rei indo e a outra personagem voltando.

[li a poesia e ela identificou que não era aquela, tinha uma outra que falava de rei, religioso e a árvore se manteve]

ZB: Falava que era um caminho importante, que passava o rei com seu séquito, que é esta imagem e tinha uma árvore, depois a árvore foi crescendo e o caminho ficou menos importante, e depois passavam os santos.

ALB: Que bom que eu trouxe, já procuro a outra, também tinha achado estranho. O Mario repetia alguns temas...

ZB: Sim, todo artista repete.

ALB: Vamos ver se a *Esperança* está certa. [leio a poesia]

ZB: Acho lindo isso!

ALB: Eu vi que tu fizeste duas.

ZB: Gostei mais da rosa do que da laranja. Esta é de monotipia, mas depois tem alguns retoques que fiz com pena, estes reforços, é o momento quando ela desce, ela se joga e renasce, é uma menina que chama muito a atenção da multidão, meio palco também, é a figura principal.

ALB: E ela tem um bambolê na mão mesmo?

ZB: Sim, sim.

ALB: Que fofinho!

ZB: Para que uma boneca, ela já é uma boneca, coloquei o bambolê!

ALB: Agora vou trabalhar com o material que tenho, então, provavelmente vou demorar um pouquinho para marcar novamente. Também quero que tu se recuperes bem.

ZB: Tu tens que ficar à vontade!

ALB: Os postais têm alguma coisa no verso?

ZB: Sim, sempre tem, mas às vezes não têm nada a ver. Vai sair um CD com as imagens da *Sobre Anjos e Grilos*. Eu queria te mostrar as imagens que fiz para a peça.

[fotografei parte do material, outros ela me emprestou para escanear]

ZB: Com a Deborah nós chamamos *Quintanares* a plasticidade da poesia, pronto! É que passa o tempo e não dá, é muita coisa para lembrar! Eu falava de muitas pessoas, isto aqui era o roteiro que tínhamos. Esta imagem aqui, que o pessoal se abaixa para reverenciar a Coca-Cola, eu tive que fazer três figuras para conseguir dar a sensação do movimento.

[olhando jornais, lembrando, selecionando]

ZB: Começou assim, o nome era horrível, que não deu para guardar, era Sarau Visual Palc Plast Poes, Palco, Plasticidade e Poesia, um imbróglio sem monopólio, Quintana, Deborah, Zoravia, mas a gente achou muito difícil, não se guardava este nome, está até inteligente, foi o Fraga que fez, mas não se guardava, aí não adianta e mudamos.

[procurando os desenhos coloridos feitos para a animação da peça]

Entrevista com Deborah Finocchiaro

Entrevista 3

Foi realizada no dia 15 de Agosto de 2014, às 16h, na casa da artista e durou quase uma hora. A atriz foi muito receptiva, mesmo estando cheia de compromissos com a nova peça, conversamos e ela me disponibilizou alguns materiais.

ALB: [me apresentei e a pesquisa] Você já fez ou planeja fazer outras peças sobre literatura ou poesia?

DF: Sim. Tenho o desejo de fazer vários autores, mas entre eles o mais próximo, que talvez venha a ser um dos meus próximos projetos é o Caio Fernando Abreu. Quero fazer uma peça em cima da obra do Caio, no mesmo formato do Anjos. Tem vários autores que me interessam, trabalho muito com leituras, com recitais, sou muito encantada com o Drummond, acho que um trabalho em cima da obra dele seria genial. Outro trabalho que faz parte de um de nossos projetos é sobre a obra do Cláudio Levitan, que é gaúcho, além de ser um desenhista maravilhoso, ilustrador e músico, é escritor e tem várias obras infantis, então a gente é muito a fim de fazer (ele e eu) um espetáculo infantil, com literatura, música, a gente tem a ideia da concepção, ele é um cara incrível, se tu não conhece, ele é genial, é muito bom e desenha que é um louco. Meu trabalho é muito ligado a isso, às coisas que me mobilizam, a minha peça nova que estreia agora no dia 10 de Setembro eu cito algumas coisas, por exemplo, o Bicho, do Manuel Bandeira, cito Saramago, a poesia está muito [presente], trabalho muito com esta transcrição, acho legal a dramaturgia, tem mil coisas que eu gosto, mas o que mais me mobiliza a fazer teatro são os temas, o que estou dizendo, e no Quintana encontrei a voz para dizer um monte de coisas que quero dizer, do que acredito, através dele digo muito do que eu acredito, aliás, tudo que digo lá é porque acredito, absolutamente tudo. Me revelo muito através do que escolho fazer.

ALB: Bom, então esta tua relação com a literatura já é natural, tu sempre trabalhaste com isso, gosta de ler poesia pelo que percebo.

DF: Eu gravo muita coisa, por exemplo, o Luiz Coronel sempre me chama para gravar os CDs dele, a gente tem vários recitais juntos que ele me chama para fazer, é muito ligada esta coisa, eu gosto da palavra, para mim é muito fluente esta coisa da leitura, de fazer leituras encenadas, deste uso da palavra, de comunicar através da minha voz e da minha expressão a ideia do outro, potencializar a ideia do outro, é isso que eu sinto.

ALB: E com as artes plásticas, como começou a tua relação com o trabalho da Zoravia?

DF: O trabalho da Zoravia eu conheço há muito tempo, inclusive foi por causa da filha dela, que era amiga da minha irmã, da família, que comecei a fazer teatro, a Nora Prado. Um dia ela me disse: - Por que tu não vai fazer teatro? Eu estava tocando violão para ela e para minha irmã. Tinha 18 anos e disse: - Que teatro, bem capaz, nem ia no teatro, nem gostava de teatro, nem sabia, por causa da Nora fui fazer uma oficina e acabei fazendo teatro.

ALB: Que surpreendente!

DF: E a Zoravia eu já conhecia a obra dela, admirava, em 2005 a gente habitava a Usina do Gasômetro, o Grupo dos Cinco, meu grupo na época, foi o primeiro grupo a ser chamado lá, pelo Caco Coelho, em contrapartida tinha que dar um evento por semana, foi maravilhoso por um lado e mega desgastante por outro, e entre milhões de projetos que inventei lá, tinha o sarau visual. A ideia era convidar um artista plástico, pegar alguém da literatura ou um poeta e um ator e, através do ator e do artista plástico, expressar esta transcrição mesmo, que eu chamo, e este sarau visual, entre outros, teve com o Leandro Selister, com a Belloni... e com a Zoravia fiz o sarau visual Quintanarte, quando chamei a Zoravia, nesse meio tempo já estava encantada com o Quintana, por causa do sarau Sexta em Verso, que era um projeto mensal no centro cultural CEEE Érico Veríssimo, que era com o Mario Pirata e eu, apresentávamos e sempre tinha um convidado de fora e um poeta homenageado, por exemplo, o convidado era o Jorge Mautner e o homenageado era o Osvald de Andrade, a Cecília Meireles era homenageada e a convidada era a Alice Ruiz. Eu tinha me encantado muito com o roteiro que o Pirata tinha feito do Quintana, que foi o que me motivou a conhecer mais a obra do Quintana, que eu não conhecia quase, e pirei quando vi aquele roteiro, comecei a ir atrás da obra dele, a Joana Carmem me emprestou uma revista com entrevistas dele e aí deu! Nesse interim, a Nicéia Brasil, que era diretora do Centro Cultural Érico Veríssimo, eu falando para ela que queria fazer uma peça sobre poesia e ela me sugeriu: - Por que tu não fazes do Quintana? Vai estar no centenário dele. Quando ela me falou isso eu estava no meio daquele monte de livro do Quintana e disse: - Puxa vida, esse cara é demais e é só ele! Nesse meio tempo convidei a Zoravia para fazer o sarau visual e ela veio me dizer que tinha obras sobre o Quintana, eu disse: - Ah! Não acredito! Fechou! E foi assim que rolou a história com a Zoravia. Uma pessoa que não citei, da literatura, que é minha parceira, é a Rosina Duarte, que é uma jornalista, pesquisadora, mentora do Jornal Boca de Rua, entre outros, da ONG Alice que tem um trabalho divino, ela faz trabalho com várias pessoas que são ignoradas pela sociedade, com meninos de rua, prostitutas, idosos, presidiários, ela tem um trabalho genial e ela que escreveu um dos trabalhos que eu faço que é

Histórias de um Canto do Mundo – Memórias de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, até tem um CD, depois te dou um exemplar para ti ter uma ideia do trabalho.

ALB: Foi uma convergência, foi todo mundo envolvido... então, a Zoravia comentou que tinha uma peça anterior sobre o Mario, acredito que seja essa na Usina só tinha outro nome Palc Plast Poa [**DF:** sim, era essa]. O roteiro deste sarau era teu?

DF: Era meu em cima das obras dela também, além das obras existentes ela ainda fez algumas exclusivas para nosso sarau, a gente apresentou em algumas feiras do livro, em Santa Maria, na Casa de Cultura Mario Quintana...

ALB: Isso eu também ia te perguntar, se tu tens mais registros sobre este sarau, eu só consegui uma nota no jornal e gostaria de incluir no meu trabalho, como também tem relação, porque é onde começou a se formar este embrião do *Sobre Anjos e Grilos*.

DF: Tenho o release, matéria de jornal não sei se tenho, mas devo ter algumas fotos.

ALB: Se tu tiveres, tu pode me encaminhar? Gostaria de ter este material, para montar esta história, onde as obras estão relacionadas com a peça.

DF: Mas ela já tinha estas obras antes, a maioria, estas do sarau, daí para o *Anjo* sim ela fez tudo, com exceção de alguma coisa que usei do que ela já tinha.

ALB: Foi solicitado então a criação de obras específicas?

DF: Foi tudo, tudo é inédito, aquelas imagens que viraram animação.

ALB: Esta série, *Trans-figurações de Quintana* foi usada na abertura do estúdio atual da Zoravia, eu sei que tu participaste do evento, gostaria que tu me contasses como foi a participação, como foi a abertura...

DF: Foi na casa dela, na ocasião ela me chamou e eu li alguns poemas de Quintana, não lembro muita coisa na verdade, foi super legal, tinha muita gente, foi bem bacana assim, ela ofereceu um cocktail, e aí li algumas coisas do Quintana, li não, falei, porque eu sei de cor.

ALB: Gostaria que tu me explicasses um pouco, porque eu não sou da área, sobre a importância do cenário, nesta peça em específico, por ser um monólogo.

DF: Na peça eu contraceno com o cenário, com aquela tela, que a gente escolheu que fosse transparente para usar a projeção por trás, a luz é fundamental e a trilha conta a história comigo, então é uma peça onde as linguagens se cruzam de maneira fluente, isso que é legal do *Anjos*, não é um fundo musical e tampouco um cenário fora, não é um desenho que só compõe, eu contraceno com aquelas imagens, acho que esta é a riqueza do espetáculo, elas confluem, acho que pode ser bacana ler as críticas da peça, posso te mandar, acho bom fazer isso agora. Posso te dar um material da peça, onde tem várias críticas, [**ALB:** li algumas no site] posso te dar o material pronto, acho que vai te ajudar bastante.

ALB: Minha próxima pergunta tu acabaste já me respondendo, que é se a transdisciplinaridade é essencial para o teu trabalho, para quem vê o espetáculo é óbvio, mas me fala sobre esta tua relação com as outras artes, tu podias ter feito outras escolhas, talvez só biográficas, mas tu optou por realmente recriar o universo dele, me conta um pouco mais sobre a peça.

DF: Isso já faz muito parte da minha linguagem, é uma característica do meu trabalho essa mistura de linguagens, gosto muito de música, eu toco também, acho que tudo conflui para uma ideia, como contar uma história, minha próxima peça que estreia dia 10 de Setembro no Porto Alegre em Cena, no Teatro São Pedro, o GPS Gaza, é também um espetáculo completamente híbrido, com imagens filmadas, dessa vez não é desenho, eu contraceno com estas imagens, tanto com os outros atores que estão ali quanto comigo mesma, além de outras imagens projetadas e com a trilha também. Especialmente o *Sobre Anjos*, quando comecei a conceber o espetáculo as imagens já vinham na minha cabeça, estavam prontas em algum lugar do planeta, do mundo, ou de outros planetas, porque as imagens já vinham, eu pensava no poema e já via a cena, ela foi criada na minha mente, ou melhor, como se tivesse recebido isso, porque 90% das cenas estavam prontas, eu pensava no poema e já enxergava, a primeira imagem que tive foi a que eu falo “Quem foi que disse que a poesia é apenas agreste avena” que começa a surgir umas asas [**ALB:** o Nascimento dos poetas] e eu lembrava daquele filme *Asas do Desejo*, e me via em cima de uma torre e as asas começavam a crescer, me via agachada, como não dava para ter uma torre na cena, acabou sendo o que é hoje, ao invés das asas crescerem elas vão surgindo na cena, eu tinha as ideias e fui concretizando, não foi um espetáculo criado através de improvisação, foi um espetáculo criado através das minhas ideias, total, completamente conceitual. Chamei um diretor para me olhar de fora, o Jessé Oliveira, porque eu não ia conseguir ensaiar sozinha, o Jessé foi de grande valia na primeira fase do trabalho, que foram os ensaios, ele ficava como olho de fora, me ajudou a construir, a pensar na luz, a iluminação é ele que assina, junto com o Fabrício, que depois foi aprimorando o trabalho do Jessé, e também ajudou a pensar como seria esta tela, esta construção foi dada junto, ele contribuiu para eu conseguir concretizar as minhas ideias e depois o Chico Ferreti foi fundamental, a trilha dele é essencial para a peça, tanto que estou fazendo um CD agora, que foi aprovado pelo FUMPROARTE, se tu quiser posso te ceder algum áudio do CD, para ti pões no teu trabalho.

ALB: Eu estava muito ansiosa para ver a peça, com medo de não conseguir, vi vários trechos e esta foi a minha intuição, que o cenário era quase um personagem, [**DF:** é], não era só uma ilustração, que é um pouco o que a Zoravia faz, ela realmente transfigura o Mario. Tenho

uma curiosidade, quanto tempo demorou entre as conversas iniciais até a realização do espetáculo?

DF: Foi em 2004 que começou a surgir a ideia, no início de 2005 eu estava começando a ler e fazendo anotações, tenho um bloco repleto de anotações das coisas que lia dele. Daí em 2005 foi quando rolou este sarau com a Zoravia e em 2006 estreei a peça, foi um processo de ensaio mesmo, não sei se chegou a ter 30 ensaios, mas foram muitos dias de envolvimento, com o Alcir que assinou a animação, acompanhei todo o processo, faz muito parte da minha história estar sempre junto de tudo, no CD estou lá com a mixagem.

ALB: Tu acompanhaste o processo da animação?

DF: Tudo. Por isso que assino a direção com ele, a direção dele foi muito mais um olhar de fora, mas a direção geral é minha, eu que acompanhei tudo, que encomendei as imagens, dizia como queria a animação, estabelecia como seria, passei todas as referências para o Chico, fui no estúdio com ele fazer as correções do que teria que ser adaptado, tudo, tudo, nisso o Jessé não se envolveu.

ALB: O roteiro também é teu?

DF: Sim, o roteiro é meu.